

Você precisava saber



GISELE SERVARE



PERIGOSAS NACIONAIS

Você precisava saber
Gisele Servare

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Este livro dedico aos amigos,
que tornaram minha vida mais doce.*

PERIGOSAS ACHERON

1-

Quase não acreditei quando abri a porta e dei de cara com Adriano. Meu Deus, quantos anos haviam se passado sem que eu o tivesse visto pessoalmente, fora do circuito de mídias sociais. E agora, depois de sua visita, preciso de um tempo para me recuperar. Para que minhas pernas parem de tremer, meu coração se acalme e não me deixe tonta por tantos sentimentos simultâneos e contraditórios – amor e ódio, admiração e respeito, culpa e inocência. Saudade.

Adriano falou pouco, como sempre. Estava visivelmente desconcertado, mas acima de tudo, estava triste e cansado. Todas as batalhas que enfrentava nesse momento podiam ler lidas em seu rosto, na sua postura, no seu caminhar. Seu grande amor lutava pela vida e queria fazer as pazes com a consciência, por isso, pediu-lhe para procurar-

PERIGOSAS ACHERON

me. Era necessário que ela fechasse esse ciclo da maneira certa. Aí entrava a minha parte: eu precisava perdoá-la.

“Mas perdoá-la pelo quê”, eu perguntei, ao que ele não quis adiantar muita coisa. Pensei na nossa separação, no passado. Em outras separações, que foram mais fortes que a vida. Mas não havia, no meu entender, culpados. Sem culpa, não há necessidade de perdão.

“Por favor, Duda, vá vê-la.”, ele me implorou, na porta antes de sair, beijando minha testa, da mesma forma que fazia há 30 anos. E me entregou um envelope.

De alguma forma, senti o peso das palavras contidas ali dentro sem mesmo abri-lo. Quando tive coragem e o abri, senti o passado me golpeando forte, materializando-se à minha frente como um fenômeno paranormal, adquirindo contornos, peso, vozes de um tempo esquecido.

Tantas lembranças metralhando minha memória, afobadas para me mostrarem o que eu nunca quis ver. E aquela mensagem.

“Duda, estive de posse de partes de seu passado e de algumas coisas que te pertencem. Quero devolvê-las, mas precisamos conversar. Não demore. Não sei se tenho muito tempo. Uma das coisas já te envio agora. Perdoe-me. Você precisava saber. ”

Mais tarde liguei para Adriano e confirmei minha visita, com uma condição.

“Vou escrever minha história. E ela terá que lê-la”. Era o meu preço, com o que ele concordou sem discussão, aliviado por eu ter tido a coragem de vê-la em um estado tão fragilizado. Não acredito que Adriano tenha entendido o que eu acabara de dizer. Ele talvez estivesse pensando que eu escreveria mais um livro – como tantos outros que já publicara em minha vida – desta vez

baseado em fatos de nossa vida. Mas não era essa a minha intenção.

Foi por isso que comecei a escrever. Não pensei em puni-la, mas se devo perdoá-la, ela deve saber de mim. Se ela diz que esteve de posse de partes do meu passado, precisa revisitá-lo. Eu precisava preencher hiatos que o tempo construiu. Apresentar-lhe os novos personagens da minha história. Nossa história.

Vou começar pelo bilhete de Léo, que era a primeira das coisas que ela me devolvia, mais de trinta anos depois. Meu primeiro talismã. Que, hoje eu sei, fora roubado por ela.

2-

1983. Minha vida girava, aos 11 anos, em torno das minhas amigas Marcela e Fabiana, que chamávamos de Bibi, e das revoluções hormonais pelas quais já passávamos: enquanto os meninos da nossa idade continuavam os moleques magrelos de sempre, em nós, meninas, a puberdade chegava sem dó. De repente, nossos corpos começaram a ganhar contornos e volumes desconhecidos, e algumas de nós já tinham que usar até sutiã.

Eu já tinha um, aliás já há dois anos. Não porque tivesse algo para preenchê-lo, mas a minha tia Lu havia me dado pelo aniversário de nove anos. Esse presente causou muita confusão: no meio da festa eu abri a caixa e primeiramente não entendi o que era. Minha mãe correu para pegar o pacote da minha mão, meus primos mais velhos começaram a rir da minha cara gritando “peito!

PERIGOSAS ACHERON

Peito! Peito!” e eu sai correndo chorando, enquanto meu irmão aproveitou para enfiar a mão no bolo e meu pai e tia Lu começaram a brigar, ao mesmo tempo em que vovó Célia tentava me consolar e a metade dos convidados, que não tinha visto o conteúdo do presente, ficou sem entender nada.

Mas, dois anos depois, esse sutiã virou um objeto de admiração. De vez em quando Marcela ia lá em casa e o vestia, colocando duas laranjas, duas meias enroladas (ou o que quer que tivesse forma arredondada e estivesse por perto) por dentro dos bojos e se admirando no espelho. A única de nós que já usava sutiã era Bibi, que precisava usar porque era gordinha. Sendo assim, odiava sutiã.

Foi nesse ano que começamos a nos interessar pelos meninos da sétima e da oitava série. Motivadas por Marcela, que sempre foi mais madura que eu e Fabiana juntas. Perdi a conta de por quantos meninos minha amiga Marcela se

PERIGOSAS ACHERON

apaixonou. Quantos Thiagos, Lucianos, Fernandos e Fábios passaram pelo seu coração. Bibi era relutante, usava sua obesidade como escudo, dizendo que não adiantava gostar de ninguém, pois ninguém ia gostar dela mesmo.

Já eu achava todos os meninos metidos demais, magros demais, altos demais, baixos demais. Colocava defeito em todos e dizia que não poderia me apaixonar por mais ninguém porque meu coração era do ator e cantor Fábio Júnior, de quem tinha um pôster no meu quarto. Marcela e Fabiana gostavam de uma banda de garotos, Menudo, e por amor às minhas amigas, também escutava suas músicas e ensaiava sua coreografia, horas a fio. As fantasias com atores e cantores eram tão reais que eu sonhava, literalmente, com eles. Faziam parte do meu consciente, inconsciente e subconsciente, dando asas à minha imaginação e material para muitas conversas, suspiros e histórias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de amor que nunca aconteceriam, que escrevia em meus diários.

Assim passávamos o tempo, crianças querendo deixar uma fase para trás, mas, ao mesmo tempo, entretidas com jogos infantis como garrafão, pique pega, queimada. Vivíamos na rua, morávamos relativamente perto umas das outras e naquela época não havia perigos. Só voltávamos para casa quando os primeiros gritos das mães chegavam aos nossos ouvidos, com a ameaça de serem seguidos por chinelos voadores. Eu adorava brincar na rua, mas também gostava de estudar e de tirar notas boas na escola, por isso, meus pais consideravam nossa amizade saudável e não intervinham muito, deixando que passasse muitas tardes com Marcela e Bibi.

Num domingo de verão fui com minha família na praia de Ponta da Fruta, em Vila Velha, litoral do Espírito Santo. Na época, essa praia era

PERIGOSAS ACHERON

bem afastada e vazia. Lá eu não tinha vergonha das mudanças no meu corpo e podia me sentir à vontade, até para brincar com meu irmão Luciano, três anos mais novo que eu. Estávamos fazendo um castelo de areia quando vi uma sombra na minha frente. Era o Léo, um garoto da minha sala, com quem mal havia trocado poucas palavras depois da terceira série.

Fiquei sem saber o que fazer, se falava “oi”, se mandava ele sair dali, se saía correndo. Morri de vergonha do meu corpo, principalmente porque esse era o primeiro verão em que usava biquíni, e não esperava que ninguém da escola visse que meus seios estavam crescendo mais rápido que eu pudesse desejar. Eu era meio invisível na minha sala e preferia continuar assim. Melhor que ninguém notasse a combinação “dentões de Mônica” com os meus seios, que pareciam pertencer a outra pessoa. Além do mais, o que

PERIGOSAS ACHERON

Marcela diria ao me ver falando com um pirralho da quinta série na praia?

Léo também não disse nada, só sorriu. Sentou do lado do meu irmão e começou a falar só com ele. Depois começou a otimizar nosso castelo, fortalecendo a estrutura e construindo até outros anexos. Ele sempre foi muito brincalhão, e logo conquistou Luciano. Ele deu tantas ideias boas que meu irmão ficou entusiasmado, correndo para lá e para cá, buscando mais água no mar. Aos poucos, comecei a perder a vergonha e começamos a rir e jogar areia um no outro. Léo ainda tinha uma aparência de criança. Apesar de também ter 11 anos como eu, ele era alguns centímetros menor. Mas os seus olhos azuis pareciam mais claros ainda com a luz do sol.

Quando os pais dele chamaram para irem embora, nos despedimos envergonhados. Parei de brincar com Luciano e voltei a sentar embaixo no

PERIGOSAS ACHERON

guarda-sol perto dos meus pais, pensativa. Eu tinha me divertido, porém decidi não falar com ele na escola no próximo dia. Marcela não me perdoaria se eu começasse a conversar com um garoto ainda menor que eu, da nossa própria sala. E para mim, só importava o que Marcela pensava, falava e sentia.

Mas no dia seguinte me surpreendi com a impaciência com que esperei até que ele aparecesse. Não falei com Léo, mas sorria para ele na sala de vez em quando e ele retribuía. Na hora do “recreio”, como chamávamos os intervalos, ele esperou um momento em que Bibi e Marcela não estavam perto de mim e me entregou um pedaço de papel, saindo correndo em seguida. Certifiquei-me ainda estar sozinha para ler rapidamente o que ele escrevera.

“Duda, eu já te amo desde a terceira série e te amarei para sempre. Quer casar comigo? Léo”.

3-

Eu nunca fui o destaque no nosso grupo de amizade. A líder do nosso pequeno grupo era Marcela, com sua extroversão, sua simpatia, sua beleza. Eu era a esforçada, a que perseguia as boas notas e os elogios dos professores. Bibi ainda tinha, na época, a obesidade como uma etiqueta. As pessoas se lembram da gordinha da sala. Mas isso não significa que gostam dela. Bibi não tinha nenhuma outra amiga além de nós duas. Aliás, ela era mais amiga de Marcela do que minha, já que eram vizinhas desde sempre.

Eu havia conhecido as duas depois e nos tornamos inseparáveis, porque Marcela era minha melhor amiga e a melhor amiga de Bibi. Secretamente havia ciúme nesse relacionamento a três, por que tanto eu quanto Bibi sonhávamos em

PERIGOSAS ACHERON

ser exclusivamente a melhor amiga de Marcela, mas ela sempre dizia: “Vocês duas são as melhores amigas que alguém poderia desejar”, e por isso, um segredo de uma era um segredo das três.

Só não tive coragem para falar para as duas do bilhete de Léo. Guardei o papel como um tesouro no meu estojo, e lia e relia a declaração de amor sempre que estava sozinha, no meu quarto e com a porta fechada, escutando as músicas do grupo Kid Abelha. Eu não era invisível pelo menos para uma pessoa, que havia me enxergado e gostava de mim. Não importava que ele fosse um pirralho. Nem Marcela, com toda a sua beleza e simpatia, já havia recebido uma declaração de amor, ainda mais com um pedido de casamento.

Ao mesmo tempo em que escondia o bilhete de Marcela e Bibi, queria muito que elas soubessem que eu tinha um admirador. Era como um jogo

perigoso. Eu escondia de minhas amigas a existência do bilhete, mas o deixava no estojo, podendo ser descoberto a qualquer momento por qualquer uma das duas, pois ambas tinham acesso às minhas coisas. Meu plano, caso elas o descobrissem, era fazer pouco-caso: *"Ah, isso aí? Ganhei daquele pirralho ali do canto. Vejam como ele é ridículo, falando em casamento na quinta série!"*.

Na minha insegurança do que fazer, não respondi a Léo. Preferi tentar ignorá-lo, não conversar com ele, desviar dos seus olhares e ir sempre na direção contrária da que ele estava. Isso apesar de vigiá-lo, de sonhar com ele e comecei a admirar seu jeito brincalhão, seus cabelos castanhos e seus olhos azuis. Em casa, treinava no meu diário a assinatura que um dia eu teria quando me casasse com ele: *Eduarda Xavier Costalonga*, e imaginava nossos filhos, com meus cabelos pretos e seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

azuis.

Um outro jogo mental que passei a fazer, depois que recebi o bilhete, foi o de imaginar quantas meninas também já tinham recebido uma declaração daquelas. Olhando em nossa volta, achava que somente uma: Beatriz, uma garota linda e rica que era alvo da cobiça e inveja de todas as outras. Ela tinha todos os meninos à sua volta, sempre. Inclusive Léo, com quem conversava de vez em quando com desenvoltura. Mas com as meninas ela nunca falava.

Tínhamos certeza de que Beatriz, ou Bia, como muitos a chamavam, desdenhava de todos nós, de nossos sapatos velhos, da gordura de Bibi, do jeito espevitado de Marcela. Não gostávamos dela, às vezes ficávamos imaginando as maldades que ela fazia com suas empregadas e com qualquer pessoa que se aproximasse dela. “*Uma nojenta*

arrogante”, dizia Marcela, e eu e Bibi concordávamos e preferíamos manter muita distância dela.

Um dia fizemos um trabalho de grupo na sala e a professora de história me colocou junto com Bia e Adriano, que na época era chato e certinho demais. Eu também não gostava dele. Aliás, ninguém da sala gostava: na quarta série ele tinha chorado na frente de todo mundo, porque tinha tirado um 9 numa prova, e sua mãe tinha exigido dele somente notas 10.

Estava entediada por ter caído no pior grupo da sala. Estava com o pensamento longe e não via a hora daquela tortura acabar, quando ao pegar uma caneta no meu estojo deixei cair o bilhete de Léo.

Nunca fui tão rápida para apanhar uma coisa caída no chão. A cor do meu rosto deve ter mudado na hora, porque Beatriz percebeu minha tensão e

começou a reparar em mim, daquele momento em diante. Não gostei nada daquilo. Ela não tirou os olhos de mim e do meu estojo durante toda a aula, até voltarmos para nossos lugares. Fiquei envolvida em um mal-estar contínuo, sentindo a pressão de suas eventuais más intenções.

Até que chegou a hora do recreio e pude deixar Beatriz de lado. Dei uma volta pelo pátio de braço dado com Marcela e Bibi, e paramos perto de um grupo de garotos do sétimo ano numa roda de vôlei. Marcela, que mudava de paixão toda semana, estava se apaixonando agora por Carlinhos, um garoto da sétima C que tinha acabado de entrar para o time de vôlei da manhã, ganhando assim status de celebridade na escola.

Estávamos ali, de olho nos garotos, quando Léo apareceu do nada na nossa frente. Meu coração disparou. Rezei mentalmente para que não falasse

PERIGOSAS NACIONAIS

nada, morri de medo de que fizesse algo errado, que desse a entender “sobre nós”. Para meu alívio, ele não disse nada demais. Fez algum comentário engraçado sobre o grupo de vôlei, perguntou sobre animais de estimação, falou sobre seu cachorro. E depois saiu, rápido como chegou.

“Garoto esquisito”, foi tudo o que Marcela disse, não dando importância nenhuma para o que acontecera, para meu alívio. Bibi notou que alguma coisa estava acontecendo, percebi no seu olhar, intrigado. Ela me perguntou o que ele queria comigo, se ele já havia conversado assim comigo antes. Eu dei de ombros e desconversei, fingindo que meu coração não estava aos saltos, tentando ignorar meu impulso de correr e me desculpar com ele, de confessar que estava apaixonada por ele também.

Logo soou a sirene do fim do recreio e

PERIGOSAS ACHERON

voltamos para nossa sala. Ainda estávamos retornando aos lugares e pegando o material para a aula de inglês, quando um estrondo ensurdecedor fez tremer a sala toda. A professora pulou para debaixo da mesa e soltou um grito aterrorizante e tão estridente que todas as crianças começaram a gritar assustadas e a correr pela sala e pelo corredor. Algumas gritavam “*bomba!*”, outras “*tiro*” e outras ainda “*terremoto*”. Eu comecei a chorar, sem a menor ideia e com medo do que tinha acontecido. Anos depois entendi o grito da professora, Nicaraguense que havia vivido a Revolução Sandinista em seu país e fugido de lá cheia de traumas e de um passado um tanto obscuro.

A confusão que se estabeleceu na nossa sala e nas vizinhas aumentou, quando o professor de matemática veio buscar a professora de inglês, que estava branca como uma vela e tremia sem parar.

PERIGOSAS ACHERON

Ficamos alguns minutos sozinhos, o que bastou para que muitos meninos subissem nas cadeiras e começassem a pular de uma para a outra, derrubando mochilas e pisando no material uns dos outros, enquanto algumas meninas, como eu, choravam tentando entender o que aconteceu, outras consolavam as choronas e outras, como Marcela, ainda batiam nos meninos que estavam fazendo confusão.

Logo tudo se acalmou com a entrada da irmã Ilma, diretora do nosso colégio. Ela deu dois gritos autoritários na sala e todos voltaram pro lugar, com mais medo dela do que eventualmente tinha causado o estrondo. Eu já tinha parado de chorar e estava me acalmando, mas quando fui arrumar minhas coisas senti um frio na espinha: vi que o meu material era um dos que os meninos espalharam ao subir nas cadeiras. Meu estojo estava no chão, ao lado da cadeira, todo o seu

PERIGOSAS ACHERON

conteúdo espalhado no chão. Menos o bilhete, que não estava mais lá. Logo olhei nervosa e assustada para Beatriz, que olhava alternadamente para mim e para Léo e sorria.

4-

No outro dia, uma das cadeiras da sala estava vazia. Irmã Ilma foi direto para a nossa sala já na primeira aula, para explicar o acontecido do dia anterior. Com um discurso sobre responsabilidade e usando termos como “terrorista infantil” e “falta de presença da família” ela nos comunicou que Adriano, com quem tinha feito o trabalho no mesmo grupo que Beatriz, tinha colocado uma bomba caseira no banheiro dos professores e acionado a sua detonação no último minuto do recreio. Ele ficaria duas semanas de suspensão, em casa, e no seu histórico escolar haveria para sempre

PERIGOSAS ACHERON

essa “mancha”. Mas a partir daquele dia, havia alcançado outro status e subido muitas posições na escala de popularidade da escola, além de ter ganhado muitos amigos.

Sem o bilhete, perdi meus superpoderes. Beatriz. Fiquei desconfiada dela, que, se teve a coragem de pegar meu bilhete, roubara o pouco de romance que eu tinha, e o pior: ela passou a se aproximar ainda mais de Léo, dia após dia. Era Léo para cá, Léozinho para lá, Léo carregando sua mochila, Léo ao seu lado na hora do recreio, Léo e Beatriz fazendo trabalhos juntos. Os dois passavam sorrindo, iam até andando juntos para suas casas no fim das aulas.

Marcela foi a primeira que reparou: “*O que está passando pela cabeça dessa louca, com um pirralho de chaveirinho?*”. Eu sofria, calada. Não conseguia entender a reação de Beatriz, por quê, ao pegar meu bilhete, ela havia preferido se aproximar

PERIGOSAS ACHERON

de Léo – um menino, com certeza, insignificante a seus olhos – do que usar o bilhete para me humilhar, coisa que eu estava certa de que ela faria com prazer? Para crescer mais no reconhecimento de Marcela, eu carregava na tinta na crítica a Léo. Ria dele, fazia comentários maldosos com relação ao seu tamanho. E claro que fazia comentários piores ainda sobre Beatriz.

Eu tentava não prestar atenção em Bia e Léo, acabei aceitando que o mais fraco perde, e eu havia perdido. Passei um período de bastante apatia., que durou alguns meses. Não tinha forças nem para estudar, que era uma coisa que levava muito a sério. Só queria dormir, passava horas lendo a mesma página dos livros, escrevia a tarefa de casa errada, não prestava atenção em nada e nem ninguém. Meu quarto já era escuro, como toda a minha casa, e eu fiz questão de que tudo ficasse mais escuro ainda, fechando sempre todas as

PERIGOSAS ACHERON

cortinas e janelas. O sol e a luz eram meus inimigos, eu queria viver na escuridão.

Por conta dessa mudança de comportamento, em casa as coisas iam de mal a pior – minha mãe estava uma pilha de nervos, perdia a paciência rapidamente, gritava comigo, tinha ataques de raiva, atirava coisas na minha direção. Meu irmão parecia não ser alvo da sua raiva, só eu. Me sentia permanentemente injustiçada, incompreendida. A puberdade se instalava em mim, meus hormônios declaravam guerra aos meus nervos. Em casa, só tinha dois estados de espírito: apatia e raiva. Raiva da nossa vida, da nossa casa, do carro velho que tínhamos, das roupas sem graça que vestia.

Minhas notas pioraram em todas as matérias, mas despencaram em Matemática. Tudo parecia gigante, e eu passava muito tempo pensando na situação com o Léo e a história do bilhete. Nada me fazia sair do buraco em que entrei, e logo veio a

PERIGOSAS ACHERON

consequência: no fim do ano, fiquei de recuperação em matemática, o que me custou o presente de natal e quatro semanas na casa de tia Le, que era professora da matéria. Mas o pior dos castigos ainda estava por vir: mamãe me proibiu de encontrar minhas amigas ou telefonar para elas até o fim das férias.

Depois de muito estudo, muito esforço e muitas horas por dia de reforço com tia Le, consegui passar de ano. Mas não fiquei feliz. Eu vivia ainda num estado de permanente descontentamento. Voltei para casa e tudo voltou a ficar ruim como antes. Sentia muita falta de Marcela, me arrependi de não ter contado a ela sobre Léo, e estava triste a maioria do tempo.

Também sentia a falta de Fabiana, para a minha surpresa, apesar de não gostar dela tanto quanto de Marcela. Ela era bem mais calada que Marcela. Uma das coisas que mais gostava era de

PERIGOSAS ACHERON

jogos de tabuleiro, e na casa dela sempre jogávamos Banco Imobiliário ou Detetive. Ela era introspectiva e sempre descobria o assassino nesse jogo. Eu admirava o seu pensamento lógico.

Na última semana de férias, meu pai me presenteou com uma bicicleta usada, dizendo que de qualquer forma eu merecia pelo menos um pequeno presente, já que tinha me esforçado bastante e, no fim das contas, passado de ano. Um novo ânimo me atingiu, pedi permissão para dar uma volta maior pelo bairro e meu pai consentiu, desde que não fosse para a rua das minhas amigas, como havia sido estabelecido no castigo.

Eu precisava dar um jeito de ver Marcela, mas não podia desobedecer meus pais. Por isso pensei numa estratégia: fui com a bicicleta na direção contrária de onde moravam Marcela e Bibi, mas meu objetivo era passear na rua onde morava uma prima de Marcela, dois anos mais velha que

PERIGOSAS ACHERON

ela, que Marcela visitava muito frequentemente. Ao dobrar a rua, que alegria! Lá estava minha amiga, sentada na calçada de sua prima. Larguei a bicicleta e saí correndo até ela. Nos abraçamos, gritamos, rimos e eu dei graças a Deus que as férias já acabariam, pois poderia vê-la novamente todos os dias. Despedi-me algum tempo depois, sob os protestos de minha amiga mas com medo de ser descoberta pela minha família. Já estava quase no final da rua, quando Marcela gritou, sua voz quase não me alcançando mais:

“Ah! Você não vai acreditar, mas a Bibi está apaixonada de verdade!”

Não podia voltar, mas estava verdadeiramente feliz pela Bibi e com a surpresa, e queria saber mais. Gritei de volta, perguntando por quem, fazendo um zigue-zague na bicicleta para ter tempo de ouvir a resposta já da outra rua:

“Pelo Léo, chaveirinho da Beatriz”.

5-

Dois anos se passaram sem que a situação mudasse muito. Não soube o que acontecera com o meu bilhete, e isso nem era tão mais importante assim, pois a missão número um do nosso grupo – ou de Marcela – era fazer com que Léo se apaixonasse por Bibi. E eu, que sempre me dispus a ser uma amiga fiel, resolvi esconder minha afeição por ele e a história do bilhete, em nome do relacionamento com as meninas.

Somente no meu diário eu era sincera comigo mesma. Escrevia ali tudo o que pensava, sentia, sem inibição. Escrevia páginas e páginas falando da minha admiração por Marcela, pelo medo de decepcioná-la. Escrevia sobre minha paixão por Léo, os sonhos bobos de um dia tornar-se sua

PERIGOSAS ACHERON

namorada, sua esposa, ter filhos com ele. Escrevia com vergonha admitindo um pouco da raiva que senti de Bibi, por ela sempre estar atrapalhando minha vida de alguma forma: na minha amizade com Marcela, e agora se apaixonando pelo Léo. Escrevia que precisava ser uma pessoa melhor, e ser amiga das minhas amigas, e que um dia tudo se resolveria. Eu me aconselhava, brigava comigo, me consolava. A escrita naquele diário foi o meu primeiro exercício de escrita terapêutica, e me deu suporte emocional para aquela fase de transição em minha vida.

Todos mudamos muito nesses dois anos. Mas ninguém mudou tanto quanto Bibi. Ela deixou de ser a gordinha fofa e se tornou uma bela garota loira, cada dia mais bonita. Com isso, passou a ser mais autoconfiante – também nos estudos. Ela continuava bem calada, como sempre foi, mas participava mais das aulas, perguntando mais e se

PERIGOSAS ACHERON

tornando mais presente, tanto para os professores quanto para os alunos.

Ela já havia despertado o interesse de um dos garotos da sétima A, mas continuava apaixonada por Léo e fazia de tudo para chamar a atenção dele – puxava conversa, o chamava para fazer trabalhos de grupo junto com o nosso, vivia arrumando pretextos para que ele a visse. Léo era muito atencioso e amigável, sempre brincalhão, mas nunca demonstrou maior interesse por ela.

Marcela continuou linda, deixou seu cabelo liso e castanho claro ficar mais longo ainda, vivia bronzeada, o que destacava os seus olhos esverdeados. Eu também mudara: meus cabelos escureceram, eu passei a usar franja, o que também destacou mais o castanho claro de meus olhos.

Estava mais bonita, mas continuei, para todos os efeitos e sob os protestos de Marcela, sem me apaixonar nem me interessar por ninguém. E,

PERIGOSAS ACHERON

mesmo passados dois anos, eu sentia falta do bilhete. Lamentava demais não tê-lo deixado em casa naquela época.

E ainda tinha a Beatriz. Às vezes algum professor me colocava para fazer trabalho com ela. Logo no começo pensei em utilizar a estratégia da aproximação. Quem sabe se eu fosse simpática com ela, ela não devolvia meu bilhete? E de alguma forma ela foi realmente mudando de atitude comigo, principalmente quando não estava perto de Marcela a Bibi. Eu não conseguia ainda entender por que ela havia feito o que fez, mas a ideia da aproximação, que hoje me parece ter sido sem pé nem cabeça, começou a funcionar.

Com o tempo, percebi que ela não tinha realmente nenhuma amiga na sala — suas companhias continuavam sendo Léo e Adriano, que se tornaram melhores amigos um do outro e não se desgrudavam. Das meninas, Bia só falava comigo.

Na verdade, *falava* era modo de dizer, pois Bia falava muito pouco. Os intervalos de nossas conversas eram longos, constrangedores.

Comecei a pensar que ela havia roubado o bilhete como uma estratégia para ter alguém perto de si. Não sei se sentia raiva ou pena dela. Ela era um ano mais velha que todos nós na classe, pois tinha passado os primeiros anos de sua vida na Alemanha com sua família e só voltou para o Brasil com oito anos, entrando na escola numa série abaixo da correspondente à sua idade. Na minha mente, ela era uma menina rica, sozinha, vazia e infeliz. Só o tempo me mostrou como eu estava errada. Mas naquela época, eu nunca poderia saber.

Numa das vezes que estávamos fazendo um trabalho de história em grupo, o professor nos mandou à sala de irmã Ilma pesquisar num jornal e num documento muito antigos. Os outros colegas da classe foram designados para trabalhar na

PERIGOSAS ACHERON

Biblioteca. Ficamos durante duas aulas praticamente sozinhas na sala da diretora. Num determinado momento, aparentemente sem motivo nenhum, ela me perguntou:

“Duda, você sabe quem gosta e quem não gosta de você?”

Finalmente, depois de dois anos, senti que eu veria a verdadeira Bia. Lembrei do bilhete, da raiva que senti naquele dia. Da falta que meu bilhete me fazia. Da falta que Léo me fazia.

“Acho que sim. E você?”, devolvi, surpresa com a capacidade de reação que se manifestava em mim. Ela ignorou minha pergunta e continuou:

“Então você sabe que nem sempre os amigos são tão amigos como você pensa. Suas amigas sabem que você gosta do Léo?”

Fiquei vermelha na hora. Talvez por raiva, talvez por vergonha. Ela sabia que eu gostava de Léo, ou estava blefando? Não reagi, minha

PERIGOSAS ACHERON

insegurança me venceu, engoliu minhas palavras, roubou minhas atitudes. Além de tudo, ela ainda questionava a amizade de Marcela e Bibi? Como ela ousava?

“Não importa.”, Beatriz ignorou minha pequena crise e continuou. “Eu trouxe uma coisa para você”, ela disse, abrindo sua pochete. Por um instante, achei que ela fosse me devolver meu bilhete. Mas não era. Ela tirou de lá um envelope e me entregou.

“Vou dar uma festa de aniversário no fim do mês, no salão de festas do meu prédio. Aqui está o convite”.

Não comentei nem com Marcela nem com Bibi sobre esse convite, porque não sabia ainda o que pensar sobre ele. Muito menos sobre o comentário sobre nossa amizade. O que ela ganhava com aquilo? Eu resolvi que não seria uma boa ideia ir à festa, e fui para casa determinada a

PERIGOSAS ACHERON

jogar seu convite no lixo e no próximo dia voltar a me distanciar de Bia.

Mas a situação mudou à noite, quando meu pai chegou do trabalho. Ele mal entrou em casa e já gritou meu nome. Minha mãe veio agitada, com certeza esperando que ele tivesse descoberto algo ruim a meu respeito.

Fui para a sala tremendo, buscando mentalmente alguma coisa errada que tivesse feito. Minha ligação com meus pais não era tão afetiva. Naquela época, não se distribuía tantos abraços e beijos como hoje. Nem se dizia “eu te amo” na família. As demonstrações de afeto na família eram comedidas, e quando papai me chamava era para brigar comigo. Mas ele estava sorrindo quando cheguei até ele, e para minha surpresa até me beijou, coisa que não fazia há bastante tempo:

“Duda, Duda, você não sabe como estou contente. E por sua causa!”.

Fiquei mais confusa ainda. Se não me lembrava de nada de ruim que tivesse feito, ainda menos de algo bom. Voltei a ser uma aluna esforçada, minhas notas melhoraram. Mas isso não era nada especial.

“O que foi, Eduardo, o que está acontecendo?” Mamãe também estava desconfiada.

“É meu novo chefe, Laura, o Schmidt. Lembra que eu falei que ele estava pegando no meu pé? Hoje logo depois do almoço ele veio todo sorridente e simpático, completamente diferente dos outros dias. Ele me disse que descobriu que a filha dele é da mesma classe que a Duda, e que ela chamou a gente para a festa de aniversário da menina, no fim do mês! Na cobertura deles, na Praia da Costa!”

Papai estava tão feliz que nem deve ter notado que eu fiquei pálida como uma vela. Schmidt? Só podia ser o pai de Beatriz. Se ela sabia

que meu pai era funcionário do seu, andou pesquisando minha vida e a dos meus pais, por quê nunca havia dito onde meu pai trabalhava. E não entedia por que ela tinha falado de mim para o pai dela, muito menos por quê ela estava insistindo para eu ir nessa festa. Minha mãe interveio, provavelmente por ter lido a expressão confusa em seu rosto:

“Quem é essa menina, Duda? ”.

“Acho que o nome dela é Beatriz”, papai continuou. “O pai dela disse que a filha quer muito estreitar os laços de amizade com a Duda. Olha que perfeito, Laura! ”.

Não escutei mais nada que meus pais disseram. Beatriz havia roubado meu bilhete e praticamente havia confessado isso, com essa história de saber que eu gostava de Léo. Não sabia o que ela queria, mas se estivesse pensando em envolver meu pai e o emprego dele, ela ainda era PERIGOSAS ACHERON

pior do que eu imaginava!

“Pai, na verdade essa menina não gosta muito de mim”, eu tentei argumentar. “Eu não acho uma boa ideia irmos nessa festa”.

“Não diga uma bobagem dessa”, minha mãe sentenciou. Se ela não gostasse de você, por que diabos te convidaria? Vamos sim, vai ser ótimo para o seu pai”.

Não houve mais discussões. Iríamos à festa e pronto.

Não tive coragem de falar nem sobre o convite, nem sobre a festa para as meninas. Eu tinha medo de que Marcela se afastasse de mim se soubesse, e levasse Bibi junto consigo. Mas o que eu poderia fazer? Meus pais estavam radiantes com o convite. Quanto mais a data da festa se aproximava, mais eu sentia que estava traindo minhas amigas. Quando finalmente chegou o fim de semana da festa e eu não tinha ainda falado

nada, resolvi que daria um jeito de contar depois que tivesse ido, que inventaria qualquer coisa envolvendo o nome do chefe do meu pai. Assim, quando chegou o grande dia, fui enfrentar o inimigo.

6-

Das muitas lembranças que tenho daquela noite, uma marcou minha vida para sempre: os olhares que mamãe, papai, Luciano e eu trocamos, intimidados, ao entrar no prédio de Beatriz, um lugar majestoso, iluminado, imponente. Aqueles rituais, tão distantes de nossa realidade, foram como um atestado da nossa condição social, tão diferente daquela: o aviso da nossa presença na portaria, pelo interfone, o som da campainha ao abrir o portão, nossa caminhada até o elevador. Não trocamos nenhuma palavra, estávamos intimidados

com o que o dinheiro podia comprar.

Eu estava assustada. Naquele instante, tomei consciência da nossa pobreza, que até aquele momento nunca havia percebido. Ela se tornava mais pesada a cada andar alcançado pelo elevador. Quando ele chegasse à cobertura, estaríamos perdidos para sempre. Todos perceberiam que éramos pobres, moradores de um conjunto residencial no bairro simples do Ibes, numa casa de 36 metros quadrados sem elevador nem porteiro.

Mas não foi isso que aconteceu. Fomos recebidos com muita simpatia pelos pais de Beatriz, e logo levados até sua presença. Eu ainda estava entorpecida por todo o ambiente à minha volta, pela consciência súbita dos enormes degraus sociais existentes entre as duas famílias, e minhas reações naqueles primeiros instantes foram mecânicas: estendi o presente a ela, dei dois beijos nas suas bochechas, desejei feliz aniversário. Mas meu olhar

PERIGOSAS ACHERON

estava preso em outro ponto: dali do último andar do prédio, a vista do mar à nossa frente era arrebatadora, imponente. Minha mãe também estava tomada pela grandeza daquela visão e me puxou, logo depois dos cumprimentos, para a varanda, falando sem parar:

“Olha, Duda, aquelas luzes lá no fundo. São navios que aguardam para serem carregados ou descarregados no Porto de Tubarão. Se você olhar para a sua direita, vai ver lá no final alguns prédios na Praia de Itaparica, é a praia mais próxima da nossa casa. Está vendo como as pessoas parecem pequenas lá embaixo?” Seus olhos brilhavam, ela falava sorrindo. Não me lembro de ter visto minha mãe tão empolgada há muito tempo.

Eu estava fascinada. E fiquei mais impressionada com o tamanho que as pessoas pareciam ter daquela altura, do que com a imensidão do mar à nossa frente. Há poucos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instantes eu também tinha sido um nada ali embaixo, mas agora por cima de todos. Grande, presente. Minha mãe saiu para falar alguma coisa com o meu pai e ficou entretida entre as apresentações e cumprimentos, quando ouvi Beatriz atrás de mim:

“É bonita a vista, né? Eu sempre fico olhando, imaginando quanto tempo a gente levaria nadando até aquela ilha lá em Itaparica”.

Eu queria ser antipática com ela, ríspida ou, pelo menos, indiferente. Mas ali, sem a presença de Marcela e Bibi, percebi que um sentimento diferente surgia com relação a Beatriz: ela tinha luz, brilho, dinheiro, popularidade, e ela me enxergara. Ela estava por cima, e eu era um dos pontinhos de nada lá embaixo. Mesmo que tivesse me feito mal, ela estava me oferecendo uma chance de ser vista naquele lugar maravilhoso, empolgando meus pais.

PERIGOSAS ACHERON

Não me orgulho disso, mas a partir daquele momento, decidi que seria amiga de Beatriz, pois queria viver um pouco mais daquilo. Não me importava mais que ela tivesse roubado meu bilhete.

“Verdade, a vista daqui é linda”, disse comedida e arrisquei um sorriso. Ela me agradeceu por ter vindo, disse estar feliz pela minha presença e saiu para cumprimentar com entusiasmo os convidados que chegavam: a família de Adriano, nosso “terrorista infantil” e atrás dele, a de Léo.

7.

Existia uma regra não pronunciada a respeito de namoros naquele tempo. Mas via de regra, nós, meninas, só poderíamos namorar depois dos 16 anos. Por isso, aquela festa de Beatriz foi uma

PERIGOSAS ACHERON

grande surpresa para mim: ela estava fazendo 14 anos, mas ficou de mãos dadas com Adriano o tempo todo, inclusive na frente dos seus pais.

“Não é o que você está pensando. Eles andam sempre assim mas não estão namorando, são só amigos”, Léo veio ao meu encontro e fiquei vermelha na mesma hora. O sentimento que nutria por ele, que tinha adormecido em nome da minha amizade com Bibi, quis incomodar. Lembrei mais uma vez da sua declaração de amor no bilhete. Das palavras de Bia: *“Suas amigas sabem que você está gostando de Léo?”*. Ali não podia nem fugir dele, nem fingir que ele não estava falando comigo. Preocupada, aliviada e com vergonha, tudo ao mesmo tempo, eu resolvi tentar agir naturalmente.

“Só fiquei surpresa. Não imaginei que ela pudesse namorar na frente dos pais, com 14 anos”, foi tudo o que consegui dizer, mentalmente implorando para os meus nervos não me

PERIGOSAS ACHERON

abandonarem.

“Os pais dela a entendem e sabem como ela é. Poucas pessoas conhecem Bia de verdade.”.

Fiquei confusa, sem saber o que ele queria dizer com aquilo. Ele dava a entender que conhecia Beatriz como os próprios pais dela. E se ela andava assim com Adriano, pode ser que já tenha acontecido alguma coisa entre Léo e ela. Todos esses pensamentos bombardeavam minha mente em milésimos de segundos. Eu estava com ciúmes. E com raiva de mim mesma. Porque Léo estava lindo, apaixonante, e em nada lembrava o garoto de tempos atrás.

Meu irmão veio me chamar para alguma coisa e reconheceu Léo, logo puxando ele para onde estava a maioria das crianças e adolescentes, fazendo bolas de sabão e dançando ao som da banda “Legião Urbana”, desengonçados num canto da festa. Léo puxou Adriano, e os dois dançaram e

PERIGOSAS ACHERON

cantaram alto, e depois chamaram Bia para dançar também, que me puxou para a roda. A dança deles era uma confusão de braços e pernas, saltos e empurrões. Rimos muito, tentamos imitar o jeito solto da dança dos meninos e nossos cabelos supercompridos grudavam na nossa testa.

Adriano foi até a mesa de som, levando uma mochila que tinha trazido. Lá dentro, vários discos de bandas que ele adorava. Ele começou a colocar umas músicas que nunca tinha escutado. Uma delas era de uma banda chamada “Plebe Rude”, que tempos depois começou a fazer sucesso nos rádios.

A música tinha letras extremamente politizadas para nossa idade. Comecei a prestar atenção no texto, que falava de justiça social, diferença de classes, abuso de poder. Logo ele veio até mim e me explicou, tentando falar mais alto que a música:

“Isso é punk, Dudinha. Isso vem de Brasília,
PERIGOSAS ACHERON

lá é o berço da revolução. Você vai ver, eles vão mudar esse país”.

Revolução. Quando escutei essa palavra, lembrei-me da bomba no banheiro há anos. Será que irmã Ilma tinha razão, e Adriano era um pouco terrorista? Não sei se foi a paixão com que ele cantava e dançava aquelas músicas, mas comecei a prestar mais atenção nele. Ele também tinha mudado naqueles dois anos, estava mais bonito, com seus cabelos e olhos castanhos, bonito com seu olhar perdido, talvez pensando na sua revolução.

Enquanto conversava com Adriano, percebi que Léo se metia a todo instante. Se Adriano se aproximava demais para falar alguma coisa ao meu ouvido, ele logo puxava meu braço e fazia o mesmo, falando qualquer coisa. Se Adriano me puxava para mostrar um disco, ele segurava minha mão para me chamar a atenção sobre alguém da festa.

Bia parecia outra pessoa ali, e conhecia todas as letras das músicas. Quando a maioria dos convidados já tinha ido embora, ela chamou a mim e os meninos para irmos até o seu quarto, para mostrar os outros discos de bandas que tinha. Primeiro fiquei encantada com aquele quarto, um mundo cor-de-rosa só para ela, cheio de bichos de pelúcia, contrastando com um pôster de uma banda onde quatro caras de jaquetas pretas e cabelo “lambido” faziam ares de entendiados: Ramones. Bia era filha única de uma família rica, isso era possível ver nos detalhes do quarto, com uma televisão só para ela e um videogame.

Bia me mostrou os seus discos, e ela e Adriano começaram a discutir sobre as bandas. Me surpreendi com Bia também nesse ponto. Ela ouvia punk? Sex Pistols, Ramones, até uma banda alemã chamada “Die Ärzte”. Léo também tentou discutir com eles, mas *punk* não era seu estilo. Léo gostava

mais de rock pesado, como ACDC e Whitesnake. E eu, mentalmente desconjurando o pôster de Fábio Júnior esquecido em meu quarto, tentei impressionar com Bon Jovi, a única banda que conhecia, ainda assim superficialmente. Arrisquei a falar deles e Léo embarcou entusiasmado, citando umas cinco músicas de que nunca tinha ouvido.

Rimos muito, ouvimos muita música e conversamos sobre bandas, filmes, livros, esporte, televisão. Depois de um tempo, Léo e Adriano começaram a jogar videogame, enquanto Beatriz me mostrava suas fotos de viagens – ela já havia estado na Europa, tinha uma tia morando na Alemanha – e conversava comigo com toda naturalidade. Não entendia ainda direito o que eu estava fazendo ali, mas surpreendentemente estava gostando demais da companhia dos três.

Depois de algum tempo Luciano veio dizer que iríamos embora em poucos minutos. Eu disse

PERIGOSAS ACHERON

que já estava indo e ele voltou para o salão. Beatriz desligou então o videogame e todos deixamos o quarto na direção do salão, sendo que Léo e eu éramos os últimos. Antes de subir a escada, Léo segurou o meu braço, me impedindo de continuar.

Eu parei e olhei para ele confusa, sem saber se ele queria me falar alguma coisa que Adriano e Beatriz não poderiam ouvir. Mas havia me enganado. Léo me puxou para si, súbita e inesperadamente, e me beijou. A surpresa me paralisou, e naqueles segundos eu vivi uma enxurrada de emoções opostas: ele beijou meus lábios de forma pura, atrapalhada, infantil, carinhosa. As línguas brigando dentro da boca, nervosas, tão surpresas quanto eu, tentando imaginar o que teriam de fazer, na sua inexperiência quase infantil. Mas então a calma. A ordem estabelecida, a ternura. E eu me entreguei ao momento, mágico. Parecia que meus pés deixaram

PERIGOSAS ACHERON

de tocar o chão, e todo o universo havia deixado de existir. Só existiam o seu hálito, o gosto da sua boca, o carinho com que ele segurava meu rosto.

8-

Quando olho para trás, penso nesse dia como um verdadeiro divisor de águas: pela primeira vez abriu-se uma mínima fresta na minha visão do mundo, empurrando as paredes da dicotomia rico e pobre, belo e feio, bom e mau, felicidade e infelicidade, certo e errado. Descobri que entre esses dois opostos possivelmente existiam outras tonalidades, degraus intermediários e novas categorias para as quais eu ainda não tinha nomes, mas cuja existência eu podia pressentir.

Socialmente, descobri que habitava uma classe intermediária, que me afastava das famílias

PERIGOSAS ACHERON

que moravam nos barracos das poucas favelas que já tinha visto, na época bem escondidas fora do alcance das paisagens que costumava visitar. Mas não chegava aos pés da vida de Beatriz, que eu queria para mim. Queria um quarto cor-de-rosa, um videogame caro, pais que soubessem como eu era de verdade. Queria morar em um prédio onde todos ficassem pequenos lá embaixo. Isso foi decisivo para minhas decisões profissionais futuras, motivo por ter escolhido muito mais escrever os livros que podia vender do que os que precisava escrever. Que me levou a morar em mais de dez cidades diferentes ao redor do mundo, achando que quanto mais dinheiro ganhasse escrevendo, mais perto estaria de me encontrar. Não sabia, que todo tempo estive procurando as respostas no lugar errado.

Emocionalmente, descobri que entre o gostar e o não gostar, entre a confiança e a desconfiança, entre a amizade e a inimizade, também havia

PERIGOSAS ACHERON

lugares a serem ocupados. O primeiro beijo, que me fez ficar sem dormir naquela e em muitas outras noites, me perguntando se realmente tinha acontecido ou tinha sido fruto da minha imaginação. Beijo cheio de doçura, desordem suavidade e delicadeza, cuja lembrança me fazia flutuar, mas que também me levou ao inferno da insegurança, pois tinha medo de ter feito alguma coisa errada, já que quando nossas bocas se separaram, Léo sorriu e saiu em seguida, sem dizer nenhuma palavra.

Passei o domingo inteiro pensando no que fazer. Eu havia ido longe demais, não podia mais esconder a afeição que tinha por ele, muito menos deixar de falar sobre o beijo. Tínhamos mais duas semanas de aula antes das férias, e dependendo do que fosse acontecer, passaria as férias sozinha. Se contasse às meninas sobre o beijo, ficaria sem minhas amigas. Se não falasse, estaria traindo as

PERIGOSAS ACHERON

duas.

Estava em meu quarto escutando música e pensando em tudo o que acontecera, quando minha mãe me chamou, dizendo que alguém estava me aguardando no portão. Quase não acreditei quando fui até lá: Léo estava na frente da minha casa, de bicicleta. Meu coração quase saiu pela boca. Pensei no meu cabelo desarrumado, se estava com alguma bermuda rasgada ou camiseta furada. Mas passado o primeiro susto, me lembrei de que ele morava na Praia da Costa e deve ter pedalado uns 40 minutos até ali, e me esperava, completamente suado.

“Oi, lembra de mim?”, ele sorria como se estivesse me provocando com sua presença ali, como se soubesse que eu nunca imaginaria vê-lo na frente da minha casa. Como se tivesse certeza adorando ver a minha cara de quem estava absolutamente surpresa. Esqueci novamente de tudo a minha volta. Sorri de volta e relaxei. De

PERIGOSAS ACHERON

repente, parecia ser muito normal que Léo estivesse ali. Como se todo o tempo ele tivesse pertencido àquele lugar, à minha calçada, ao meu bairro, à minha vida.

“Acho que te conheço de algum lugar sim. Como você sabia onde eu moro?”. Apesar do meu nervosismo, o sorriso de Léo tinha me descontraído. Minha mãe, que nos espreitava por trás da cortina da sala, até resolveu deixar o seu posto quando nos viu sentando na calçada, como duas crianças.

“Na terceira série você convidou todo mundo para o seu aniversário, lembra? Eu também estava lá”.

Meu Deus, a festa da tragédia do sutiã. Tinha me esquecido completamente que praticamente minha turma inteira tinha estado lá, espremida na sala. Se existia um tom de pele mais vermelho do que eu já estava desde a hora que o vi no meu

PERIGOSAS NACIONAIS

portão, eu havia atingido o tom mais escuro da escala. Cobri meu rosto com as mãos de tanta vergonha.

Imaginando o que eu estava pensando, ele completou, caindo na gargalhada.

“Vocês sabem fazer uma festa. Meus pais falam desse dia até hoje.”.

Eu também não consegui não rir, e quis dar um tapinha no braço dele, implicando e envergonhada pelo comentário – mas ao mesmo tempo me divertindo com o pensamento de ser motivo de conversa em sua casa. Ele segurou minha mão antes que o atingisse com meu tapa desengonçado:

“Sem violência, Duda.”, ele levou minha mão até seus lábios e deu um leve beijo em meus dedos, olhando rápido para dentro de casa, procurando minha mãe. Eu mesma puxei minha mão, assustada, com medo de sermos descobertos.

PERIGOSAS ACHERON

Tínhamos tido muita sorte no dia anterior, quando não fomos vistos por ninguém. Não podia arriscar de novo.

Ele parece ter entendido, afastou-se um pouco e remexeu suas coisas, tirando uma fita cassete de dentro da mochila:

“Eu sei que não devia ter vindo até sua casa, mas desde ontem estou gravando uma fita para você, com umas músicas que queria que você escutasse. Acho que você vai gostar, tem músicas nacionais e internacionais”.

Peguei a fita emocionada e agradei, mal acreditando que teria mais uma coisa dele comigo. Ele havia pensado em mim no dia anterior, tido o trabalho de reunir seus discos, separar as músicas.... Não era fácil gravar uma fita no fim dos anos 80, requeria muita organização, paciência e jeito, pois se a fita resolvesse enrolar dentro do gravador, somente mais paciência, fita adesiva, PERIGOSAS ACHERON

uma caneta e muita sorte poderiam salvar todo o trabalho que a pessoa tinha tido.

Ele começou a falar um pouco sobre as músicas que tinha gravado: tinha feito um mix com músicas dos Paralamas do Sucesso, Roupas Novas, RPM, Cazuza e Madonna, Cindy Lauper, George Michael e muitas outras.

Enquanto falava, tocava meu pé com o seu, como se procurando uma forma de contato físico. Queria poder beijá-lo de novo, ali, na frente da minha casa. Mas tinha 13 anos, se meus pais me pegassem beijando um garoto eu nunca mais poderia sair de casa na vida. Lembrei-me de uma colega da sala, Samanta, que foi descoberta aos beijos pela mãe no ano anterior. Ela levou uma surra tão grande que ficou cheia de marcas por muito tempo. Na época, ela quase pensou em fugir de casa.

Por isso, nosso contato físico tinha de ser

PERIGOSAS ACHERON

moderado. Mas como fazer com aquele ímã que parece ser ativado dentro da nossa pele quando estamos recém-apaixonados? Nossos cotovelos se encostavam, nossos joelhos se procuravam, nossos ombros insistiam em se tocar. E sorriamos muito enquanto falávamos. Estávamos completamente envolvidos na conversa, tanto que só percebi tarde que não estávamos mais sozinhos.

“Que surpresa, Léo. Você por aqui? Esperava ver qualquer pessoa aqui no Ibes, menos você”. Era Marcela, acompanhada por Bibi, que me olhava perplexa. Agora não tinha mais jeito. Eu estava perdida.

9 -

Léo agiu com muita naturalidade ao cumprimentar as meninas. Eu não. Todos os meus músculos entregavam minha culpa. O olhar de Bibi

PERIGOSAS ACHERON

dizia para mim a todo instante “traidora”. De repente eu só queria que Léo fosse embora, para que eu pudesse me explicar. Mas ele não ia. Abraçou e beijou as duas, explicou que veio me entregar uma fita que tinha gravado para mim e se desfez em simpatia com as minhas amigas.

Marcela estava desconfiada. Não me olhava com a raiva com que Bibi me olhava, mas parecia querer sondar a situação da melhor forma possível – como Léo fora aparecer ali, na frente da minha casa, sentado na minha calçada, conversando comigo com tanta intimidade? Ela fazia um monte de perguntas a Léo, que parecia um papagaio que não fechava o bico.

Ele contou da festa de Bia, de Adriano, que dançamos todos juntos, que nos divertimos, que Bia me mostrou fotos dela, que prometemos nos encontrar de novo. Depois, beijou nós três no rosto e se despediu, me deixando com minha vergonha

perante minhas amigas. Eu tinha sido descoberta.

“Quem poderia imaginar”, disse Marcela, olhando Léo se afastar na bicicleta. “E eu pensei que não tivéssemos segredos umas com as outras”. Ela media as palavras, e isso doía dentro de meu coração. Eu mesma tinha dito a ela uma vez que amigos de verdade não precisavam medir palavras, porque se conheciam, confiavam uns nos outros.

Aí fui eu quem começou a falar sem parar. Falei de Bia, que não entendia porque ela queria se aproximar de mim, mas que eu nem achava ela tão metida quanto antes, apesar de não confiar completamente nela. Mas o que eu tinha a perder? Falei do convite, do medo que senti de que elas se afastassem de mim quando soubessem que tinha sido convidada. Que a última coisa que eu queria era perder a amizade das duas, que se pudesse voltar no tempo nunca teria ido a essa festa, que estava arrependida. E quando percebi, estava

PERIGOSAS ACHERON

chorando.

Marcela me abraçou, também sentada na calçada, no lugar onde Léo havia sentado há poucos instantes. Ela baixou a guarda. Só Bibi ainda estava de pé, na minha frente, calada, de braços cruzados.

“Não chora, Dudinha”, Marcela enxugava as lágrimas de meu rosto. “Eu entendo que você tenha ficado insegura, mas não tem motivos para você nos esconder nada. Nunca vou deixar de ser sua amiga, sua boba”. Marcela tinha um bom coração. “Se você quiser ser amiga da chata da Beatriz, claro que pode ser. Não seremos nós duas que vamos julgar, não é, Bibi?”.

Bibi olhava ainda séria para mim. Ela não respondeu à pergunta de Marcela. Ela estava ferida. Parecia saber que alguma coisa estava acontecendo entre Léo e eu. Ela me culpava. Ela não iria me poupar.

“Mas o que **ele** estava fazendo aqui?”, ela

PERIGOSAS ACHERON

olhava diretamente dentro dos meus olhos.

“Bibi, o grupinho da Bia descobriu nossa Dudinha. Ele quer só ser amigo dela, não se preocupe”.

“Marcela, um amigo não vem de bicicleta 40 minutos no domingo da Praia da Costa para o Ibes, se ele poderia entregar essa fita idiota amanhã na escola”.

A tensão estava no ar. Não consegui responder, nem consegui olhar para ela. Ela tinha razão, na verdade eu queria confessar minha culpa. Mas que culpa? Quem começou tudo foi Léo – dois anos atrás com o bilhete, agora com o beijo... Mas não consegui nem me mexer. Foi Marcela quem, de novo, intercedeu a meu favor.

“Bibi, não tem motivo para ficar com raiva da Duda. Olha só, ninguém manda no coração. Se Léo estiver gostando da Duda, ela não tem culpa. E Duda é sua amiga”.

Eu disparei a falar novamente. Disse que era uma bobagem, que ele não estava apaixonado coisa nenhuma, que todos havíamos nos divertido no dia anterior e isso seria bom também para Bibi, pois assim, todos nos aproximaríamos e assim, quem sabe, ela teria mais chances com ele?

Bibi acabou se acalmando, disse que se eu quisesse, que poderia ficar com ele, que ela havia perdido o interesse, aliás, já há muito tempo, que na verdade estava interessada no garoto da sétima A, que nem estava mais pensando no Léo. Eu não acreditei, mas desconfiei de que ela estivesse fazendo a mesma coisa que eu: abrindo mão de quem gostava por causa da amizade. Por isso, naquele instante, comecei a gostar dela mais do que antes.

Quando nos despedimos e eu entrei em casa, estava muito cansada. Emocionalmente esgotada. Não respondi direito às perguntas da minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

sobre a visita de Léo, só quis estar, de novo, sozinha no meu quarto. Em vez de aproveitar a oportunidade para contar tudo para minhas amigas, havia me comprometido ainda mais. E o que eu faria agora?

Ao fechar a porta atrás de mim, lembrei-me da fita que havia ganhado de presente, meu novo talismã. Ao desenrolar o pacote, vi que ele havia escrito a letra de uma música para mim, a primeira do lado A: Você, do grupo Paralamas do Sucesso. Corri para buscar o toca-fitas no quarto de minha mãe e toquei a fita repetidas vezes, até adormecer, tentando pensar só no beijo do dia anterior, e em Léo, sorrindo na minha calçada, beijando meus dedos com carinho. E na música que ele havia copiado para mim:

*Você, é algo assim
É tudo pra mim
É como eu sonhava, babu*

*Você, é mais do que eu sei
É mais que pensei
É mais que eu esperava, baby
Sou feliz agora
Não, não vá embora, não
Não, não, não
Sou feliz agora
Não, não vá embora, não
Vou morrer de saudade
Vou morrer de saudade*

10 -

A atitude de Bibi, de dizer que não se interessava mais por Léo, me fez repensar nossa amizade. Uma confusão de sentimentos e pensamentos brigavam dentro de mim. Eu era uma amiga fiel – era o que eu sempre tinha dito para mim mesma. Às vezes, eu achava que Bibi realmente tinha esquecido Léo, principalmente porque desconfiava de que ela andava de olho em

Adriano. Mas toda vez que ele vinha falar com a gente, sentia o olhar tenso dela para mim.

Não podia continuar agindo daquela maneira. Mas a visita de Léo e o presente também mexeram comigo. Eu não estava disposta a abrir mão dele. Logo chegariam as férias e me propus a contar tudo para ela e Marcela até o último dia de aula, em duas semanas.

Léo começou a passar mais tempo conosco no recreio, todos os dias passava para dar um olá, para perguntar da fita, comentar sobre alguma coisa que viu na televisão. Ele mostrou para nós três um lado que não conhecíamos – além de brincalhão, educado e atencioso, Léo era apaixonado por bichos e tinha muitos cães, já que todo mês levava algum cachorro abandonado para sua casa. Quando relembro esses momentos, sei por que motivo, já adulta, trabalhei em cada abrigo para animais abandonados em todas as cidades do mundo onde

PERIGOSAS ACHERON

morei. O amor aos animais foi uma das coisas que Léo plantou em minha vida, que nada pode destruir.

Além disso, descobrimos uma paixão televisiva em comum, o “Armação Ilimitada”, que era o primeiro programa voltado para o público adolescente que conhecemos, onde entre muitas aventuras, uma jornalista vivia um triângulo amoroso moderno com dois amigos. Adriano também se juntava ao nosso pequeno grupo de vez em quando – e ganhou rapidamente a simpatia de Marcela e Bibi – mas saía de perto quando começávamos a falar do programa de TV. Ele achava aquilo uma bobagem e preferia então passar o recreio com Bia, que geralmente lanchava sozinha, lendo um livro.

Apesar de ter me divertido muito com Beatriz na festa, continuava relativamente afastada dela no colégio. Ela continuou a agir como antes da festa:

simpática somente comigo, falando pouco, bastante isolada. Só depois da festa passei a entender que o fato dela não falar com as meninas tinha pouco a ver com metidez. Ela era diferente mesmo. Talvez fosse mais madura do que todas nós. Eu ainda achava que não podia confiar plenamente nela, mas a simpatia que comecei a sentir por ela na festa permaneceu.

Numa manhã, no começo da última semana de aula, na hora da saída, percebi, do ponto de ônibus que ficava do lado da escola, que Léo ficou conversando com Adriano na frente do colégio em vez de pedalar logo para casa. Quando o ônibus de Marcela e Bibi chegou e as duas embarcaram, ele veio direto até mim. Sorri, nervosa e envergonhada, sem saber exatamente o que falar. Ele também sorriu, mas havia pressa em seu olhar. Parou a bicicleta extremamente perto de mim, e, decidido, como se já tivesse esperado tempo demais para

PERIGOSAS ACHERON

isso, me puxou para perto de si, sem dizer nada, tentando me beijar novamente.

Eu me desvencilhei de seu braço e me afastei, dividida entre o susto com a sua atitude e o prazer daquele contato.

“Aqui não, Léo. É perigoso, tem professores em toda a parte.”, protestei, baixinho, mesmo morrendo de vontade de beijá-lo.

“Hoje à tarde então”, ele ainda segurou minha mão rapidamente, antes que eu me desvencilhasse. “Na frente da Casa do Navio, na Praia da Costa. Sem Marcela e Bibi”. Esse parecia ter sido seu plano o tempo todo. Ele queria marcar um encontro comigo a sós. Os recreios ao lado das meninas mostraram a ele que as duas não sabiam de nós dois.

“Não posso sair assim, Léo. O que eu digo para minha mãe?”.

“Você diz que vai encontrar com a Bia. E

PERIGOSAS ACHERON

nem é mentira. Vamos tomar um sorvete às quatro e meia no começo da Praia, com ela e Adriano. Nós dois nos encontramos às três e vamos mais tarde para lá. O que acha?”.

Vi meu ônibus chegando e precisava dar uma resposta rápida. Ainda não tinha falado sobre o beijo com Marcela e Bibi, e só tinha mais uma semana antes do fim das aulas. Mas não podia resistir a Léo e seus olhos azuis, tão lindos que me faziam esquecer todo o resto.

“Está bem”, disse, me preparando para entrar no ônibus. “Mas preciso perguntar a minha mãe antes. Se eu não puder ir, ligo para Bia”.

Tudo correu muito bem em casa. Quando falei com minha mãe que encontraria Bia, a filha do chefe do meu pai, ela não só deixou, como me deu dinheiro extra para o lanche. Decidi telefonar para Marcela e contar que me encontraria com Bia. Inverti um pouco a história para que ela não

PERIGOSAS ACHERON

decidisse aparecer por lá. Falei que nos encontraríamos na casa dela, a seu convite. E que Léo e Adriano apareceriam por lá. Prometi a mim mesma que, depois daquela tarde, contaria tudo. Tanto para Marcela como para Bibi.

“Na casa da chatinha? Que pena!”, Marcela lamentou e eu senti uma pontada na consciência pela mentira. “Eu até estou gostando de conhecer melhor o Adriano, ele é legal. Mas como amigo”, ela enfatizou. “Estou desconfiada de que ele está de olho em Bibi”.

Depois que desliguei o telefone, me aprontei para encontrar Léo. Decidi ir de bicicleta, porque o ônibus só passava quando tinha vontade. Fui pedalando com uma alegria que não podia conter dentro de mim, com um sorriso escancarado, mesmo sem saber direito o que estava me esperando. Será que nos beijaríamos de novo? E se a gente se beijasse de novo, será que já poderia

PERIGOSAS ACHERON

considerar isso um namoro?

Quando cheguei, ele já estava lá, também de bicicleta. Logo concordamos em levar as duas bicicletas para a areia, e sentamos à beira da água. Estávamos, os dois, um pouco constrangidos. Era a primeira vez que estávamos realmente sozinhos, sem a ameaça de minha mãe aparecer, ou que a metade do colégio pudesse nos ver. E nós dois estávamos nervosos: eu comecei a falar sem parar sobre a fita, depois ele falou sem parar sobre seus cachorros, até que o assunto parecia ter se esgotado. Ficamos uns dois minutos sem dizer nada, até que ele teve coragem e pegou minha mão.

Eu, que sempre odiei o silêncio, e sem saber o que fazer, falei a primeira coisa que veio à minha cabeça:

“Você e a Bia já ficaram?”

“Como assim, ficamos?”, ele me olhou intrigado.

“Queria saber se vocês já ficaram juntos. Se vocês já se beijaram”. Nem tinha acabado de falar e já tinha me arrependido. Como eu era estúpida! Por que não podia ficar com a boca fechada?

Ele parecia ter se divertido com a pergunta.

“Ah, tá. Sim, eu já beijei a Bia”.

Antes que eu pudesse expressar a minha surpresa e a minha raiva, ele se aproximou de meu rosto e deu um beijo na minha bochecha.

“Foi assim que beijei a Bia.”, ele falou sorrindo e me dando outros beijos na bochecha, continuou:

“E assim eu beijei a Bibi. Assim eu beijei a Marcela”.

Depois, segurando meu rosto com as duas mãos, aproximou seus lábios dos meus.

“E é assim que eu beijo a Duda.”

E me beijou na boca. E de novo, e de novo. E nada mais no mundo importava mais, só Léo, sua

PERIGOSAS ACHERON

boca, seu abraço, o barulho das ondas do mar, o vento nos nossos rostos. Não havia mais timidez entre nós, conversamos animados, e nos beijamos mais e mais. E cada vez mais eu me apaixonava por ele e não queria mais nada na vida, a não ser que aquele mar nos engolisse e nos afastasse de todo o mundo. Eu queria só Léo – Léo e Duda para sempre.

Continuamos nos beijando, rindo, e nos abraçando até percebermos que estávamos atrasados para encontrar Bia e Adriano. Levantamos correndo e fomos empurrando as bicicletas, sem nos importar com a areia dentro dos sapatos, nem que nossas bicicletas batiam de vez em quando uma contra a outra porque queríamos estar o mais perto possível um do outro.

Quando chegamos à sorveteria, Bia e Adriano já estavam tomando sorvete. Os dois riram de nossas pernas cheias de areia, adivinhando onde

PERIGOSAS ACHERON

tínhamos estado e por quê. Como foi bom encontrar os dois! Eu e Léo tomamos um sorvete e depois resolvemos andar, os quatro, no calçadão. Paramos na frente de um grupo que jogava vôlei, e Adriano resolveu jogar uma partida também. Quando eu e Bia começamos a elogiar o desempenho dele, Léo pediu para jogar também, cheio de ciúmes.

Nós rimos muito, e eu e Beatriz conversamos sobre muitas coisas enquanto os meninos jogavam, e mais uma vez me arrependi de ter tido tão pouco contato com ela na escola. Ela falava muito mais quando estava na presença dos meninos, parecia mais alegre também. Ela era tão bonita! Seu cabelo começava a clarear, e quando ela falava de um livro que tinha lido, ou relatava com saudade da Alemanha, seus olhos brilhavam. Eu não conseguia entender porque ela ali era uma pessoa tão simpática, e na escola tão isolada, tão metida. Na hora de nos despedirmos, quando peguei a bicicleta

para voltar para casa e Léo me beijou na frente dela e de Adriano, ela me abraçou e disse baixinho, o que nunca entendi se era um aviso ou uma ameaça.

“Estou feliz por você. Mas cuidado. Nem tudo é o que parece”.

11-

No outro dia, resolvi contar tudo para as meninas. Pensei muito em como fazê-lo, e cheguei a conclusão que seria melhor não contar nem do bilhete, nem do beijo na festa. Falaria só do beijo do dia anterior, e de que realmente Bibi tinha razão em achar que Léo estava interessado por mim. E que, eu confessava, também estava gostando dele.

“Eu não posso mais viver com esse segredo”, eu disse para as duas, no recreio do dia seguinte. Com a dramaticidade que só se consegue ter na adolescência. “Me perdoe, Bibi. Mas não consegui evitar. Quando você começou a gostar dele, eu já

PERIGOSAS ACHERON

estava apaixonada, mas não tive coragem de dizer. Eu amo vocês duas, mas estou gostando do Léo”. Estava envergonhada, mas munida de uma coragem que até ali havia desconhecido em mim. Me sentia madura para os meus treze anos de idade.

Como sempre, foi Marcela que quebrou o gelo. Abraçando a mim e a Bibi ao mesmo tempo, ela foi carinhosa:

“O que vale, Duda, é que você se importa com Bibi, da mesma forma que ela se importa com você. Como eu tinha dito, ninguém manda no coração.”

Bibi se apressou em mostrar que ela estava bem:

“Eu já imaginava, Duda. Mas fico feliz de você ter sido sincera. Eu na verdade nem estava mais gostando dele”. Fiquei aliviada em escutar essas palavras. Tudo acabaria bem.

“Mas uma coisa você vai ter de explicar.

Como assim você é a primeira de nós a beijar um garoto?”. Eu deixava o status de BV, “boca virgem”, e oficialmente era a mais experiente de todas nós. Marcela ria, me abraçava e me bombardeou de perguntas sobre a posição das línguas, a duração do beijo, o gosto, enfim, tudo o que a gente tentava descobrir lendo a revista “Capricho” e conversando com as primas mais velhas. Acabamos rindo muito e eu estava muito aliviada de ter falado. Quando voltamos para sala, senti o olhar pesado de Bia sobre mim. Sorri, mas ela não sorriu de volta. Não conseguia entender sua atitude, muito menos a frase do dia anterior.

Quando as férias chegaram, eu parecia estar vivendo um sonho. Passei muitas tardes na piscina de Beatriz com Adriano e Léo, regadas a biscoito recheado e Fanta Laranja, e a trilha sonora da nova banda preferida de Bia, o The Cure. Esqueci o comentário daquele dia, pensei que pudesse ser

PERIGOSAS ACHERON

mais uma das esquisitices de Bia – que gostava de comer pimentão e pepino no lanche como se fosse a coisa mais gostosa do mundo.

Também passamos muito tempo em comum com Marcela e Bibi. Como Bia não gostava de areia, era com minhas duas amigas que eu íamos à praia. Léo e Adriano começaram a nos chamar para ir à Praia da Costa – uma novidade em nossas vidas, que tínhamos anteriormente como balneário somente a praia de Itaparica, onde ninguém da nossa escola ia. Éramos, as três, moradoras de um bairro simples e estudantes de uma escola nobre, que pela primeira vez passariam o verão na praia dos “ricos”.

Que verão! Léo me pediu em namoro e concordamos em falar com nossos pais somente quando fizesse 15 anos, ou seja, esperávamos ficar pelo menos mais um ano juntos, pois eu faria 14 no próximo mês. Eu e Léo não nos beijávamos na

frente das meninas. Só nos beijávamos quando estávamos sozinhos, na saída da casa de Bia ou quando nos encontrávamos escondidos na Praia à tarde, pelo menos uma vez por semana.

Marcela e Bibi ficaram felizes por eu estar estar com Léo e, em vez de me afastar delas, havia aproximado as duas dele e de Adriano. Íamos à lanchonete da frente da escola, assistíamos filmes na casa umas das outras, íamos ao cinema. Léo até foi com Adriano e as meninas – sem Bia, já que Marcela não gostava dela – duas vezes na minha casa assistir filmes. Alugávamos “Karatê Kid” e “Indiana Jones” na videolocadora – quando estavam disponíveis, pois a fila de espera era enorme – e assistíamos tantas vezes que meus pais mandavam todo mundo embora quando não tinham mais paciência.

Quando as férias acabaram e o novo ano começou, estava mais feliz que nunca e tinha muita

PERIGOSAS ACHERON

disposição para começar a oitava série. Por isso, quando a professora de português falou de um projeto inovador em comemoração pelo aniversário da escola – um jornal escrito pelos alunos – eu fui a primeira quem se entusiasmou. Nós da oitava série ficamos responsáveis pelo encarte do primeiro grau (de primeira a oitava série), enquanto os alunos do segundo ano ficaram responsáveis pelo do segundo grau, já que o terceiro ano só se preocupava com o vestibular.

Fiquei responsável pelas fotografias junto com Bibi, cujo pai era fotógrafo e nos deu muitas dicas, além de emprestar a câmera. Foi um projeto maravilhoso, passávamos horas discutindo os assuntos, recebíamos importantes dicas dos professores e trabalhamos duro. Meu laço de amizade com Bibi ficou ainda mais fortalecido, saímos juntas para tirar as fotos, discutíamos os melhores ângulos e começamos até a despertar o

PERIGOSAS ACHERON

ciúme de Marcela, que não se interessava nem um pouco por fotografias e assim ficou responsável pela contribuição das séries do primeiro grau – desenhos infantis e recadinhos carinhosos para as professoras – e estava se entediando com o projeto.

Quando nossa parte ficou pronta, e entregamos para o editor, fomos comemorar na lanchonete na frente da escola. Lá, o grupo do segundo ano também comemorava. Conhecia alguns dos alunos só de vista, e percebi que num determinado momento eles cochichavam olhando em nossa direção. Achei estranho, mas não dei muita importância, afinal estávamos felizes com o nosso trabalho. No outro dia, teríamos em nossas mãos o resultado do nosso esforço e eu estava muito feliz.

Pena que, no outro dia, felicidade foi a única coisa que não senti ao segurar o jornal em mãos. O nosso trabalho foi perfeito, nosso encarte foi

PERIGOSAS ACHERON

elogiado por todos os professores e até a Irmã Ilma nos parabenizou pessoalmente pelas fotos. Eu nem tinha folheado a outra parte ainda quando vi que Léo se levantou, foi até a cadeira de Adriano e lhe deu um empurrão, que, não esperando o golpe, caiu.

Léo gritava e chutava, Adriano gritava de volta e ninguém entendia nada. Depois que conseguiu separá-los, a professora levou os dois para a secretaria. Mas antes de sair, da porta, ele gritou na minha direção, com o olhar raivoso de um bicho machucado:

“Não quero te ver nunca mais.”

Todos olharam para mim, e ninguém entendeu o que tinha acontecido. Até abrirmos o jornal do segundo grau. Na parte de fofocas, uma foto do bilhete de Léo, que tinha sumido da minha vida há mais de dois anos, com uma legenda maldosa:

“Na oitava série também tem *Armação Ilimitada*: Eduarda Xavier tem dois namorados – Leonardo Costalonga, que já era apaixonado por ela desde a terceira, como prova esse bilhete enviado à redação, e Adriano Nunes, melhor amigo dele. Só Leonardo que ainda não sabe”.

12-

Quando Adriano abriu a porta, parecia mais animado que da última vez que tínhamos no visto, na minha casa. Abraçou-me longamente e fomos para a cozinha, onde ele preparou um café para nós dois. Ela estava dormindo. Adriano achava que em meia hora ela já teria acordado, enquanto isso poderíamos conversar um pouco.

Como eu já havia mandado por E-mail os primeiros textos da nossa história, ele também tinha lido as histórias – e as lembranças daquele

tempo também mexeram com ele. Seus olhos brilhavam, enquanto ele falava daqueles anos em que tínhamos tão poucas preocupações na vida.

“Você se lembra da bomba no banheiro? Eu até hoje lembro da cara da professora, gritando de medo”.

“Irmã Ilma te chamou de terrorista”, eu acrescentei, rindo daquela lembrança.

“Terrorista!” – ele mal conseguia falar de tanto rir. “E o que eu virei? Assistente Social, ajudando esse Estado a continuar dando esmola para o seu povo pobre. Devia ter ido com você para Berlim, ou para a Nicarágua, virar guerrilheiro de verdade”.

“Não importa! Você entrou para a história do colégio com a sua bomba. Deve ter um monumento lá até hoje lembrando o nosso terrorista infantil”.

Ele ria com tanta vontade que logo não

estávamos mais a sós: alguém havia estranhado a risadaria e veio nos espionar na cozinha. Era Vanessa, a única filha da Adriano e da minha amiga que dormia no quarto ao lado. Eu não a via há quase 10 anos. Ela era uma cópia de sua mãe, com os olhos castanhos claros e expressivos de Adriano. Sua visão derreteu meu coração.

“O que é tão engraçado?”, ela perguntou abraçando Adriano. Ela deveria ter 15 anos, mas aparentava ter mais. Adriano abraçou-a carinhosamente, ainda rindo, e logo chamou sua atenção para a minha presença:

“Você não se lembra da tia Duda? Você a viu a última vez quando ainda era pequenininha, tinha uns cinco anos de idade. Acho que tem uma foto no álbum de sua mãe”.

Eu fui ao seu encontro, e a envolvi em meus braços:

“Vanessa, você está maravilhosa. Muito

linda! Que bom te ver!”

Ela me abraçou de volta e ficou mais alguns minutos conosco, falando da escola e dos professores. Enquanto ela falava, não podia deixar de pensar que essa menina poderia ter sido minha filha. Como seria a sua aparência hoje, se minha história com Adriano tivesse continuado e ela fosse minha filha ao invés ser filha de sua mãe?

Vanessa falava entretida, mas logo se perdeu em seus pensamentos quando olhou para o relógio e para a tabela com horários de remédio, presa à porta da geladeira.

“Acho que já está na hora do outro remédio, pai. Não deixa passar o horário, está bem?”. Beijou o pai, veio de novo ao meu encontro me dar um abraço e saiu, para checar se sua mãe já tinha acordado.

Logo meu coração apertou, quando me lembrei porque estava ali. Minha amiga de
PERIGOSAS ACHERON

infância estava mal, o câncer havia castigado a ela e sua família. Quando Vanessa saiu da cozinha, Adriano parecia ter se lembrado do estado de sua esposa.

*“Vanessa amadureceu muito com a doença da mãe. Eu acho que ela é quem cuida de todos nós. Precisamos ter esperança, vai acabar tudo bem”, ele disse mais para si do que para mim. “Mas a sua presença aqui já muda muita coisa.”. Ele fez uma pausa para encher sua xícara mais uma vez, caminhar até a janela da cozinha, abri-la e acender um cigarro. Não disse mais nenhuma palavra. Deu o primeiro trago, soltando a fumaça sob a forma de um anel. Sorri ao vê-lo assim, exatamente como fazia há 20 anos. E senti saudade de quando ele era **meu** Adriano.*

Percebendo que estava sendo observado fumando, apressou-se em se desculpar:

“Eu tinha parado de fumar, mas desde que

ela ficou doente, não consegui me controlar mais”.

“Não estou te julgando, Dri!”, também me apressei em dizer, sorrindo para que ele tivesse a certeza de que eu seria a última pessoa a proferir qualquer julgamento ali. “Estou me lembrando de que você fumava assim desse mesmo jeito já há vinte anos”.

Ele também sorriu, talvez se lembrando das mesmas coisas que eu, quando eu o chamava de Dri. Ele mencionou umas duas ou três coisas que havia gostado no texto e finalmente me convidou para entrar no quarto de sua esposa. Tremi, mas resolvi enfrentar aquela situação de frente, em nome de todas as coisas boas que vivemos.

Quando entrei, ela estava acordada. Abracei-a, sentei perto dela. Perguntei dos remédios, dos efeitos colaterais, dos próximos passos. Ela respondeu tudo com calma. Falava devagar, parecia ter envelhecido trinta anos. Quando não

pudemos mais evitar, ela tocou no assunto que me trouxera até ali. Mencionou o texto, pediu que por favor eu continuasse a escrever e a lhe mandar a história. Isso a ajudava a digerir melhor tudo o que estava se passando em sua mente.

“Duda, eu não tenho palavras para expressar o quanto eu sinto. Fui eu quem roubou o bilhete de Léo, fui eu quem enviei para o jornal. E fui eu quem quase acabei com a amizade entre Léo e Adriano, quando inventei que você estava namorando os dois”.

Segurei sua mão, queria mostrar que eu não me importava mais com aquilo.

“Nós éramos crianças, eu também fiz muitas coisas de que não me orgulho.”.

“Mas não foi só isso, Duda. Eu fiz outras coisas terríveis, de que me arrependo profundamente.”

“Não vamos falar mais disso, eu estou aqui,

inteira, feliz. Minha vida tomou seu rumo. Isso não é mais importante”.

“Duda”, ela me interrompeu - “Eu não sei se você um dia será capaz de me perdoar realmente. Mas eu gostaria que você tentasse. Eu tenho mais uma coisa para te entregar hoje.”.

E abrindo a gaveta de seu criado-mudo, ela pegou um envelope que eu nunca tinha visto e me estendeu-lhe, chorando.

“Essa foi uma das piores coisas que fiz na vida. Mas não quero deixar essa vida sem te dar isso. Você precisava saber”.

Quando reconheci a letra naquele envelope endereçado a mim, comecei a chorar também. Era a letra de Marcela.

13-

Léo e eu terminamos, mesmo ele tendo ficado

convencido de que eu nunca tive nada com Adriano. Mas o ciúme o cegou por muitos dias, e sua desconfiança me incomodou tanto que eu não tinha mais condições de ficar com ele. Não tínhamos maturidade emocional para lidar com a situação. Seu ciúme era seu inimigo, e foi ele quem nos traiu, não a intriga no jornal da escola. Incompreensível para mim, foi, na época, saber que alguém tinha guardado o bilhete por tanto tempo e tinha usado daquilo contra mim, de uma forma tão mesquinha.

Quando Adriano e Léo voltaram a se entender, começamos novamente a conviver socialmente, como amigos. O jeito brincalhão de Léo trouxe nossa amizade de volta ao primeiro plano. O tempo foi passando e fechando as feridas, mas Marcela sempre voltava ao assunto do bilhete. Primeiro, porque eu nunca tinha dito às minhas amigas sobre ele antes. Depois, porque ela tinha

PERIGOSAS ACHERON

quase certeza de que Bia tinha sido responsável pelo fim do meu namoro com Léo.

“Só você não enxerga, Duda.”, ela insistia. “Ela sempre gostou do Léo. Lembra como ela ficava com ele na quinta série?”. Eu desconversava, fazia força para deixar aquilo para trás. Mas, de alguma forma, minha amizade com Bia ficou um pouco abalada. Demorou para que eu pudesse deixar de desconfiar. O que só aconteceu por causa de Adriano, que revidava as acusações de Marcela veemente:

“Isso não tem pé nem cabeça. Ela sempre gostou de você gratuitamente. O melhor é esquecer isso tudo e voltarmos a ser todos amigos.”. Foi nisso que me concentrei. Tentei esquecer tudo e deixar o tempo fazer o seu papel, o que ele fez da melhor maneira possível.

O tempo inclusive passou rápido demais e logo chegou 1987, nos envolvendo em novas PERIGOSAS ACHERON

histórias – Marcela começou uma espécie de namoro com Júnior, um menino do time de vôlei, e por conta disso estávamos em todas as competições da escola na cidade. Participamos das preparações para a gincana, que nos rendeu histórias e muitas aventuras. Os alunos foram divididos em grupos por cores, e Marcela, Bibi e Léo acabaram sendo designados para um time – a bandeira amarela –, e eu, Bia e Adriano para um time rival – a bandeira vermelha.

Por conta da arrecadação de donativos e das tarefas da gincana, acabei me reaproximando de Bia – e como sempre, tentei ouvir meu coração e deixar as desconfianças de lado. Começamos a correr juntas no calçadão, uma vez por semana, e ela começou a me ensinar um pouco de alemão, que eu achava fascinante. Com ela, comecei a ouvir música popular brasileira – Djavan, Maria Betânia, Caetano Veloso. Marcela torcia o nariz mas

PERIGOSAS ACHERON

respeitava minha decisão de ficar do lado dela. Bibi parecia não se importar tanto. Por causa da competição de bandeiras, começou a andar muito com Léo, e percebi que aquela antiga paixão dos tempos da quinta série poderia estar renascendo. Mas não me importava mais. “*Ninguém manda no coração*”, tentava me lembrar do que Marcela havia dito quando eu disse estar gostando dele no ano anterior.

Também por causa da gincana, acabei me encontrando muitas vezes com Adriano. E mesmo quando a gincana acabou, ele passou a me visitar todo fim de semana para me mostrar algum disco novo ou um filme, que não poderíamos deixar de ver. Acabei gostando realmente de algumas das bandas que ele ouvia. Eu já gostava da Legião Urbana, mas Adriano me fez conhecer melhor algumas de que nunca teria tido notícia se não fosse ele: Titãs, Garotos Podres e Plebe Rude, por

PERIGOSAS ACHERON

exemplo.

Uma vez, durante uma de suas visitas, um primo mais velho, Charles, estava de passagem em minha casa quando ouviu que Adriano e eu escutávamos uma música do Plebe Rude e veio nos espionar na sala. Meu primo tinha 19 anos, dirigia o próprio carro e minha tia Lo quase morria do coração por conta das namoradas que se revezavam em sua casa.

“Não acredito que você escuta punk, Dudex!” Era assim que meu primo me chamava, desde que eu tinha 10 anos. Charles pegou o LP da mão de Adriano e ficou espantado com o conhecimento musical de meu colega de sala. Os dois falaram sobre aquela e outras bandas, e Charles fez muitas perguntas a Adriano, como se estivesse querendo testá-lo. Ele quem nos contou uma coisa que fez os olhos de Adriano brilharem:

“Olha só, pirralhos. No fim de semana que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vem vai ter um festival de música punk na praia de Itaparica. Se sua mãe deixar, Dudex, eu levo vocês dois com a minha turma.” Charles tinha ganhado como presente de 18 anos uma kombi velha, que tratava com todo carinho do mundo e onde carregava, todos os fins de semana, os primos e primas mais velhos para as mais diversas festas e shows, ou como dizíamos na época, para os mais diferentes “rocks”. O carro era chamado de “Trovão Azul”, em homenagem a uma série de televisão da época, e partia sempre com mais de 15 pessoas a bordo para as festas.

Claro que Adriano também ainda tinha que pedir permissão a seus pais para ir ao show, mas nós dois ficamos no céu com o convite, por diferentes motivos: eu, porque finalmente fui aprovada por ele para sair com meus primos mais velhos e Adriano pela possibilidade de ver ao vivo as bandas que gostava.

PERIGOSAS ACHERON

Não acreditei quando minha mãe permitiu – depois de recomendar cem vezes que Charles tomasse conta de mim, que não deixasse ninguém me sequestrar, de me dizer mil vezes para não aceitar bebidas de estranhos, de não perder meus primos de vista etc. Chamei Marcela e Bibi para irem também, mas as duas recusaram. Bibi disse que sua mãe nunca deixaria, e que ela preferiria investir numa permissão de saída para ir a boate da moda, BlowUp, assim que tivesse uma oportunidade, pois nos domingos era permitida a entrada de menores de idade.

Marcela não suportava punk, nem rock. Ela só gostava de música pop, ouvia Lulu Santos, Kid Abelha, Roupas Nova. Além disso, estava no sétimo céu com seu namorado com Júnior – por quem eu nutria uma certa antipatia –, e queria encontrar alguma forma de vê-lo no fim de semana do show. Quando Marcela e Bibi recusaram o convite,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convidei Bia para ir conosco. E ela aceitou. Ela sim, gostava de punk e estava curiosa para conhecer meus primos – eu já havia falado de Charles e dos meus outros primos malucos para ela.

Quando chegou o dia do show, me arrependi logo no início de ter entrado naquela enrascada. Não sei o que eu imaginava que seria um show punk, mas nunca na vida esperava o que encontrei ali. Escuridão total – o show foi ao ar livre na praia – muita gente bêbada, muita gente drogada, simplesmente muita gente. Adriano parecia estar à vontade, somente ligado na música, mas sempre vigiando se tudo estava bem comigo e Bia, não deixando ninguém encostar na gente. Apesar de seus 15 anos, ele já tinha quase 1,80 m e parecia mais velho. Ainda mais com sua jaqueta de couro preta, que combinava perfeitamente com o estilo do espetáculo.

Meus primos ficaram no começo também

PERIGOSAS ACHERON

perto da gente, mas logo depois começou a sumir um por um de perto de nós. Num determinado momento, só ficamos Charles, Adriano, Bia e eu. Adriano saiu para comprar bebidas e trouxe uma Coca-Cola para mim. Estranhei ele não ter trazido nada para Bia, mas ele disse que ela não bebia refrigerante. Vez por outra eu perguntava alguma coisa para ele, e para que pudesse me escutar, ele me abraçava, aproximando o ouvido da minha boca, ou minha boca de seu ouvido. Sem perceber, acabamos deixando Bia um pouco de lado.

Logo Charles começou a conversar com Bia, falar uma ou outra coisa no ouvido para superar o volume da música. Os dois riam, pareciam se entender muito bem. Depois de algum tempo, ela pegou a mão dele, e quando percebi, os dois começaram a se beijar e logo sumiram de perto de nós.

Quase não acreditei naquilo. Charles era

PERIGOSAS ACHERON

praticamente adulto, fiquei indignada com aquela atitude de Bia. Adriano percebeu logo o que estava acontecendo e, vendo minha indignação e também meu olhar de medo perante o tumulto daquele show, me deu a mão, e me chamou para ficarmos um pouco mais para o lado, onde não tinha muita gente.

Adriano me protegeu o resto da noite, e me deu uma sensação de segurança tamanha, que logo esqueci todos os elementos estranhos naquela noite e me concentrei somente no show. Logo começamos a rir do jeito que os grupos dançavam, batendo uns no outro no meio de uma roda. Ríamos do excesso de palavrões com que os cantores falavam com o público, ríamos até de nós mesmos, porque não sabíamos a letra nem da metade das músicas que eram tocadas ali – nem mesmo Adriano, com um conhecimento musical que eu admirava – estava esperando a diversidade das

PERIGOSAS ACHERON

bandas que se apresentaram ai naquela noite.

Ficamos de mãos dadas ou abraçados até o final do show. Quando ele me abraçava, eu não queria mais sair dali do dentro, do ninho dos seus braços. Adriano era grande, bem maior que eu, enquanto Léo era naquela época só uns 5 centímetros maior que eu. Por isso, no abraço de Adriano eu me sentia envolvida e protegida por todos os lados.

Por alguns instantes, fechei os olhos e deixei o mundo todo acontecer ao nosso redor. Senti muito carinho por ele e pude sentir também sua afeição por mim. Ele de vez em quando beijava minha testa, com ternura. Gesto que repetiria muitas vezes depois daquela noite. Quando o show acabou e todo mundo foi voltando pouco a pouco para perto do Trovão Azul, tive pena de ter que me separar fisicamente dele, de ter que soltar sua mão para me amontoar com as outras 15 pessoas dentro

do carro.

Bia apareceu de mãos dadas com Charles, e eu não falei com ela, fingi estar prestando atenção em outra coisa ou outra pessoa enquanto ela sentava no banco da frente, ao lado de Charles. Geralmente o banco da frente comportava o motorista e, pelo menos, mais duas pessoas, mas Charles declarou que os dois iriam sozinhos da frente. Quando ele a deixou em casa e a beijou na frente do seu prédio, os outros primos fizeram uma grande algazarra, gritando, assoviando e batendo no teto no carro. Eu nem quis olhar para ela. Não me despedi. Não saberia explicar por que motivo eu estava indignada, mas fiquei com muita raiva dela aquele dia.

Logo depois foi a vez de Adriano descer. Eu não pude descer do carro para me despedir porque estava espremida no último lugar do segundo banco de trás. Mas ele deu a volta correndo na rua e bateu

na minha janela, jogando um beijo no ar. Mais uma vez a tripulação do Trovão Azul foi ao delírio.

Charles gritou lá da frente, enquanto arrancava com o carro:

“Dudex, seja bem-vinda oficialmente ao Trovão Azul. Daqui para frente, você e seu *ficante* estão aprovados na tripulação. Mas só se trouxerem minha Biazinha junto”.

Porque os outros primos e amigos riam alto, gritavam e batiam os pés ao mesmo tempo, já imaginando os próximos fins de semanas com o grupo todo, Charles não escutou a minha resposta.

“Pode esperar sentado”.

Pena que não seria eu quem decidiria isso.

14-

Minha mãe tinha quatro irmãs, e não se sabe se foi planejamento ou se foi acontecendo, mas

PERIGOSAS ACHERON

minha avó foi nomeando as filhas de acordo com uma lógica um tanto quanto patética: mamãe, a mais velha, foi chamada de Laura, depois vieram Tia Léia, Tia Lina, tia Lorena e tia Luana, ou seja, elas eram as irmãs La–Le–Li–Lo–Lu.

Nossa família era barulhenta, e as irmãs agiam sempre em uníssono: todos os sobrinhos eram corrigidos por todas as tias, era como um direito de educação em grupo adquirido somente por termos o sobrenome Silva, da família da minha mãe. Mas as irmãs La–Le–Li–Lo–Lu tinham outro talento também: quando elas se uniam, produziam as melhores festas que o nosso dinheiro curto podiam promover.

Foi assim que minha mãe e minhas tias planejaram, durante o ano inteiro, meu aniversário de 15 anos. Esse dia era o sonho de todas as garotas. A minha festa foi no salão de festas da tia Le, que, com as tias Li, Lo e Lu e com a minha

PERIGOSAS ACHERON

mãe, tinha preparado tudo com muito carinho: a decoração, as lembrancinhas, o bolo, até meu vestido tinha sido feito por elas. Elas se encontravam frequentemente na casa de Vovó Célia e passavam as tardes de domingo vendo o programa Sílvio Santos e enrolando quibes e coxinhas, recheando empadinhas e enfeitando docinhos.

Tudo ficou maravilhoso, eu tive muitos convidados e recebi muitos presentes. Todos os meus amigos estavam lá. Depois de dançar a valsa com meu pai, dancei a outra valsa oficial com Adriano, apesar do protesto de minha avó, que queria que eu dançasse com um de meus primos. Nosso contato tinha ficado mais intenso e eu suspeitava que iríamos acabar namorando, mas alguma coisa impedia o primeiro passo, tanto da parte dele quanto da minha. Hoje eu sei que ele não queria prejudicar a amizade com Léo e estava

PERIGOSAS ACHERON

somente aguardando um sinal de sua parte.

Mesmo com um orçamento bastante limitado, minha festa foi especial devido ao esforço de minhas tias queridas, que muitos anos mais tarde repetiram a dose no meu casamento. Pouco dinheiro, mas muito amor. Não tivera a sorte de nascer numa família rica como a da Beatriz, que a presenteou com a participação no baile de debutantes do Clube Sírio-Libanês, na Praia da Costa. A festa de Bia foi a primeira de todas nós, pois ela era um ano mais velha que as outras meninas da classe. Foi inesquecível, com a participação inclusive do ator Alexandre Frota, que na época fazia todas as meninas suspirarem de amor.... E quem poderia suspeitar, na época, que 30 anos depois, ele ficaria mais conhecido pelos filmes pornô e controvérsias com transexuais na TV brasileira.

Eu ainda estava chateada com Charles – na

PERIGOSAS ACHERON

verdade, mais com Bia do que com ele, desde o dia do Festival Punk. Não gostei do que Bia me disse no dia seguinte, quando questionei a atitude dela:

“Você se entendeu com Adriano, sem nem se preocupar comigo. Para você, eu sou sempre uma segunda opção, sou sempre colocada em escanteio. Eu resolvi então me divertir sem você, já que você estava se divertindo bastante com Adriano, como já se divertiu com Léo. Você conquistou meus amigos, e eu não posso conquistar o seu primo?”

Comecei a questionar, a partir desse comentário, se Bia realmente tinha estado apaixonada por Léo, como Marcela sempre disse. E se ela agora estivesse gostando de Adriano e havia ficado com ciúme da atenção que ele havia me dado? Algumas situações obscuras no comportamento dela vinham em minha mente, principalmente regadas pelos comentários de Marcela, que não escondia de jeito nenhuma sua

PERIGOSAS ACHERON

antipatia por Bia. Tivemos uma crise e só voltamos a conviver depois disso novamente por conta de Adriano, que insistiu para voltarmos a nos entender.

E Charles, que fazia o tipo conquistador de mulheres, correu tanto atrás de Bia que conseguiu iniciar um namoro com ela, para desespero do meu pai, que conhecia a fama do sobrinho e não queria que ele “fizesse alguma bobagem” com a filha do seu chefe. Na categoria “bobagens” se encontravam, entre outras, a arte da traição, do desvirginamento e no pior dos casos, a gravidez fora do casamento.

Eu não conseguia entender o motivo de Bia estar com Charles. Ele não fazia em nada o tipo dela. Apesar de ser uma pessoa simpática e ser bonito, ele não fazia parte do mundo de Bia, onde roupas de marca, viagens e carros de luxo eram coisas normais. Charles tinha terminado o segundo

PERIGOSAS NACIONAIS

grau e começado a trabalhar na oficina mecânica de Tio Jessé, não tinha a menor pretensão de cursar uma faculdade.

Já Bia, que falava fluentemente alemão e inglês com 15 anos de idade, já sabia que queria estudar medicina no Rio Grande do Sul. Charles não tinha ambição, não tinha gosto para roupas, não tinha nem muita educação, pois arrotava alto em público e comia de boca aberta, enquanto Bia parecia uma princesa, que conquistava a todos. Quando eles começaram a namorar, a primeira coisa que ela me disse foi que estava feliz, pois assim ficaríamos ainda mais próximas. Até minha mãe estranhou essa atitude, apesar de sempre ter desejado que eu e Bia nos tornássemos melhores amigas: “Eu acho que essa menina tem uma fixação por você.”, ela disse, e hoje eu consigo entender o que era impossível para mim naquela época, sem os óculos da maturidade.

PERIGOSAS ACHERON

No dia da minha festa, Charles e Bia vieram como um casal. Marcela, como sempre, torceu o nariz para Bia. Já Bibi foi à mesa dela várias vezes, já que Léo e Adriano vez por outra passavam por lá, mas ninguém ficava mais de 10 minutos. E não foi por causa de Bia, nem por causa de Charles, mas por causa da minha avó Célia, que entrou no time da vigilância do namoro dos dois, formado pelas tias Le-Li-Lo-Lu, pelo meu pai, o pai de Bia, o pai de Charles e principalmente, da minha avó. Ela simplesmente não aceitava que Charles namorasse uma menina tão nova. Eles não tiveram paz. Mas acho que Bia até gostou de receber tanta atenção. Ela e minha avó conversaram muito. Quando fui de mesa em mesa cumprimentar os convidados, vi minha avó falando tão entusiasmadamente com ela que tive ciúmes. Anos mais tarde, Bia seria uma das pessoas que mais chorara no sepultamento da vó Célia. Mesmo muito

PERIGOSAS ACHERON

tempo depois do término do namoro, ela visitava minha avó regularmente e escutava suas histórias de mil novecentos e antigamente com muito carinho.

As festas de 15 anos de Fabiana e Marcela também foram especiais. As duas foram no Clube ARCI, no nosso bairro, reservado só para elas. A de Bibi foi a primeira: ela estava lindíssima, não se parecia em nada com aquela garota gordinha que um dia havia sido na quinta série. Ela se tornou uma loira linda, esguia, que roubava a atenção onde passava. E na sua festa de 15 anos, ela apresentou o namorado à sua família e seus amigos: Léo.

Algumas semanas antes do aniversário dela, eles acabaram se beijando na domingueira da boate e começaram a namorar. E pouco antes da festa, Léo a pediu oficialmente em namoro a seus pais. Confesso que, lá no fundo, senti uma pontada de dor, já que esse tinha sido o nosso plano – namorar

PERIGOSAS ACHERON

oficialmente aos 15 anos. Mas tudo havia ficado para trás. Os dois estavam radiantes, e eu fiquei feliz por ela. E por ele também, já que tinha aprendido a gostar realmente de Bibi.

Além do mais, aquele parecia o sinal que Adriano estava esperando. Durante a festa de Bibi ficamos na mesma mesa que Marcela e Juninho, e os dois cochichavam quase o tempo todo e saíam a cada 20 minutos para se beijar em algum canto da festa, longe dos olhos dos pais. Eu amava minha amiga de todo coração, mas minha antipatia por Juninho só crescia. Eu não gostava do jeito que ele olhava para as outras meninas quando Marcela não estava olhando. Como Adriano notou que não estava completamente à vontade ali, me chamou para dar uma volta pelo clube e acabamos indo para o varandão, tomar um pouco de ar.

Lá a música também não era tão alta e podíamos conversar melhor. Mas senti que Adriano

PERIGOSAS ACHERON

estava um pouco tenso, e como ele não era de falar muito, fui eu quem tentou instigá-lo a falar.

“Está acontecendo alguma coisa, Dri?”.

Ele suspirou fundo, arrancando de suas reservas coragem, depois de hesitar alguns momentos.

“Você ainda gosta do Léo?”, ele foi direto ao assunto, me surpreendendo.

“Não” - estava surpresa, mas fui tão direta quanto ele. “Ele e Bibi estão juntos e eu estou feliz pelos dois. Mas por que você a pergunta?”.

Ele não respondeu, só me puxou para si e me abraçou, como havia feito no show de punk. Eu fechei os olhos e fiquei dentro de seu abraço alguns instantes, entendendo tudo o que o seu silêncio me dizia. Depois inclinei o rosto para cima e aguardei o beijo, que eu tinha certeza que viria.

E veio. Adriano me beijou devagar, carinhosamente, como alguém que havia sonhado

PERIGOSAS ACHERON

com cada milissegundo daquele momento. Esse primeiro beijo não foi atrapalhado como o de Léo, que tinha sido um assalto. Eu também estava aguardando aquele momento, e secretamente havia sonhado com o toque de seus lábios, com o seu hálito, com o gosto de sua boca. Depois do beijo ficamos muito tempo com os rostos unidos, testa com testa, olhos fechados e um sorriso, como agradecidos e plenos. Um momento inesquecível em minha vida, sem o som de nenhuma palavra, mas cheio de sentimentos.

Foi na festa de Marcela, 10 dias depois daquela, e depois de mais três encontros escondidos com Adriano, que ele me pediu em namoro. Durante a festa, ainda dançamos um pouco no salão. Durante as músicas lentas, nos misturamos aos casais e aproveitamos a luz fraca para nos beijar uma vez na pista de dança lotada, rapidamente, certos de que estávamos escondidos.

Voltávamos para a mesa e fingíamos que nada tinha acontecido, para alguns minutos depois desaparecemos de novo pelos cantos escuros do clube.

Num dos momentos em que estávamos à mesa, Bibi veio cochichar ao meu ouvido:

“Eu estou feliz por você e Adriano. Tinha certeza de que vocês acabariam juntos”. Eu tinha contado para as minhas duas amigas que eu e Adriano havíamos nos beijado na festa de Bibi, mas ninguém tinha nos visto juntos ainda. Agora ela tinha certeza. Melhor assim, pois eu não queria que nada mais ficada entre nós. Se eu estivesse com Adriano, tenho certeza de que ela ficaria mais feliz ao lado de Léo.

Quando, no meio da festa, contei a Marcela que estávamos namorando, ela ficou radiante:

“Programa de casal!”, ela gritava, abraçada a mim e a Bibi. “Temos 15 anos e todas estamos

PERIGOSAS ACHERON

namorando! A vida finalmente vale a pena ser vivida!”, ela gritava de alegria. Ah, se minha amiga soubesse como ela estava enganada ao dizer isso.

15.

Eu e Adriano namoramos por quatro anos. Ele foi o namorado mais perfeito que eu já tive: educado, cavalheiro, fiel, romântico e um grande amigo. No começo mantivemos nosso namoro escondido de meus pais, por mais ou menos um ano. Depois não conseguimos mais esconder. Minha família já estava esperando confessarmos que estávamos namorando, e meus pais gostavam dele.

Eu ainda passava bastante tempo com minhas amigas, mesmo que nós todas estivéssemos num relacionamento. Nós nos encontrávamos algumas vezes à tarde, geralmente na lanchonete da frente da escola, depois de fazermos as tarefas de casa. E

além disso, tinha o cinema. Nós meninas passávamos o dia inteiro no Cine Paz, no centro de Vitória, na companhia de Patrick Swaize e Jennifer Grey: foi a época em que torramos o dinheiro dos nossos pais com idas quase diárias às sessões do filme “Dirty Dancing – Rítmo quente”. Chegávamos as duas horas e iramos embora as 20 h, se nenhum “lanterninha” nos descobrisse, e suspirávamos com aquela história de amor cheia de ritmo, que até hoje, confesso, ainda me faz suspirar.

Um dos lugares onde os casais se encontravam para namorar eram os clubes. Como Marcela não saía com Bia, encontrávamos ela e Juninho nas domingueiras do clube que ficava no nosso bairro. Lá, era onde eu e Adriano tínhamos nos beijado a primeira vez, no aniversário de Bibi. Só que nas domingueiras tudo era diferente. Nenhum casal podia se beijar na pista de dança. Os desavisados sentiam um cutucão no ombro logo na

PERIGOSAS ACHERON

primeira tentativa, e quem insistisse no delito era retirado da pista e até do clube.

Podíamos ir à meia-noite a pé para casa e o pai de Adriano o buscava na frente na minha casa logo depois. Muitas vezes Marcela dormia lá em casa, outras eu dormia na casa dela. Quando eu dormia lá, geralmente Bibi acabava querendo ir para lá também. Ficávamos conversando no escuro até o pai ou a mãe da gente acabar com a festa.

Foi uma das melhores épocas da minha vida. Todos estavam felizes, estávamos sempre sorrindo, Vila Velha parecia ser o centro do mundo. Não me interessava que dissessem que nossa cidade era pequena, provinciana. Estávamos mais felizes do que qualquer cidadão de Nova Iorque, mais completos que qualquer adolescente da Europa.

Cinco meses depois de ter iniciado seu namoro com Chales, Beatriz terminou com ele de uma hora para outra, partindo o coração do meu

PERIGOSAS ACHERON

primo. Ele ainda foi algumas vezes me procurar, pedindo para que eu entrevistasse, que falasse com ela. Mas nada adiantou. Bia finalmente caiu em si, e argumentou que gostava muito dele como amigo, mas que não tinha como levar aquele relacionamento à frente. Sem Charles, ela começou a sair algumas vezes conosco e Marcela – Bia dizia que nunca teve nada contra ela. Fomos algumas vezes ao cinema, à boate e até ao clube juntos. Mas Marcela nunca engoliu a presença de Bia entre nós. Só tolerava em nome da amizade que eu e os meninos tínhamos com ela.

Na verdade, Bia nunca marcou uma grande presença quando saíamos, ela era muito calada e introspectiva, mas sua beleza era estonteante. Seus cabelos extremamente loiros e olhos muito azuis eram o sonho de qualquer menino da nossa cidade. E Marcela morria de ciúmes de Júnior, que ainda tinha o mau hábito de “secar” as outras meninas

PERIGOSAS NACIONAIS

com seu olhar, e, como ficamos sabendo aqui e ali, telefonar para uma ou outra numa “conversinha” que hoje poderíamos comparar com as traições virtuais do WhatsApp.

Foi por causa disso que tive a primeira e última briga com Marcela.

No início das férias, fomos todos juntos na domingueira do Clube para nos despedirmos: no dia seguinte eu viajaria com minha família para visitar uma tia, irmã do meu pai, no interior de São Paulo. Ficaríamos lá por três semanas. Marcela iria em dois dias de carro para o Rio com os pais dela e Bibi alguns dias depois para o litoral norte do Espírito Santo. Léo viajaria com os pais para o Nordeste, Adriano para o Sul do Brasil, ambos também em dois dias. Beatriz iria somente em quinze dias com os pais para a Alemanha, onde passariam três semanas. O único que ficaria em Vila Velha era Júnior.

PERIGOSAS ACHERON

No clube, a atmosfera era boa. Rimos, dançamos, estávamos nos divertindo. Lá pelas dez da noite, Adriano e Léo estavam se acotovelando com mais 50 pessoas para comprar alguma bebida para nós, e fui ao banheiro com Marcela. Logo depois Bibi apareceu por lá também e acabamos demorando demais com a maquiagem. Marcela voltou primeiro para o salão e lá encontrou uma cena que despertou sua ira. Bia com os dois braços em volta do pescoço de Júnior, com a boca colada ao seu ouvido. Marcela não viu o rosto de Bia, que estava de costas para ela. Só o de Júnior, que parecia querer se defender daquele contato. Quando eu e Bibi voltamos, a confusão estava armada. Marcela, dedo em riste, gritava com Bia, enquanto ela não reagia, nem mesmo olhando em sua direção.

Léo e Adriano chegaram e tentamos apaziguar a situação. Mas Marcela estava fora de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

controle, principalmente porque Bia não respondia, nem olhava para ela – ela parecia transtornada. Preferimos sair todos do clube, antes que algum segurança nos colocasse para fora. Já na rua, a situação. piorou. Marcela continuou gritando, acusando Bia de querer roubar o seu namorado. Só do lado de fora que Bia reagiu, mas de uma forma que ninguém esperava:

“Marcela, pelo amor de Deus, eu nunca iria querer nada com esse imbecil. Eu estava querendo enfiar a mão na cara dele, estava brigando com ele e não querendo beijá-lo” - ela gritava tanto que as veias do seu pescoço saltavam. Júnior, por sua vez, continuava com cara de assustado. Ele não falava nada, nem se defendia, nem atacava.

“Não se faça de idiota”, Marcela insistia. E aí começou a desenterrar intrigas e suspeitas do passado. “Você está querendo destruir o meu namoro, como fez com Duda e Léo”.

PERIGOSAS ACHERON

Eu quase mori de vergonha. Léo também ficou muito desconfortável com essa direção que a conversa tomou. Mas isso só irritou ainda mais a Bia. Ela não suportou essa acusação e gritou de volta. Foi a primeira vez que a vi fora de controle:

“Preste atenção no que você está falando. Você sabe melhor que ninguém quem foi responsável por aquela palhaçada no jornal.”. E foi adiante, ninguém podia pará-la:

“Pergunta para o santinho do seu namorado o que eu estava fazendo. Se eu estava querendo beijá-lo. Eu não me importo mais sobre o que pensam de mim. Fala, Júnior, fala o que aconteceu”.

Júnior não conseguiu articular nenhuma frase. Mas Marcela não prestou a menor atenção. Continuou acusando Bia, que começou a gritar o nome de uma monte de meninas da nossa sala que já tinham recebido um dos telefonemas esquisitos de Júnior. Todos nós sabíamos – as meninas já

PERIGOSAS ACHERON

tinham falado com outras meninas e a gente acabava sabendo – mas ninguém contava para Marcela.

A confusão aumentou, Léo e Adriano se intrometeram, Bibi também insultou a Bia, e eu tentei apaziguar a situação., sugerindo a Bia que saísse dali comigo agora e fôssemos para minha casa. Eu abracei Beatriz, e sai com ela de perto de Marcela. Bia tinha caído no choro e tremia muito. E eu precisava ajudá-la, não seria mais uma a apedrejá-la, ainda mais por causa de Júnior.

Fui saindo com ela, mas Marcela ficou ainda mais revoltada com a minha atitude do que com a briga com Beatriz:

“Não acredito, Duda. Não acredito que você vai defender essa daí, mesmo depois dela ter agarrado meu namorado e ainda ter me ofendido!”.

“Marcela, sinto muito, mas eu tenho que defender a Bia de uma acusação: a de querer roubar

seu namorado. Ele não é santo, e você já deve ter desconfiado disso.”

Marcela estava possuída pela raiva:

“Se você sair agora com essa garota, nunca mais nos falamos. Será o fim de nossa amizade”.

Toda a situação doía demais. Não aceitava aquela injustiça por parte de minha melhor amiga.

“Não fale isso, Marcela. Quando você retomar a calma, vai ver que isso não faz sentido. Eu preciso ajudar a Bia agora. Eu amo você amiga”.

Ela não deixou por menos:

“Pois a partir de hoje, você deixa de existir para mim. Você não é leal, não é fiel, só pensa em você mesma. Pode ir, não somos mais amigas.”

Escutei isso já ao sair, de costas para Marcela. Um frio na barriga, uma sensação de gelo na espinha. As palavras de Marcela foram duras demais. Enquanto consolava Bia, que não parava de

PERIGOSAS ACHERON

chorar nem um minuto, já pensava em um jeito de ver Marcela antes de viajar no dia seguinte. Não podia deixar as coisas desse jeito.

Achamos melhor não chamar o pai de Bia, pois ela não parava de chorar. Demos um jeito de pedir a ele para ela dormir lá em casa e por algum motivo ele engoliu nossa história.

Adriano, que tinha ido até a minha casa com a gente, tentou me consolar quando nos despedimos:

“Não se preocupe com o que Marcela disse. Ela estava fora de si. Depois das férias vocês resolvem isso”.

Eu não queria esperar. Depois que ele se foi e Bia dormiu, eu escrevi uma carta para Marcela, dizendo que a amava demais e com ela tinha aprendido a sempre ficar do lado dos mais fracos. Naquele momento, era Bia que precisava de mim. Eu pedi que ela escutasse Júnior, que ele explicasse para ela o que aconteceu, e que Marcela confiasse

PERIGOSAS ACHERON

em seu coração. Se ela achasse que Bia realmente estava fazendo o que ela suspeitava, eu seria a primeira que deixaria ela de lado, pois não suportava mentiras e traições.

Pedi na carta novamente que ela perdoasse eu ter saído daquele jeito e deixava o endereço da minha tia, onde estaríamos de férias – se ela quisesse escrever uma carta para mim, me deixaria muito feliz.

No outro dia, quando partimos para as férias, passei na casa de minha amiga e deixei a carta na sua caixa de correio. E parti, com o coração doendo mas com esperança de ser perdoada por ela.

Foi aí que um caminhão cruzou nossos caminhos.

16-

Só quando me tornei adulta enxerguei a verdadeira dimensão que a amizade com Marcela

PERIGOSAS ACHERON

teve na minha vida. Ela exercia um grande poder sobre mim, sem nem desconfiar em que dimensões. Acredito que via nela aquilo que eu queria ser: ela era bonita, alta, magra, cada parte do corpo dela parecia estar no lugar certo, seu rosto era uma pintura. Mas era o seu jeito que mais me encantava: ela era uma líder nata, ela não havia nascido para ficar na sombra de ninguém, e conseguia ser determinada e autoritária, mas, ao mesmo tempo, ser carinhosa e atenciosa.

Marcela tinha amizades em todas as séries, era querida pelos professores e pelos funcionários da escola. Ela sabia o nome de todos os porteiros, chamava as faxineiras pelo nome e as cumprimentava com um beijo todos os dias. Ela pairava na minha visão como uma heroína, que sempre protegia os amigos mais fracos – eu, uma menina tímida e insegura, Bibi, uma amiga gordinha que ninguém queria por perto. Eu amava

PERIGOSAS ACHERON

Marcela e tentava imitar o jeito dela rir, o jeito dela falar, de se vestir e até suas manias.

Por isso, essa é a parte da minha história que eu preferia não ter que escrever. Como eu fiquei sabendo que minha querida amiga Marcela tinha razão. Nunca mais ela falaria comigo. Mas não pelos motivos da nossa briga. O destino ignorou nossa briga, nossa amizade, os planos dela para o futuro, os planos de sua família. O destino veio em forma de um caminhão desgovernado na estrada, que atingiu em cheio o carro dos pais de Marcela e exterminou instantaneamente toda a família, juntamente com seus sonhos, histórias, amores e desamores. De um momento para outro, tudo que Marcela pensava, fazia, planejava para os próximos dias, semanas, meses e anos foi riscado por aquele caminhão, como também minha alegria.

Eu fiquei sem chão. Só fiquei sabendo da notícia quando retornamos para Vila Velha. Meus

PERIGOSAS ACHERON

pais já sabiam há alguns dias, mas resolveram não me contar nada durante a viagem. Eu já sabia que havia algo errado. Não somente porque todas as vezes que perguntei a minha tia se tinha chegado alguma carta para mim, todo mundo agia de um jeito estranho, mas também porque minha mãe parecia querer chorar a todo momento que me via conversando com minhas primas.

Meu mundo parecia ter sido implodido pela dor. Perdi o sepultamento, não pude me despedir de minha melhor amiga, que ainda morreu com raiva de mim. Isso era o que doía mais. Não tive tempo nem de esclarecer o mal-entendido, de ouvir dela que ela entendia que nosso desentendimento era pequeno demais em vista de nossa amizade. “A partir de hoje, você deixa de existir para mim. Você não é leal, não é fiel, só pensa em você mesma. Pode ir, não somos mais amigas.” Foi a última coisa que ouvi de minha melhor amiga. Isso fazia

PERIGOSAS ACHERON

com que sua perda doesse ainda mais, se é que isso é possível.

Nos primeiros momentos, não conseguia falar. Não sei quantas pessoas vieram falar me procurar – professores, psicólogos da escola, pessoas da igreja da minha mãe, colegas – dizendo que eu podia desabafar com elas, que se eu quisesse conversar, elas estariam ali, à disposição. Lembrome da raiva que sentia ao ouvir isso, *conversar*. Como se houvessem palavras no mundo que pudessem descrever a dor que eu estava sentindo. Como se - caso existissem essas palavras, eu pudesse expressá-las da forma exata, traduzindo o que se passava em mim. Como se isso fosse aliviar a dor que eu estava sentindo, uma dor que não cabia dentro do silêncio em que me tranquei. Marcela havia morrido, e me levado junto com ela.

A única pessoa que tinha algum efeito sobre

PERIGOSAS ACHERON

mim nessa época era minha mãe. Ela sentava do meu lado e somente segurava minha mão, mas não dizia nada. Talvez ela soubesse que ao segurar minha mão, ela impedia que eu me afogasse no mar revolto das palavras não ditas dentro de mim. Que me perdesse na confusão de sentimentos e ressentimentos que inundava meu coração, que não me deixava respirar.

Aí eu conseguia chorar. Chorava por Marcela, que não sabia o que era a vida depois dos 15 anos, que não faria faculdade, que não experimentaria a vida com todas as cores, sons e sabores. Chorava por mim, que a partir daquele momento não teria mais o amor e a atenção da primeira pessoa que havia me tirado da sombra. Chorava por todas as dores e injustiças desse mundo, que levava crianças e jovens para longe de quem os amava. E chorava por que Marcela partira com raiva de mim, por que, com certeza, no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento em que aquele caminhão atingiu o seu carro, no seu coração meu nome estava marcado com as cores da mágoa, que eu nunca pude reverter.

Não consigo deixar de pensar na morte de Marcela sem chorar. Por isso, quase vinte anos depois, não tive dúvida ao colocar seu nome em minha filha. Precisava ouvir de novo o nome *Marcela* ligado a risadas, ternura, lembranças boas. Precisava ter uma Marcela perto de mim, e para ela diria todos os dias o quanto eu a amava, e contaria muitas e muitas histórias de uma tia que não conheceu, mas de quem se orgulharia, por ser a pessoa mais simples, mais amorosa e mais amiga que já conheci.

PERIGOSAS ACHERON

“Querida Duda

Desculpe-me, você tinha toda razão. Pressionei o idiota do Júnior e ele me contou toda a verdade. Ela não estava tentando agarrá-lo, mas sim, estava brigando com ele. Não vou te contar o motivo por carta, mas precisamos falar sobre isso quando você voltar. Eu e Bia já nos entendemos, por isso estou escrevendo essa carta para você. Para que você fique tranquila e saiba que está tudo bem entre nós.

Eu amo você, minha amiga, e tenho orgulho de sua amizade e da pessoa que você é. Eu e Bibi ainda precisamos aprender muito com você, com seu amor ao próximo e senso de justiça. Desculpe-me por ter dito palavras tão duras. Nunca iremos nos separar, nada no mundo vai fazer com que a

nossa amizade termine. Ficaremos juntas para sempre! Eu te amo muito, sua boba. Não vejo a hora das férias acabarem, já estou com saudades de você.

*Um beijo da amiga para sempre,
Marcela”*

Eu comecei a soluçar tão alto que Adriano veio ver o que tinha acontecido. Ao me ver com a carta de Marcela em mãos, saiu novamente do quarto, deixando-me a sós com sua esposa. Ela com certeza falou com ele sobre a carta.

“Por quê nunca recebi essa carta?”, foi a única coisa que consegui articular, cheia de dor.

Ela também tinha os olhos marejados de lágrimas.

“Ela escreveu um pouco antes de viajar. Ela queria resolver a situação com você antes de voltar de viagem, por isso me ofereci para colocar a carta

no correio. Mas nunca coloquei”. Ela fez uma pausa, para avaliar se poderia continuar. Eu chorava, mas não sentia raiva, somente uma dor muito grande. Decepção, tristeza. Saudade de Marcela.

“Ficamos sabendo do acidente logo em seguida, e depois do sepultamento tive a certeza de que não te entregaria a carta. Queria te punir. Desde o começo, eu me aproximava de você mas queria te ferir. Sempre foi amor e ódio. Mas eu me arrependo tanto!”. Nesse momento, ela chorava mais que eu.

Não consegui dizer mais nada. Quantas vezes eu me torturei mentalmente por Marcela ter partido com raiva de mim? Quanta dor essa carta teria me poupado!

Só me levantei e saí de lá, com a carta em mãos. Triste por saber que a amizade que dediquei a essa amiga, mesmo que muitas vezes envolta em
PERIGOSAS ACHERON

sentimentos contraditórios, era retribuída com tanto amargor.

Ela ainda disse, com voz trêmula, antes que eu fechasse a porta por trás de mim:

“Por favor, ainda precisamos conversar. Você precisa voltar aqui mais uma vez”.

18

Depois da morte de Marcela, viramos uma espécie de grupo inseparável: Bia, Adriano e eu fazíamos tudo juntos. Estávamos sempre estudando juntos, indo ao cinema ou ouvindo música. Com Léo e Bibi saímos raramente, pois o sentimento de que Marcela partiu depois de uma briga em que éramos dois grupos opostos continuou pairando algum tempo entre nós.

Eu e Bibi passamos um ano mais ou menos afastadas, logo após a morte de Marcela. Ela trocou de escola, porque seus pais acharam que seria mais

PERIGOSAS ACHERON

fácil para ela se saísse do ambiente em que estava tão acostumada. Léo ficou ao lado dela, mas continuou em nossa escola. Por isso, não saímos completamente do caminho uma da outra. Léo me fazia companhia no recreio, e se não fosse o carinho com que ele, Bia e meu Adriano me cercaram, não sei como teria suportado esse primeiro ano sem Marcela.

Não quis saber de Bia qual o motivo do problema com Júnior naquela noite. Ele, aliás, também trocou de escola e nunca mais o vi em Vila Velha. Aos poucos, o tempo foi passando e a dor foi dando espaço à saudade, e a vida foi seguindo.

Quando começamos o terceiro ano do segundo grau, e as atenções se voltavam para o vestibular e o que tinha que fazer da vida após ele, meu namoro com Adriano começou a ferver e a pergunta que pairava no ar era até quando poderíamos resistir aos nossos hormônios. Quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos a sós, os beijos se tornavam mais ofegantes e as mãos cada vez mais audaciosas, o corpo explodia em desejo. Mas nem tínhamos 17 anos, e ambos eramos muito responsáveis. Na verdade, tínhamos mais medo dos nossos pais do que qualquer outra coisa.

Conseguimos reverter toda essa energia para os estudos. No fim do ano, comemoramos, todos, a aprovação no vestibular: eu passei em comunicação social, Adriano em Sociologia, Léo em Medicina Veterinária. Nós três faríamos faculdade em nossa cidade, Vitória, na universidade federal. Bibi também: ela também passara no vestibular de Comunicação Social. Já Bia iria para o Rio Grande do Sul, onde faria Medicina. Por isso, sua família fez espécie de festa de despedida, para a qual todos fomos nós convidados. Iríamos todos dormir por lá, uma espécie de festa do pijama para adolescentes crescidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tínhamos 17 anos e já éramos quase adultos, universitários, e sentimos pela primeira vez o gosto da liberdade. Os pais de Bia, família alemã acostumada a celebrar tudo eliticamente, compraram muita cerveja, vodca, champagne, vinho e, depois da meia-noite, eles foram dormir e nos deixaram a sós. Bebemos muito, todos nós, e a inexperiência mostrou que não tínhamos ainda o menor talento para lidar com o álcool. Todos ficamos bêbados, rimos muito, choramos, dançamos, brincamos e ficamos lutando contra o sono até muito tarde, quando os cinco estavam mais ou menos caídos em cantos diferentes da casa.

Léo e Bibi sumiram por algum tempo, depois Léo voltou sozinho para a sala. Adriano não queria deixar a festa acabar e conseguiu convencê-lo de ir para a piscina, juntamente com Bia. Eu já não aguentava mais o peso dos meus olhos e o efeito da vodca. Deitei no sofá e dormi imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de algum tempo, percebi que um deles tinha voltado para a sala. Senti que alguém tirou os meus sapatos e me acomodou melhor no sofá. Não consegui abrir os olhos, na certeza de que era Adriano e que ele logo deitaria ao meu lado, por isso cheguei um pouco para o canto, abrindo espaço.

Senti uma mão acariciando meu rosto, mas não tinha forças para reagir. O peso dos meus olhos era maior. Logo, senti sobre meus lábios um beijo molhado, primeiramente tímido, macio, depois envolvendo meu lábio inferior como um carinho.

Só depois de alguns minutos, quando percebi outros movimentos na sala, consegui abrir os olhos. Léo e Bia estavam sentados à minha frente, conversando.

“Adriano saiu?”, eu perguntei, ainda sonolenta.

“Não, está na piscina ainda. Bibi está com

PERIGOSAS ACHERON

ele”, Léo respondeu, esvaziando a última sacola de chips que ainda estava à disposição.

“Mas ele estava aqui agorinha”, protestei, ainda sem estar acordada de verdade.

“Não, ele não saiu da piscina”, Bia levantou-se, impaciente. “Eu vou pra cama, pessoal. Podem ficar acordados se quiserem, boa noite”.

Meu coração disparou. Será que eu havia sonhado que Adriano estava ali na sala? Ou será que Léo havia me beijado? De repente, senti um grande incômodo de estar a sós com ele. Um frio na espinha. Como se aquela paixão antiga fosse me dar uma rasteira, me derrubar. Como se ela fosse abrindo as caixas já escondidas dentro do meu porão mental, fechado a sete chaves.

Ele também parecia desconfortável. Ligou o som da sala e ficamos calados algum tempo. Até que olhou diretamente para mim e disparou:

“Eu nunca te esqueci”.

Fui pega de surpresa. Achei que tivesse entendido errado. Meu coração começou a disparar e de repente amaldiçoei todo o álcool que tomei, que tomamos, que derrubava sem dó todas as portas e inibições que ainda estavam por lá, fortes, cumprindo seu papel.

“Léo, não acho que devíamos....”

“Não precisa falar nada.” Ele me interrompeu. “Você sempre foi perfeita. E eu um idiota. Mas Adriano é meu amigo. E Bia também. Por isso, esquece o que eu falei. E além do mais, eu estou com Bibi”.

As palavras eram confusas. Para mim, não faziam sentido algum. Quis levantar e sair da sala, mas ele me segurou:

“Eu sou um idiota. Desculpe. Eu ainda te amo. Eu preciso de você”.

Desvencilhei-me dele e saí rápido da sala. Não queria que aquela conversa ultrapassasse os

PERIGOSAS ACHERON

limites, onde quer que os limites estivessem. Principalmente porque ele estava, todos aliás estávamos bêbados. Precisava procurar Adriano já, antes que meu coração dissesse qualquer outra coisa. Fui até a piscina, onde ele estava conversando com Bibi. Pulei de roupa mesmo, surpreendendo os dois. Abracei Adriano e o beijei na frente de Bibi, desavergonhadamente. Precisava agora tirar a impressão dos lábios e das palavras de Léo. Tinha apagado essa sensação e não queria mais nada além de Adriano. Com uma urgência que nunca havia sentido.

Bibi murmurou alguma coisa e saiu, nos deixando a sós. Saímos da piscina e continuamos a nos beijar, molhados, do lado de fora. Adriano ficou surpreso, com certeza creditando ao álcool a minha atitude, e logo estávamos absolutamente sóbrios e conscientes do efeito de um sobre o outro. Até que os hormônios foram vencendo a guerra

PERIGOSAS NACIONAIS

travada por mais de um ano com o corpo e a consciência. E fomos nos esconder num quartinho ao lado da piscina.

Só que essa ainda não foi nossa primeira vez. Apesar do “fogo” entre nós, ao deitarmos no chão daquele quartinho, mesmo na pressa e no calor dos acontecimentos, não pude deixar de perceber o movimento de alguma coisa no escuro, voando perto de nós. Mesmo antes de olhar, eu já sabia. “Barata, barata, barata!”, eu levantei em um milésimo de segundo e já gritava e pulava, batia em Adriano, tentava me defender dos rasantes que a bicha dava perto de nós.

Não existe nada no mundo, até hoje, que me tire mais do sério do que uma barata, ainda mais voadora. Mais um motivo para eu ter morado 20 anos na Europa, sem pestanejar e sem muito drama de consciência. Lá nunca vi uma barata como as brasileiras.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que Adriano só não morreu do coração porque o sangue estava quente. Porque sua decepção era tão grande, que pegar aquela barata e torturá-la até a morte passou a ser a coisa mais importante daquela noite para ele. Logo Léo chegou, seguido de Bibi e Bia. Nós, meninas, fomos para um canto para de lá continuar gritando. Todas as janelinhas daquele e de outros prédios ao lado foram se acendendo, lentamente.

Da histeria passamos ao riso. A barata venceu, mas voltamos para a piscina e ficamos lá até o amanhecer. Rimos, brincamos, e por um momento esquecemos namoros, paixões escondidas, beijos roubados, intrigas... e voltamos a ser as crianças de 11 anos da quinta série, prendendo o ar de baixo da água, fazendo campeonato de pum e de arrote, de cuspidas à distância... Nos despedimos em grande estilo não só de Bia, que partiria já nos próximos dias para PERIGOSAS ACHERON

Porto Alegre, mas também de nós mesmos, das crianças que ainda teimávamos em ser, certos de que aquele tinha sido o melhor período de nossas vidas.

19-

Minha primeira vez foi com Adriano, quando fizemos 18 anos. Planejamos tudo, e eu fico feliz de quem tenha sido assim. Porque não poderia ter sido melhor. Adriano foi um grande companheiro, e por esse presente que a vida me deu sou agradecida até hoje. Nosso plano foi o seguinte: conseguimos convencer nossos pais a visitar Bia no Rio Grande do Sul. Ficamos duas semanas por lá, mas só vimos a Bia por duas horas. O resto do tempo ficamos em lua de mel, presos no quarto até que o cansaço ou a fome nos vencesse.

Meu namoro com Adriano foi um momento

mágico, do qual nunca me esquecerei. Ele foi a pessoa com quem melhor me entendi durante a vida toda. Éramos mais que um casal, era como se fossemos um só: amigos, amantes, irmãos. Ríamos o tempo todo, estávamos sempre grudados, viciados um no outro. Por outro lado, não consigo imaginar sua vida de outra forma, se não fosse ao lado de quem está hoje, com a alegria de ter sua filha Vanessa... Adriano encontrou a paz e o amor, e eu fico muito feliz por ele, porque nossa história de amor foi muito feliz, com seu começo, seu meio e seu fim.

Tenho certeza que meus pais sabiam que hora ou outra acabaríamos nos envolvendo sexualmente. Mas, apesar de serem completamente apaixonados por Adriano, acho que eles estavam divididos entre a confiança de que seríamos responsáveis e o medo de que eu engravidasse tão jovem. Não que já não tivesse acontecido na família, mas na época essa

PERIGOSAS ACHERON

era a maior tragédia que podia acontecer numa família. Por isso, o controle estava sempre lá, para evitar problemas maiores e o “falatório”.

Por isso, e para evitar o estresse também do lado da família dele, Adriano resolveu que teríamos que dar um jeito para nos encontrarmos com mais privacidade e planejou sua declaração de independência. Queria sair de casa e arrumou um emprego numa loja de discos, onde ganhava uma mixaria, mas a ideia de sair da casa dos pais havia quase virado uma obsessão. Além do mais, era o que ele precisava para ficar mais perto do seu hobby, a música. Foi o primeiro de nós a ter um aparelho de CD (já em 1989) e a completar sua (extensa) coleção de LPs por uma (mais extensa ainda) de CDS.

Ele conseguiu contaminar Léo com a ideia da independência, e logo ele também estava dividindo o tempo entre um ou outro emprego e a faculdade,

PERIGOSAS ACHERON

para tentar juntar algum dinheiro e viabilizar, assim que possível, o sonho de fundar uma república estudantil.

Aliás, o início das nossas vidas acadêmicas foi um divisor de águas para muitas coisas. Por exemplo para o namoro de Léo e Bibi. Apesar do clima estranho que havia ficado entre nós depois da festa de Bia, nada do que ele fez ou disse naquele dia foi o motivo do término do namoro dos dois. Bibi mudou muito, logo no primeiro mês do curso de Comunicação: ela se enturmou com estudantes de semestres mais avançados e logo se aventurava num mundo antes desconhecido para todos nós: frequentava com eles a “Rua da Lama”, na frente da universidade, na época um complexo de três bares que eram ponto de encontro dos mais descolados das faculdades, onde se fumava um baseado, tomava-se bebidas mais pesadas do que estávamos acostumados e abria-se os horizontes

para um mundo novo, onde não havia limites para nada.

Bibi terminou com Léo, depois passou uma fase bissexual: arrumou uma namorada, depois outra, até que começou a sair novamente com um estudante de artes, depois eu não acompanhei mais o que aconteceu. Apesar de estarmos no mesmo curso, nos víamos pouco. E tínhamos “tribos” completamente diferentes. Eu era muito “careta, quadrada”. E ela era mais ousada, e andava com uma turma cheia de irreverência, de sede de mudança, de sarcasmo.

Já Léo foi a pessoa que mais se dedicou aos estudos e ao curso, de todos nós. Logo nos primeiros meses do curso de Medicina Veterinária, ele já estava envolvido em muitas questões ligadas à proteção dos animais e foi dele que escutei falar pela primeira vez em trabalho voluntário em abrigo e petições contra o teste de remédios e cosméticos

em animais. Léo passou a ser vegetariano, praticar mais esportes, viver em paz com a natureza. E vivia rodeado de meninas, cada vez mais apaixonadas por ele – mas depois do namoro com Bibi ele ficou muito tempo sem nenhum namoro oficial.

Depois de ter cursado um semestre de Sociologia, Adriano entrou numa crise de escolha profissional e mudou de curso outras três vezes. A primeira vez foi para Comunicação Social, depois para Matemática, e quando saiu da faculdade, sete anos depois que havia entrado nela, saiu formado em Serviço Social.

Mas foi bem antes disso que ele e Léo conseguiram realizar o sonho de sair da casa dos pais e alugar um apartamento. Era uma espelunca de dois quartos no bairro de Itaparica, mas para eles, era o melhor lugar do mundo. Faziam muitas festas, fizeram novas amizades e o apartamento sempre ficava cheio. Eu dividia com eles a alegria,

PERIGOSAS ACHERON

e com Adriano a liberdade que conquistamos.

Uma liberdade limitada, como era de praxe: Minha mãe nunca me permitiu passar a noite lá. Dizia que, se eu quisesse benefícios de esposa, que deveria me casar. Adriano ria, dizia que em breve pediria minha mão em casamento. Meu pai também falava em noivado, e eu também sorria, mas dentro de mim uma vozinha duvidava se aquilo tudo estava certo.

No começo, vivíamos fazendo tudo em trio. E aquela fofoca do passado, que eu namorava dois ao mesmo tempo, ressurgia algumas vezes, já que eu andava sempre com os dois. Só que com 18, quase 19 anos, eu não ligava mais para o que os outros falavam. E hoje eu sei: Era muito prático ter Léo por perto, mais ainda por que ele não tinha namorada fixa há muito tempo. Eu nunca deixei transparecer, mas tinha ciúmes dele. Vivia medindo as meninas que apareciam por lá, e sempre

PERIGOSAS ACHERON

brincava, dizendo que eu era como uma irmã que queria controlar quem entrava e saía de sua vida.

Num sábado noite, estávamos os três ouvindo música: eu brigando para escutar The Cure, Adriano com uma lista de músicas esquisitas que Bia tinha mandado para ele – dicas de uma prima alemã que morava em Berlim, e Léo querendo ouvir Legião Urbana. Os três falavam ao mesmo tempo e a música estava cada vez mais alta, quando só depois de muito tempo percebemos que alguém tocava insistentemente a campainha – já era quase meia-noite.

Era Bibi. Fabiana parecia cansada, a maquiagem já borrada ao redor dos olhos, parecia ter chorado. Há quanto tempo ela não nos procurava? Já há quase dois anos. Mas lá estava ela. Contou que teve uma briga com um amigo com quem estava saindo, e no meio da discussão ele havia parado o carro no centro da cidade e

PERIGOSAS ACHERON

ordenado que ela saltasse. Ela caminhou por quase uma hora até chegar lá, tarde da noite, sujeita a todos os perigos que uma garota de 18 anos poderia sofrer.

Ela ainda estava assustada e com medo, mas aliviada por ter chegado. Adriano abraçou-a, e Léo, indignado, queria ir atrás do tal amigo para acertar as contas com ele. Eu também a recebi com carinho, mas fiquei um pouco dividida ao vê-la ali. Talvez eu estivesse feliz sem ela, foi o que pensei por um milésimo de segundo, mas tentei sufocar essa ideia. Em meu íntimo, a voz de Marcela, defendendo e protegendo Bibi, ressaltando a amizade de nós três, falou mais alto e me convenci de aceitá-la de braços e coração abertos, de novo em nosso pequeno mundo.

Bibi começou a frequentar cada vez mais o apartamento dos dois. Ela estava mais dócil e cada vez mais interessada por todos nós. Muitas vezes,

PERIGOSAS ACHERON

me dizia o quanto Marcela estaria feliz se estivesse ali, se me visse tão amiga de Léo e tão feliz com Adriano. Nesses momentos, me envergonhava de qualquer sentimento ambivalente que já tive por ela. Pois Bibi fazia parte de mim e Marcela, e queria resgatar esse momento maravilhoso de nossas vidas.

Talvez movida por essas lembranças, retomei a escrita de meu diário, que escrevi dos 11 aos 16 anos. Senti saudade de escrever, de expor minha alma por meio das palavras. E retomei minhas conversas comigo mesma naquelas páginas: relatando minhas angústias, a minha alegria, os meus desejos. Escrevi sobre a minha insegurança sobre o futuro do meu relacionamento com Adriano, que não sabia se estava preparada para dar um passo maior, como meus pais de certa forma sugeriam. Apesar de ter certeza de que ele seria um companheiro maravilhoso. Escrevi sobre a saudade

de Marcela, a insegurança inicial ao ter Bibi novamente por perto. E sobre Léo, como via com medo a minha satisfação de saber que ele não se envolvia com ninguém depois de Bibi. Comecei a ficar viciada no meu diário, de tal forma que o carregava sempre comigo.

No dia do aniversário de 19 anos de Léo, fizemos uma pequena festa. Compramos algumas bebidas, algumas comidinhas e nos divertimos muito, mas acabamos exagerando no álcool, como era quase normal nessas festas naquela época. Meus pais não fizeram exceção para mim nesse dia e tive que voltar para casa às 2 h. Adriano me levou para casa, nos despedimos e desejei a ele e ao resto da turma que se divertissem com moderação.

Só que quando entrei em casa, percebi que meu diário não estava em minha bolsa. Tive um frio na barriga, uma sensação de que algo estava errado. Provavelmente deixara cair no apartamento, e por

PERIGOSAS ACHERON

mais que minha razão dissesse que estava tudo bem, mal consegui dormir. Sem meu diário me sentia nua. Não queria que ninguém lesse minhas anotações, soubesse de tudo o que escrevia ali. Não queria me desnudar na frente de ninguém.

Por isso, logo no outro dia bem cedo, peguei a bicicleta e pedalei até o apartamento dos meninos, certa de que encontraria os dois dormindo e meu diário jogado em algum canto que eu tivesse deixado cair. Ao chegar lá, como tinha a chave, fui entrando sem fazer barulho. Estava tudo muito bagunçado, a festa, com certeza, durara até bem mais tarde. Nada do diário na sala. Por isso, fui direto para o quarto de Adriano, imaginando que estivesse por lá. E tinha razão. O diário estava aberto, em cima da sua escrivaninha, e Adriano dormia. Nu e abraçado com Bibi.

Recebi uma mensagem de Adriano pelo WhatsApp três horas depois que havia enviado as últimas páginas.

“Maldita barata”.

Não pude conter o riso. Mas nem tive tempo de responder a essa mensagem, pois logo depois ele escreveu:

“Nunca terei palavras suficientes para me desculpar por aquela noite.”

Eu: “Águas passadas. E baratas também”.

Ele mandou uma careta de volta.

Como eu senti falta de conversar com Adriano todo esse tempo! Como é bom poder saber que temos a maturidade de falar sobre o passado sem medo.

“Como ela está?”

A resposta demorou um pouco, sei que não deve ter sido fácil para os dois prosseguir com a leitura e olhar nos olhos um do outro, quando se trata do passado amoroso do parceiro. Mas para quem está

enfrentando junto o fantasma da doença, muita coisa perde em importância. Uma delas é com quem seu esposo ou esposa dormiu há mais de 20 anos.

“As taxas estão melhores, logo saberemos se a última quimioterapia deu o resultado esperado. Mas, emocionalmente, ela está expurgando todos os demônios, não está sendo fácil para nós dois.”

Eu não duvidei. Precisava saber se continuava ou não mandando os textos. Por mais duras que tivessem sido as últimas revelações. Não queria que ela sofresse.

“Paro de escrever? De enviar os textos?”

A resposta veio imediata:

“Não. Ela pediu que continue. E que venha aqui em breve”

Eu: “Não sei, Dri. Não sei se faz sentido remexer tanto assim no passado. Não sei se faz bem a ela”.

Ele: “Você não entende, Duda. Ela está vivendo

um juízo final. Anda tendo pesadelos com o passado. Está com medo de morrer e não resolver as coisas com você.”

Eu: “E com você?”

Ele: “Comigo já ficou tudo resolvido há muito tempo. Já travamos nossas batalhas, mas já nos perdoamos.”.

Eu: “Então está tudo bem. Ela não tem que se preocupar comigo. Está desperdiçando energia com isso. Não sei se há necessidade de voltar aí agora. Foi tudo há tanto tempo!.”

Ele: “Pense nisso com carinho. Porque tem outra pessoa com quem ela quer se acertar. Léo vem vê-la no fim de semana.”

nos momentos em que procurei Beatriz, ela me recebeu de braços abertos. Depois da cena entre Adriano e Bibi, resolvi que precisava de um tempo, precisava crescer, ampliar meus horizontes e deixar o passado para trás. Não tinha forças para brigar com meus amigos. A última vez que havia brigado com uma amiga, não tivemos chances de reconciliação. Por isso, resolvi que minha tática seria retirar meu time de campo.

Nenhuma explicação foi capaz de superar aquela cena. Adriano disse que acabou acidentalmente lendo meu diário, e ficou em choque ao ler que eu não tinha certeza de para onde nosso relacionamento iria. Acabou bebendo muito mais. Bibi também estava bêbada. Eu não estava pronta para uma traição, não importa de que lado ela viesse. Por isso, terminei com Adriano com calma naquela mesma manhã, apesar das lágrimas dos dois, dizendo que foram surpreendidos pelo

PERIGOSAS ACHERON

álcool, que nenhum deles sabia o que tinha acontecido direito, que me amavam e não queriam me ferir. Mesmo assim, resolvi que não queria sofrer, nem fazer ninguém sofrer, e que precisava me afastar.

Sinceramente, a traição doeu. Mas eu teria perdoado. Como perdoei, já alguns dias depois. O que me fez terminar o namoro foi mais do que aquela traição: foi ver naquela cena que na verdade, eu precisava encerrar aquele capítulo. Como se meus instintos me dissessem que, se eu ficasse ao lado de Adriano, estaria me traindo. O apartamento de Itaparica estava ficando pequeno demais, o meu relacionamento andava me sufocando, e ele tinha razão, eu estava incerta sobre um futuro ao lado dele.

Alguns dias depois conversei longamente com Bia ao telefone, e ela me fez uma proposta maluca: transferir meu curso para o Rio Grande do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sul, morar com ela, na sua república. Iniciar um novo capítulo na vida. E foi exatamente o que eu fiz. De certa forma. Apesar dos protestos iniciais dos meus pais, eles se convenceram depois de minha insistência de que estaria bem ao lado de Beatriz, que sempre consideraram boa influência para mim. E minha mãe, depois de muito chorar e se lamentar com as tias Le, Li, Lo e Lu, começou a dizer aos quatro ventos que havia me criado para o mundo, e que tinha certeza de que eu partiria, mas voltaria.

Ela tinha razão. Comecei ali naquele momento o meu êxodo: primeiro me mudei para o Rio Grande do Sul, de onde parti depois para Europa e de onde só voltei definitivamente há seis meses, depois de quase 20 anos de estrada em quatro países diferentes. Sem saber, Adriano e Bibi me empurraram para o que sou hoje, e aquele tropeço naquela noite determinou minha trajetória.

PERIGOSAS ACHERON

Não posso nem ter raiva dos dois por isso, pois não sei o que teria sido de mim sem as escolhas que fiz e os caminhos que tracei.

O tempo que morei com Bia foi marcante. Primeiro, por que pela primeira vez me senti dona de mim mesma, das minhas vontades e senhora dos meus atos. Além de ter começado a ganhar meu próprio dinheiro, estagiando numa agência de jornalismo empresarial. Comecei a receber pelo que escrevia e isso fez um bem enorme à minha cabeça e ao meu ego. Bia dividia o apartamento com Cristina, uma carioca que fazia faculdade de Psicologia. Por meio dela conheci a obra de Jung, e me apaixonei pela leitura de tudo o que tivesse a ver com Psicologia e Terapia.

Bia amava Porto Alegre e a sua nova vida havia transformado aquela menina calada numa jovem mulher decidida. Conversávamos muito sobre o passado e o presente, ouvíamos música e

PERIGOSAS ACHERON

víamos filmes, era como a república de Léo e Adriano, mas lá eu me sentia em casa. Só evitávamos um tema: Marcela. A experiência havia sido marcante e triste para nós duas, e eu procurava nunca falar de nada que vivemos juntas. Até que um dia o passado veio pedir para prestar contas conosco.

Estávamos numa festa numa república próxima, e um colega veio nos dizer que havia um rapaz da nossa cidade na mesma festa. Ficamos interessadas em saber quem era e alguém se encarregou de buscá-lo para nos apresentá-lo. Qual foi a nossa surpresa, quando vimos Júnior na nossa frente. O ex-namorado de Marcela.

Rubens, o colega que queria nos apresentar, foi cordial, nem por um segundo suspeitando que o destino já tinha nos colocado frente a frente no passado:

“Essas são as capixabas que te falei. Elas

PERIGOSAS ACHERON

moram juntas no Centro”.

Os três ficamos em choque. Mas foi Júnior quem teve a coragem de falar primeiro, deixando brotar à vista um sorriso desprezível, cheio de ódio:

“Foi por causa dessa nojeira que briguei com Marcela. E vocês curtindo juntinhas hoje. Deviam se envergonhar Tenho nojo de vocês”. E saiu, esbarrando de propósito no meu ombro. Rubens ficou sem entender nada, mas preferiu não perguntar. Eu ia falar alguma coisa, mas Bia me puxou para fora da festa, os olhos cheios de lágrimas.

Apesar de eu também havia sido assaltada por aquelas emoções, percebi que Bia estava mais tocada que eu. Já do lado de fora da festa, ela não conseguia parar de chorar. Sentamos numa calçada, um pouco escondidas, para que ela pudesse chorar à vontade. Não conseguia entender por que aquela explosão emocional. Abracei minha amiga,

PERIGOSAS ACHERON

primeiramente falando um monte de coisas ao mesmo tempo, que Júnior era um idiota, que a gente sempre soube disso, que não adiantava se torturar com lembranças do passado.... Depois resolvi ficar calada, deixando para que ela falasse, se tivesse vontade.

Ela pegou minha mão depois de algum tempo, um pouco mais calma. A voz meio embargada, insegura, as palavras saiam devagar, com medo umas das outras. Mas pouco a pouco foram libertas, palavras presas há tantos anos.

“Duda, eu não mereço sua amizade, nunca mereci. Júnior é um idiota, mas ele é a prova de que eu destruo o que está a meu redor, mesmo que eu não queira. Eu quis te afastar de Marcela, quis te afastar de Léo, de Bibi, até de Adriano. Mas nunca quis fazer mal a ninguém”.

Ela começou a chorar ainda mais e eu entendia cada vez menos o que ele tentava dizer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agachei-me à sua frente, segurei seu rosto com as duas mãos. O que quer que tivesse acontecido no passado, não tinha a menor importância hoje:

“Bia, não precisa desenterrar nada do passado agora. As coisas aconteceram há uma eternidade, olha para nós hoje! Está tudo resolvido!”.

Bia parecia ter ficado possuída de raiva com a minha afirmativa:

“Não, Duda, não está nada resolvido. Sabe porque eu estava agarrada com Júnior aquele dia? Porque ele sabia que seu namoro com Adriano me incomodava e me ameaçou, dizendo que se eu não ficasse com ele, contaria tudo para todo mundo!”. Ela gritava as últimas palavras, chorando.

“Eu estava brigando com ele! Dizendo um monte de ameaças! Estava desesperada!”

Eu reagi também aos gritos, querendo convencer Bia de que toda aquela turbulência não fazia nenhum sentido:

PERIGOSAS ACHERON

“Por isso mesmo, ele foi um idiota! Tínhamos 15 anos, qual o problema de você ser apaixonada pelo Adriano? Isso podia acontecer com qualquer um!”

“Mas eu não estava apaixonada pelo Adriano. Estava apaixonada por você!”

As últimas palavras tiveram o mesmo efeito de um tapa na cara. O tempo parecia ter congelado, Bia parecia ter soltado um leão em praça pública, mal conseguia respirar, seus olhos indicavam que já estava arrependida de ter me falado aquilo, ao mesmo tempo, estava aliviada. Soltei seu rosto e me sentei no chão, sem condições de dizer mais nada. Apaixonada por mim? Eu olhava dentro dos seus olhos, procurando respostas que nenhum léxico do mundo poderia elaborar.

Bia não conseguia mais olhar nos meus olhos. Foi de cabeça baixa que continuou, dessa vez devagar, baixinho:

“Eu fui apaixonada por muitos anos por você, Duda. Desde os 13 anos. Eu estava muito confusa no começo, mas com o tempo pude perceber que era amor, e não amizade, o que sentia por você. Por favor me desculpe! Eu nunca quis sentir isso!”

Ela não parava de chorar.

“Eu queria ter te amado somente como amiga, mas não consegui!”

Com o rosto enterrado em suas mãos, ela não conseguia dizer mais nada, de tanto soluçar. Eu também comecei a chorar, triste, surpresa, compadecida. Tantos sentimentos ao mesmo tempo, que eu não sabia traduzir. Ela continuou depois de algum tempo:

“Só consegui me interessar por outras pessoas quando vim para cá. Namorei a Cristina um tempo, depois vi que na verdade éramos somente amigas. Aqui descobri que gosto de meninos e de meninas. Eu não queria ter contado para você, PERIGOSAS ACHERON

Duda, por que já passou. Mas essa história de sua briga com Marcela não me deixou em paz. Você precisava saber!”

Por mais que estivesse surpresa, de repente percebi que algumas coisas do passado fizeram sentido. Uma delas, o beijo que achava que Léo tinha me dado, na festa de despedida de Bia. Ela tinha me beijado, enquanto eu dormia no sofá. Um beijo cheio de amor e carinho, proibido e sofrido, de alguém que luta para se esconder.

Voltei a segurar a mão de Bia, e a olhar dentro dos seus olhos. Procurei as palavras certas, nenhuma parecia equivaler ao que estava pensando. Obviamente era uma surpresa para mim que Beatriz fosse homossexual, ou como vim a entender depois, bissexual. Mas eu já havia sido confrontada anos antes com a bissexualidade de Bibi, que teve namoradas e namorados. Isso nunca me incomodou. Naquele instante com Bia vi ali um

PERIGOSAS ACHERON

amor platônico, que podia ser entre um homem e uma mulher, ou entre duas mulheres. Não importava. À minha frente estava uma amiga querida, que eu não queria magoar, e que havia nutrido outros sentimentos por mim, aos que infelizmente eu não poderia corresponder.

“Bia, está tudo bem”. Foi tudo o que consegui dizer. Mas foi muito sincero.

“Você nunca mais será a mesma comigo. Hoje, meu sentimento é pura amizade, eu te juro! Você é uma grande amiga em minha vida e agora eu estraguei tudo, por que você vai sempre desconfiar de mim. Nada será como antes!” Ela estava triste. Em sua voz toda a insegurança de quem acredita ter quebrado uma estátua valiosa de porcelana.

“Pode ser.” Eu também não tinha certeza de nada naquele instante. “Mas eu vou continuar insistindo na nossa amizade”. Nos abraçamos e

PERIGOSAS ACHERON

ficamos caladas um tempo. Só não pude deixar de comentar:

“Posso dizer uma coisa? Eu poderia jurar que entre você e Adriano sempre rolou uma química. Sempre jurei que vocês ainda acabariam juntos.”.

Ela sorriu, mais relaxada, e também com toda sinceridade do mundo:

“Quem sabe?”

22-

Nas férias de verão fui para Vila Velha, matar saudades da família. Havia passado oito meses longe da minha, os mais difíceis até hoje para mim. Assim, curti muito o período em casa. Meu irmão passava pela puberdade e dei graças a Deus de não ter que conviver sempre com ele, apesar da saudade. Fizemos vários programas de família, mas Luciano só esteve presente uma ou duas vezes. Como eu me lembrava de como eu era

nessa idade!

Um dia, remexendo nas minhas coisas, achei a fita cassete que havia ganhado de presente do Léo há tantos anos. Resgatei um toca-fitas velho que estava jogado num canto e fiquei escutando as músicas que embalaram meus sonhos dos 13 aos 15 anos. Foi como se umas marolas de saudade fossem aumentando de proporção a cada música, e de repente eu tivesse sido invadida por um sentimento represado. Sentia falta da docilidade de Léo, dos seus olhos calmos, do seu jeito de ser. Por tanto tempo, durante meu namoro com Adriano, não dissociava a presença dele. Ele estava sempre lá. Mas senti saudades dele, de forma especial. Também tinha saudades de Adriano, mas de maneira estranha o meu sentimento por ele havia se transformado, assumido a forma fraternal que o marca até hoje.

A lembrança de minha história com Léo me
PERIGOSAS ACHERON

assaltou. O sentimento da perda, de não conseguir entender por que nos afastamos naquele época.... O ciúme exagerado que sentia, a intriga do jornal da escola... Senti saudade do frio na barriga, do primeiro beijo, das tardes na areia da praia. Lembrei-me de suas palavras no dia da festa de despedida da Bia, dizendo que ainda me amava. Senti um aperto no coração. Senti saudades dele e queria vê-lo. Ouvir sua voz.

Apesar de ter certeza de que os sentimentos na época da adolescência são sempre muito intensos, eu tinha certeza que precisava vê-lo, já que agora Vila Velha não era mais a minha casa. Não teria perigo encontrá-lo, não estaria acordando nenhum gigante adormecido, não estaria forçando nenhuma barra. Não estaria traindo ninguém. Só queria vê-lo, dizia para mim mesma. E esse parecia o momento ideal, já que Adriano estaria fora por alguns dias, num congresso de estudantes no

PERIGOSAS ACHERON

Maranhão.

Como quase sempre na minha vida, nem pensei muito. Disquei o número da república e esperei, até ouvir sua voz. Eram 22 h e fiquei de repente com medo: e se ele tivesse alguém? Eu me senti ridícula e já ia desligar quando ele finalmente atendeu. Conversamos por mais de uma hora, falamos de Deus e do mundo, de Adriano, de Beatriz, de Bibi. E de nós mesmos, do que estávamos vivendo, da minha nova vida em Porto Alegre.

Acabamos nos encontrando no dia seguinte, tomamos um sorvete na Praia da Costa, relembrando os velhos tempos. Mesmo tendo sido invadida por uma onda de nostalgia, não queria me desvencilhar do papel de amiga, que havia desenrolado por tantos anos. Passeamos pelo calçadão, continuamos conversando e de repente nos vimos falando de Marcela, da falta que ela me

PERIGOSAS ACHERON

fazia todo esse tempo. Falei de Bia, contei, inibida, sobre sua revelação, e para a minha surpresa, ele já sabia, pois ela mesma havia falado com ele, há muito tempo.

Ele me contou dos problemas que teve com Bibi, da crise que Adriano havia passado depois do fim de nosso namoro, da separação de seus pais, depois de 30 anos de casados. Quando demos por nós, já estava anoitecendo, mas não queria ir para a casa. Uma coisa eu ainda queria resolver.

Com cautela, resolvi sondar o terreno:

“Léo, existe uma coisa que eu queria pegar no apartamento de vocês. Algo que deixei lá no dia da minha briga com Adriano”. Senti subitamente muita falta do meu diário. “Adriano já me deu carta branca para buscar, na última vez que ligou para Bia eu perguntei. Será que eu podia ir lá com você?”

“Claro, vamos sim. Mas com uma condição.”

“Que seria?”

“Eu escolho as músicas que a gente vai escutar”.

Quando chegamos no apartamento, fiquei com um nó na garganta. Queria que Adriano estivesse lá também. Não queria que ele tivesse sofrido com o fim de nosso namoro, pois eu não sofri. Queria o amigo Adriano de volta, mas algo em mim dizia que esse momento ainda chegaria. Léo colocou o CD de Phill Collins e começou a preparar um jantar para nós, revirando gavetas, prateleiras e colocando mil ingredientes em cima da mesa da cozinha.

Eu estava adorando a cena. Nunca soube que Léo cozinhava, apesar de ter sempre estado por perto.

“Quando foi que os alienígenas te abduziram e levaram para o mundo distante, onde você
PERIGOSAS ACHERON

aprendeu a cozinhar?”, provoquei.

“Há seis meses. Eu não tenho muito dinheiro para comprar pizza todos os dias, desde que abrimos o abrigo. Mas o planeta distante se chama **casa da minha mãe**. Pedi a ela para me ensinar algumas coisas básicas”. Ele havia me contado que conseguira se unir a mais três estudantes e conseguido um espaço para 15 cães abandonados. Falou com tanta paixão do projeto, que esqueceu o macarrão no fogo. Eu também não percebi, e tivemos que comer macarrão com molho de queijo queimado.

Ouvimos The Police, Queen, The Cure, U2. Desci ao supermercado mais próximo e comprei um vinho, um hábito que havia adquirido no Rio Grande do Sul com Bia e Cristina. Conversamos como há muitos anos não conseguíamos. A sós. E na proporção em que a garrafa de vinho ia se esvaziando, a música ia aumentando e acabamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentados no chão, muito próximos um do outro.

Em algum momento, ele colocou música brasileira para nós ouvirmos. E de repente, uma música nos emudeceu. Da fita que ele havia me presenteado aos 13 anos, a música da qual ele havia copiado o texto para mim:

*Você, é algo assim
É tudo pra mim
É como eu sonhava, baby
Você, é mais do que eu sei
É mais que pensei
É mais que eu esperava, baby
Sou feliz agora
Não, não vá embora, não
Não, não, não
Sou feliz agora
Não, não vá embora, não
Vou morrer de saudade
Vou morrer de saudade*

Fiquei sem saber se olhava para ele, e ele

PERIGOSAS ACHERON

também ficou um pouco nervoso. Talvez tenha sido o vinho que nos salvou. Pois Léo cutucou o meu pé com o seu, como fez há muitos anos, quando estávamos sentados na calçada de minha mãe, um dia após nosso primeiro beijo.

“Você ainda tem a fita? Ou quebrou em mil pedaços depois que terminamos?”.

“Eu escutei ela ontem 50 vezes”, não consegui mentir.

Também não consegui evitar que meu rosto virasse em sua direção, que meus olhos fixassem aquela boca que nunca esqueci. Não consegui desviar do seu olhar sedento. Não consegui evitar que meus lábios encostassem nos seus, que o beijo nos levasse, nos consumisse e nos devorasse, como se o tempo que perdemos tivesse que ser descontado já, sem perdão.

Não tínhamos mais 13, 14 anos. Todos os nossos movimentos naquela noite só diziam uma

PERIGOSAS ACHERON

coisa: pertencíamos um ao outro. Ele era a parte que me faltara o tempo todo. E eu era o que ele queria. Nos entendíamos sem palavras, atentos ao desejo um do outro, como se meu corpo tivesse sido feito para ele e o dele para mim.

Inventei uma desculpa para meus pais e passamos a noite juntos. Não falamos do passado, não falamos do presente e nem do futuro. Dormimos nos braços um do outro, exaustos e realizados.

Naquela noite sonhei com Marcela, me abraçando e dizendo:

“Finalmente a vida vale a pena ser vivida”.

23-

Os dias seguintes foram como um sonho, tão bom que termina cedo demais. Meu romance com

PERIGOSAS ACHERON

Léo durou exatos seis dias. Os mais intensos dias que já vivi em minha vida. Foi maravilhoso estarmos juntos, a química entre nós dois foi fantástica, mas maior do que ela, foi a incerteza do que fazer quando Adriano voltou.

Ele retornou do Congresso cinco dias depois, e foi exatamente aí que o que estiver que estivesse acontecendo entre Léo e eu, adormeceu, esvaziou e desapareceu. Fui surpreendida pelo medo de magoar Adriano. Léo também não tomou uma atitude logo de início. Era como se nem ele nem eu tivéssemos coragem de fazer qualquer coisa na frente de Adriano – ou de Bibi. Não tivemos energia para discutir um plano e fomos passivos, voltando ao ponto onde estivemos nos últimos sete anos.

Confesso que em grande parte a culpa foi minha. Eu não tive forças para mudar de estratégia, para discutir a possibilidade de relacionamentos à

PERIGOSAS ACHERON

distância, para me encontrar escondido com Léo, ou na frente dos outros. Ele até que tentou. Quando viu que minha insegurança me paralisou, ele lutou. Hoje, eu vejo que sabotei a mim mesma. Tive medo. Na época não reconheci isso, dei outros nomes para minha covardia. Mas a verdade é que foi isso mesmo, eu tive medo de viver de verdade minha história com Léo. Preferi mantê-la na caixinha dos sonhos, em vez de trazê-la para a realidade.

Eu “amarelei”.

Primeiramente, porque logo me encontrei a sós com Adriano para conversarmos civilizadamente sobre o nosso término, para selar um pacto de respeito e amizade, ele me prometeu que se esforçaria a partir daquele momento para que nada mais ficasse entre nós e a amizade de nosso grupo. Depois, reencontrar Bibi também não foi fácil – eu sentia um desconforto em sua

presença, apesar de eu não estar mais namorando com Adriano. Lutava contra isso, mas não conseguia deixar de me sentir traída. O clima estava esquisito demais e preferi me isolar no resto das minhas férias, dando uma desculpa toda vez que os três me chamavam para sair. Ou que Léo me ligava, insistindo que nos víssemos antes de eu ir embora. Eu fui realmente covarde.

Fui empurrando com a barriga uma decisão sobre o que fazer, deixando o tempo passar. Ainda tinha 20 dias de férias antes de retornar e canalizei a frustração de meu reencontro com o trio, e do meu curto romance com Léo, na escrita. Escrevia dez, doze horas por dia. Só parava quando meus pais começavam a reclamar que não estava passando tempo nenhum com eles. Não tinha certeza sobre o que estava escrevendo, só soube quando terminei. Escrevi uma história adolescente onde uma garota ficava dividida entre o amor e os

PERIGOSAS ACHERON

amigos. Era, na verdade, uma mistura entre a história de minha amizade com Marcela, e a minha história com Léo, mas claro que mudei os nomes de todos os personagens. Escrevi a história em forma de um diário, onde a menina contava para si mesma as venturas e desventuras de uma adolescente apaixonada. Não havia diálogos, a narrativa era somente a do diário. No fim da história, ela se despede do diário, dando a entender que sua decisão não tinha sido nem pelo amor, nem pelos amigos. Seguiria sozinha.

Li e reli essa história mil vezes, e apesar de ser decididamente destinada ao público adolescente, achei que estava bem escrita e tinha boas chances de publicação. Tirei duas cópias e fiquei por algum tempo sem saber a quem procurar. Até que me lembrei que Bibi estava estagiando numa grande editora no Espírito Santo, exatamente na área de avaliação de obras. Liguei para ela e

PERIGOSAS ACHERON

expliquei esbaforida o que tinha feito nas últimas duas semanas e perguntei se ela poderia me ajudar.

Ela foi muito solícita, e como faltavam cinco dias para eu voltar para Porto Alegre, marquei de me encontrar com ela para entregar o manuscrito. Ela me ligaria assim que tivesse uma resposta. Nos encontramos num restaurante no centro de Vitória, no horário de almoço, pois ela tinha pouco tempo. Ela folheou o trabalho, ressaltou muitas vezes que estava muito feliz, que tinha certeza de que seria um ótimo livro, que faria tudo o que pudesse para me ajudar.... Mas ela não estava muito à vontade comigo.

Ela se remexia, olhava o relógio, olhava ao redor... Perguntei se estava tudo bem, se ela estava esperando alguém. Ela respirou fundo, como se tivesse querendo juntar forças:

“Duda, é que queria conversar com você sobre um assunto....”

“Bibi, olha só... Com relação ao que aconteceu ano passado, do meu término com Adriano... Não precisa ficar cheia de dedos comigo, para mim está tudo bem”, me precipitei, achando que era esse o problema. Eu também queria deixar isso para trás e ter novamente confiança em Bibi.

Ela sorriu, meio sem graça:

“Não é isso. É que somos amigas há tanto tempo, e eu queria muito te falar sobre outra pessoa.” Ela parecia insegura, mas, mesmo assim, continuou:

“Queria te falar sobre o Léo”.

Meu coração disparou, soou alarmes.

“O que foi? Aconteceu alguma coisa com ele?”

“Não, não aconteceu nada. É que ele se abriu comigo semana passada... Me contou sobre o que “rolou” entre vocês.”

Percebi, nesse momento, que ainda conseguia ficar vermelha. Minhas bochechas queimaram de vergonha. Não me sentia nem um pouco à vontade para conversar com Bibi a respeito de Léo. Desde a quinta série! Eu não conseguir dizer nada, nem saberia o que dizer. Mas de alguma forma, ao ouvi-la dizer que sabia de tudo, senti falta da ajuda que uma amiga pode oferecer nessas horas. E resolvi me abrir:

“É verdade, Bibi. Foram dias maravilhosos, nós nos entendemos muito bem! Foi como se o tempo não tivesse passado”, eu sorria sem graça. “Mas eu fiquei muito insegura quando Adriano chegou.”

Bibi sorriu, compreensível:

“Eu sempre soube que ele tem uma atração por você, todos esses anos. Mesmo quando você estava com Adriano. Mas Léo é muito fiel. Ele nunca teria feito, nem tentado nada. Mesmo que, eu

tenho certeza, você sempre tenha sido interessada por ele. Talvez até quando estava junto com Adriano”.

Queria desconversar, falar do tempo, da borboleta que estava voando ali perto, que o ônibus se atrasou ... Não conseguia falar. Onde estavam as palavras quando eu precisava delas?

“Achei que precisava falar com você, porque sei que ele está te procurando sem parar. Ele está determinado em reatar com você”.

Por um milésimo de segundo, eu fiquei feliz, imaginando nós dois como um casal, novamente. Mas quando Bibi retomou o ar preocupado do começo da conversa, meu sorriso desapareceu:

“Eu só vou te dar um conselho de amiga: não alimente isso. Ele me disse que estaria disposto até a mudar-se para Porto Alegre, ir atrás de você... E eu disse a ele que isso é um absurdo, mas você sabe como ele é.”

Mudar para Porto Alegre? Ficamos seis dias juntos e ele quer vir atrás de mim? E porque eu estava tendo essa conversa com Bibi e não com ele?

“Bibi, eu não acho que....”

“Não precisa dizer nada, Duda. Só queria que você pensasse com sensatez sobre isso, se vale a pena ele largar tudo aqui – o abrigo de animais, o curso, principalmente a amizade que ele construiu com Adriano por todos esses anos – para correr atrás de um sonho de criança, uma ilusão. Por favor, seja sensata e não incentive isso.”

Não me despedi de Léo quando fui embora, cinco dias depois. Todo mundo da minha casa já sabia que eu não atendia mais seus telefonemas, e nunca estava em casa quando ele ia lá me procurar. Minha mãe percebeu que algo importante estava acontecendo, e numa das vezes em que o despachou, numa das tentativas de me ver, ela veio

ao meu quarto conversar comigo:

“Duda, eu não sei o que está acontecendo, mas sei que esse rapaz gosta de você desde criança. E eu vejo que você também não é indiferente a ele.”

“Mãe, é tudo complicado demais.”, eu queria encerrar aquela conversa. “Não tem nada acontecendo, está tudo bem”.

“Só quero te dizer uma coisa, filha. A vida passa rápido demais para coisas complicadas. Então, você tem duas opções: ou resolve as coisas complicadas, ou se afasta delas, quebrando as pontes para não voltar.”

Escolhi a segunda opção.

24

Esperei dois meses pela resposta de Bibi a respeito do livro. E quando ela veio, foi um balde de água fria. Tínhamos um aparelho de fax na

PERIGOSAS ACHERON

república, e foi assim que a resposta da editora chegou para mim:

**“Cara senhora Eduarda Xavier,
Agradecemos a confiança em nossa editora, mas nesse momento não temos interesse na publicação de seu livro.**

**Atenciosamente,
Marisa Pompeu”**

Doeu. Perguntei a Bibi quais foram os argumentos, e ela me disse envergonhada que o livro não estava bom, que eu precisava amadurecer minha escrita, que eu considerasse aquela experiência como um exercício e me estimulou a não desistir.

Mas foi um baque. Eu já estava mal com relação ao Léo, principalmente porque Bia veio conversar comigo, perguntando o que tinha

PERIGOSAS ACHERON

acontecido. Ela e Léo eram amigos e se falavam por carta e telefone (e-mails, computadores e celulares só vieram a fazer parte do nosso dia a dia um pouquinho mais tarde), e ele contou tudo para ela. Eu argumentei que não tinha saúde emocional para começar nada com o Léo, que não queria ninguém amarrado por causa de ninguém. Eu tinha ido para Porto Alegre para mudar de ares, não para reatar com o passado. Assim, comecei a ignorar todas as tentativas de contato de Léo, até que elas cessaram.

1994 chegou e com ele o término do meu curso. Mas ainda não estava pronta para voltar para Vitória, muito pelo contrário. No último semestre da faculdade tinha entrado no curso de Alemão e fiquei sabendo de uma bolsa de estudos do DAAD (Instituto Alemão para Intercâmbio Acadêmico), assim resolvi me aventurar. Por isso, em setembro de 1994, dois meses depois da minha formatura,

PERIGOSAS ACHERON

parti pela primeira vez para fora do país.

Passei os primeiros seis meses da minha estadia estudando alemão, pois o meu nível de conhecimento na língua de Goethe nem bastava para entender as letras das músicas das quais aprendi a gostar ainda na adolescência com Bia. Morei numa república em Berlim, junto com uma francesa e uma colombiana. No fim do terceiro mês de nossa convivência, as três estavam falando bem melhor inglês. Mas ainda éramos muito ruins em alemão.

Eu me diverti muito naquela época. Também aprendi a cozinhar, a lavar, a arrumar a casa, a me virar em um mês com menos de 100 DM na carteira. Todo o dinheiro que ganhava da Bolsa eu gastava com viagens. Conheci 12 países em seis meses, e queria muito mais. Comecei a ganhar algum dinheiro escrevendo matérias turísticas sobre os lugares que conhecia, como free lancer para PERIGOSAS ACHERON

alguns jornais no Brasil, pois ainda tinha contatos no Sul. E com o pouquinho de dinheiro a mais, viajava mais ainda.

No fim do sexto mês, quando o Mestrado começou, eu já nem tinha mais vontade de estudar. Queria viajar pelo mundo, escrever, conhecer pessoas, aprender idiomas. Mas precisava ficar no mestrado senão perdia a Bolsa. E tinha que voltar. Comecei os estudos sabendo que não terminaria aquele mestrado, e resolvi negociar. Abri o jogo com a central do intercâmbio e recebi uma proposta: eu poderia ficar mais seis meses, se frequentasse o curso e ajudasse nos trabalhos de divulgação do DAAD.

Foi assim que conheci Matthias, por quem me apaixonei praticamente à primeira vista. Ele era holandês, tinha 40 anos, portanto, quase 20 anos mais velho que eu. Ele era doutorando de Psicologia, foi convidado para falar para estudantes

PERIGOSAS ACHERON

bolsistas e eu fui escalada para ajudar na organização do evento.

O tema era Logoterapia. Matthias apresentou um livro do escritor austríaco Viktor Frankl, pai da Logoterapia.. Eu já me interessava pelo assunto desde o Brasil e tinha muitas perguntas, por isso já antes da palestra puxei assunto, e ele foi superatencioso. Descobri que ele falava português, pois havia passado dois semestres na Universidade Federal do Ceará. Ele falava devagar, com um delicioso sotaque nordestino e uns errinhos de concordância que o deixavam ainda mais atraente. Do alto de seus 1,90 cm, com seus olhos azuis e cabelos tão loiros que eram quase brancos, Matthias tinha um efeito hipnotizante sobre mim.

Durante a palestra, Matthias fazia um ou outro comentário olhando em minha direção. Diana, minha colega de república colombiana que havia ido ao evento comigo para não ficar sozinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em casa, me cutucou, falando com uma voz fininha, imitando um passarinho de desenho animado:

“Acho que eu vi um gatinho”.

Me segurei para não rir alto, pois eu havia ensinado essa coisa boba em português para ela. Para não atrapalhar a palestra, começamos a conversar escrevendo na agenda que estava no meu colo, abreviando palavras com desenhos, meio em portunhol, meio em inglês e alemão:

“He is de olho in dich. Love, love, love”.

Eu respondi:

“I’m in love... Quero ter un hijo com ele”.

Ela: “Einladen. Café. Bier. Vino. Água”

Eu: “Não tenho coragem.”

Ela: “Que isso?”

Eu: “No puedo”.

Ela: “Oh mi amor! You have to go home with him. Nach Hause. Bett.”

Ficamos nesse ti-ti-ti como duas meninas, até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que percebemos que todos se levantavam. Ele havia dado 10 minutos de pausa e nem notamos, e estava em pé atrás de mim, e teoricamente poderia ler o que tínhamos escrito. Fiquei roxa, vermelha, preta. Diana levantou depressa e saiu. Tentei virar ainda o caderno, e ele fez que não tinha visto. Perguntou se eu podia mostrar onde era a cafeteria, se poderia checar o retroprojektor. Agi profissionalmente, mas acho que minha cor ainda não tinha voltado ao normal.

Quando a palestra recomeçou, Diana já tinha ido embora, porque tinha encontrado alguém conhecido do lado de fora. Ele não olhava mais na minha direção. E eu morri de vergonha um milhão de vezes, rezando para que ele não entendesse alemão, inglês, português e espanhol mal escritos.

Ao fim da palestra, quando estava organizando o salão e ele estava pronto para ir embora, veio em minha direção.:

PERIGOSAS ACHERON

“Eduarda, preciso de uma ajuda ainda.”, ele disse em português.

“Pois não, como posso ajudar?”, perguntei sem graça em alemão. Queria apagar a má impressão que pudesse ter deixado. Precisa parecer profissional.

“Queria saber como fazer para levar uma garota que eu **acabou** de conhecer para tomar um café, uma cerveja, um vinho ou uma água comigo. Ou para algo mais.” Ele olhou para mim e sorriu de um jeito tão debochado e sedutor, que eu tive que rir.

“Apenas faça o convite. Se fizer direitinho, o algo mais está garantido”. Eu devolvi o sorriso no mesmo calibre. Minhas pernas tremeram. Uma paquera nesse nível ainda era novidade para mim, mas eu queria ousar. Timidez e recato não tinham me levado a lugar nenhum e eu decididamente queria o *algo mais* com aquele homem.

“Você **querer** fazer qualquer coisa comigo, desde que o algo mais **estar** garantido mais tarde?”.

Aceitei. E nos casamos um ano depois.

25-

Matthias entrou na minha vida de maneira fulminante. Tudo foi intenso entre nós. Talvez tenha sido pela diferença de idade, pela mistura de culturas, de mentalidades, pelo que pudemos aprender um com o outro. Desde o primeiro encontro tivemos certeza de nossa afinidade, em todos os aspectos: saíamos todos os dias, conversando por cinco, seis horas sem parar sobre a vida, o mundo, as diferenças sociais, literatura, política – em qualquer lugar, seja no meio da Alexanderplatz, na cama, numa cafeteria. Estávamos sempre discutindo algo muito importante. Às vezes com suavidade e harmonia, às vezes nossas discussões pareciam briga, cheias de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

paixão, incredulidade, perplexidade e numa mistura louca de idiomas.

O namoro com Matthias valia mais que o mestrado que eu havia praticamente abandonado: eu frequentava mais seminários na faculdade do que já havia feito em toda a vida. E trocávamos leitura. Eu comecei a ler poesia, ele me apresentou à obra de Rimbaud, Leminski, T.S. Elliot e Schiller, e eu o apresentei a Neruda, Vinicius de Moraes, Fernando Pessoa. Comecei a ler um clássico após o outro, passava de Psicologia à Filosofia, Nietzsche, Sartre, Kant, Mark Twain. Lia dois, três livros por semana, muitas vezes livros densos e difíceis, mas também livros água com açúcar para acalmar, do tipo de romances baratos que se vendia antigamente em banca de revista.

Ele me apresentou ao mundo das artes plásticas: íamos a museus e galerias todas as semanas, e se muitas vezes nossas discussões sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as obras eram extremamente ricas e academicamente proveitosas, outras parecíamos duas crianças de cinco anos de idade, rindo sem parar e fazendo poses duvidosas para fotos na frente de esculturas. Íamos ao cinema duas vezes por semana, e víamos pelo menos um filme por dia. Por isso, todos os dias, depois de uma vasta programação em sua companhia, só voltava para minha república depois da meia-noite, para que ele finalmente pudesse se dedicar até o amanhecer à sua tese de doutorado.

Mudei para seu apartamento depois do segundo mês de namoro. Sabia que tudo estava acontecendo rápido demais, mas naquela época parecia natural. Talvez tivesse sido influencia de estarmos em Berlim, que estava em constante transformação desde a queda do muro, há seis anos. Toda a cidade estava em movimento, havia obras em toda a parte, alemães-orientais e ocidentais e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cidadãos do mundo inteiro interagiam e construíam assim a maior capital cultural daquela década. O mundo parecia girar em torno de Berlim, e nossas vidas ao redor de nós dois.

Quando o meu visto venceu e eu teria que voltar ao Brasil, soubemos que aquela nunca seria uma opção. Por isso comuniquei aos meus pais em outubro de 1995 que voltaria para casa em fevereiro de 1996, um ano e meio depois de ter partido. Para me casar.

Eu nem tinha contado a eles que estávamos morando juntos e o choque foi grande, como também a suspeita de que eu pudesse estar grávida. Mas depois do primeiro susto, percebi que meus pais estavam aliviados. O casamento era, sob seu ponto de vista, um porto seguro que me protegeria de uma vida desregrada pelo mundo, um dos grandes medos de toda a família desde que saí de casa.

PERIGOSAS ACHERON

As irmãs La-Le-Li-Lo-Lu entraram em ação para preparar uma festa maravilhosa para nós, apesar de eu dizer desde o início que só queria me casar no cartório, principalmente porque somente a pequena família de Matthias, sua mãe e sua irmã, viriam como seus convidados. Como tivemos de resolver tudo em cima da hora e com um continente de distância, deixei na mão delas praticamente tudo (convites, bufete, vestido, decoração), chegando quinze dias antes da festa praticamente como outra convidada, com Matthias ao meu lado.

Logo no primeiro momento meu pai torceu o nariz para Matthias, quando viu que ele era tão mais velho que eu. Minha mãe havia omitido dele esse detalhe. Depois dos primeiros momentos de mal-estar, Matthias percebeu a tensão e convidou meu pai para ir ao jardim, tomar uma cerveja que havia trazido para ele. Mamãe me olhou preocupada: será que isso daria certo, já que havia

PERIGOSAS ACHERON

uma diferença social e cultural tão grande entre o “doutor” e o operário?

Duas horas depois, tivemos certeza que sim. Papai voltou de lá abraçado com Matthias, um pouco cambaleante pelo efeito da cerveja alemã, bem mais forte que a brasileira:

“Minha filha ganhou na loteria. Esse aqui sim é homem de valor!”.

Até hoje não sei o que conversaram, mas meu pai virou o maior fã de Matthias, até mesmo se colocando contra mim e a favor dele mais tarde, quando surgiram os primeiros conflitos.

A festa de casamento foi emocionante. Papai chorou, minha mãe também, eu e Matthias choramos. Ficou tudo lindo, minhas tias fizeram tudo com muito carinho. Não nos casamos na igreja – Matthias é ateu e nada no mundo o colocaria num altar, nem mesmo seu amor por mim. O juiz de paz foi até nós – comemoramos no mesmo Clube em PERIGOSAS ACHERON

que Bibi fez sua festa de 15 anos. E apesar de eu ter dito às minhas tias que queria uma festa pequena, tivemos mais de 300 convidados, entre familiares e amigos, que confirmaram a presença com surpresa e alegria. Minha mãe não havia esquecido de convidar ninguém. Todo mundo estava lá, menos Léo, que, como fiquei sabendo por meio de Bia, estava passando uma temporada no México. Bibi e Adriano também estavam lá. E vieram de mãos dadas, para minha surpresa. Os dois eram um casal já há seis meses, apaixonados e felizes.

Matthias estava espantado com tanta gente:

“Não quero saber o que **ser** uma festa grande para sua família”, dizia, assustado pelo número de primos, primas, tias e tios que apareciam para lhe cumprimentar. Sua mãe e sua irmã, que eu havia conhecido há alguns meses e com quem também me entendera muito bem, estavam à vontade. Apesar de não falarem português, as duas foram

salvas por Bia, que serviu de tradutora para elas, já que a família de Matthias era originária de uma cidadezinha na fronteira com a Alemanha e ambas falavam muito bem alemão.

Matthias e eu ainda ficamos mais duas semanas no Brasil. Mas logo no dia seguinte ao casamento partimos para nossa lua de mel em Foz do Iguaçu, onde visitamos as cataratas. Foi um sonho! Ao retornarmos para Vila Velha, um mundo de presentes de casamento aguardava para serem abertos e eu me desesperei pelo tanto de excesso de bagagem que levaria.

Entre muitas porcelanas, vasos e coisas para cozinha, quase deixei passar um pequeno envelope amarelo, que descobri na mesa de centro da sala da minha mãe, longe das outras coisas. Minha mãe me disse que tia Lo havia visto uma loira pegando o envelope e já ia saindo com ele, quando ela a

PERIGOSAS ACHERON

interceptou e quase lhe deu um cascudo. Mas disse que a loira tinha achado o cartão no chão, estória que tia Lo não engoliu. Achei estranho.

“Você sabe quem era, mãe?”, eu estava curiosa, porque não via motivos para alguém que quisesse roubar alguma coisa, escolher um cartão entre centenas de presentes mais valiosos.

“Sua tia Lo disse que era uma amiga sua, mas só sabia que o nome começava com Bi.”

Que ótimo. Podia ser Bia ou Bibi. Mas mesmo assim, não fazia sentido.

Abri o envelope. Dentro dele, um cartão com a pintura de um por do sol e um casal, abraçado, olhando o horizonte.

“Desejo que você olhe dentro dos olhos do outro e veja a própria felicidade. Que vocês possam caminhar todos os caminhos juntos. E que você encontre o que está procurando.

Com amor,

Léo

Uma lágrima idiota fez o favor de rolar em meu rosto, e eu disfarcei para que Matthias não a visse, nem visse que dobrava e guardava o cartão em minha bolsa. Depois de mais de 10 anos, eu tinha um outro bilhete de Léo nas mãos. E esse eu guardaria para sempre, pois não conseguiram me roubar.

26

Todas essas lembranças e revelações começaram a mexer demais com meu estado psicológico. Comecei a escrever sem parar, apagar o que escrevi e a reescrever. Li e reli a carta de Marcela e o bilhete de Léo mil vezes, e enfim comecei a entender muitas coisas do meu passado,

que pareceram tão naturais na época em que aconteceram.

Por isso não sabia mais se queria encontrar minha amiga Fabiana. Precisava de um tempo. Não me importava que ela tivesse roubado e escondido o bilhete de Léo quando tínhamos 11 anos, nem que o tivesse usado para causar o fim do meu namoro com ele aos 13. Isso não foi nada, foi coisa de criança. Mas Bibi tinha feito outras coisas depois, e comecei a entender devagar que, por todos esses anos, acreditei numa amizade que, na verdade, era de mão única.

Eu entendi, finalmente, que Bibi tinha possivelmente precipitado meu término com Adriano. Provavelmente ela mesma havia dado um jeito para que ele lesse meu diário, e se prontificou logo a consolá-lo. Na cama.

Mais tarde, quando passei as primeiras férias em Vitória depois que mudei meu curso para
PERIGOSAS ACHERON

Porto Alegre e estava me entendendo com Léo, ela me influenciou para que nossa história não fosse a frente, quando ele quis ir reatar comigo.

Outras dúvidas começaram a surgir: será que meu primeiro livro foi realmente recusado pela editora? Ou será que ela nem havia apresentado meu trabalho? Ou teria....

Eu decididamente estava começando a delirar, creditando a ela forças que não tinha. Olhei no celular e vi que já eram 2 h da manhã. Droga, eu tinha prometido à minha filha Marcela acordá-la a uma e meia, pois na Itália seriam oito e meia da noite e seu pai estaria finalmente em casa, e ela poderia parabenizá-lo pelo seu aniversário.

Ainda não era tarde demais. Cliquei no seu nome na minha lista de contatos no WhatsApp, e logo o rosto mal barbeado de Matthias aparecia no meu visor:

“Parabéns, Matthias! Feliz aniversário! Pode dizer aos seus convidados para me dar um alô!”, finjo procurar alguém perto dele, mas tinha quase certeza que ele passava o aniversário sozinho.

*“Obrigado! Mande **todas as** convidados se esconder.”, ele sorri, como sempre sem consciência de seu erro de português, nem do charme que ainda possui, mesmo com 61 anos de idade. Matthias parecia um bom vinho, que só melhora com o passar do tempo.*

“Vou acordar Marcela, ela quer te parabenizar”, já vou levantando quando ele me interrompe:

*“Espera. Como você está? Como foi **sua** encontro com Fabiana?”*

Matthias era um anjo da guarda que sempre cuidava de mim. E de Marcela, claro.

Suspirei.

“Ah, Matthias, não achei que essas coisas de criança fossem mexer tanto comigo”, fui sincera.

“Não são só coisas de criança, você sabe disso. Você precisa enxergar o que a Fabiana fez contra você, mas também o que você mesma fez”. Ele ajustou os óculos e fez aquela cara de terapeuta que eu detestava. Entrei na defensiva:

“Não precisa nem começar com algum papo psicoanalítico. Eu estou bem, e não quero analisar nada agora, muito menos a essa hora da noite e principalmente com você”, fui levantando e levando o celular para o quarto de Marcela.

*“Mas essas coisas são a chave **do** seu felicidade, isso é importante. São elementos importantíssimos. Você não precisa perdoar a Fabiana, mas precisa se perdoar por ter deixado ela fazer isso com você. Mas você tem mania de ser **surpreendido** pelas coisas que não quer ver.”.*

Quando ele disse as últimas palavras, eu já
PERIGOSAS ACHERON

estava abrindo a porta do quarto, e Marcela, sonolenta mas já desperta pela conversa, protestou esfregando os olhos:

“Nicht streiten, bitte!”, com Matthias ela falava só alemão. Eu me deitei ao seu lado na cama, beijei sua testa e levantei o aparelho para que nós duas fossemos captadas pela câmera de vídeo.

*“Não tem ninguém brigando, mamãe e papai estão só tendo uma discussão equilibrada sobre a **minha** vida”.*

“Papai só quer te ajudar a pensar, mamãe. Esse é o trabalho dele!” Marcela falava às vezes como uma adulta, e eu sempre reagia contra isso. Não queria que o tempo passasse rápido demais, como fez comigo, e levasse minha garotinha. Enfiei meu nariz no seu pescoço para fazer cócegas e ela começou a rir e espernear, deixando definitivamente de lado o ar sério, que não

combinava em nada com seus dez anos de idade. Então eu me sentei, joguei um beijo para Matthias, que ria do outro lado do mundo da nossa brincadeira, e deixei o aparelho com minha filha, saindo do quarto:

*“Pode falar 10 minutos com o papai. Depois é **Feierabend**, amanhã tem escola. Ouviu Matthias?”, gritei, já da porta.*

*“Tá bom, eu **escutou**”.*

Voltei pra cozinha, lavei alguns pratos que estavam na pia, depois enchi um copo de vinho, fui para a varanda e fiquei admirando a vista que tinha do mar da Praia da Costa. Morri de raiva de mim mesma, porque Matthias, como sempre, me fez refletir. Ele tinha razão, eu desconfiei muitas vezes das intenções de Bibi na minha vida – mas isso não significava que eu soubesse que ela queria me prejudicar. Droga, não queria mais pensar sobre isso. Além do mais, desde há muitos anos, desde

que havia me mudado do Brasil, não houve mais nenhuma possibilidade de Bibi agir em minha vida. Ou será que...

Praticamente joguei a taça de vinho em cima da mesinha da varanda e voltei correndo para o quarto de Marcela, tomando o celular de sua mão, sem que ela tivesse tempo nem de terminar sua última frase.

“Matthias, só uma dúvida”, eu ignorei, impaciente, os fortes protestos de Marcela. “Tem alguma coisa que você queira me falar? Alguma coisa que eu precise saber a respeito do que aconteceu em Paris, por exemplo?”.

Ele ficou mudo por alguns segundos, depois suspirou. Eu sabia ler o seu rosto como ninguém, e ele não podia me esconder nada. Sabia que eu não me daria satisfeita com qualquer coisa que não fosse a verdade.

“Não queria mais tocar nesse assunto, mas

você tem razão. Eu recebi alguns e-mails na época, me alertando sobre sua viagem para Paris,”

“E-mails de quem?”, meu tom de voz e minha seriedade indicavam que aquela era mais que uma pergunta. Era quase uma constatação. Um frio na espinha me revelava o que ele diria em seguida.

“Anônimos. Mas acabei descobrindo que vieram do endereço de Fabiana.”

27-

Logo no nosso primeiro ano de casados nos mudamos para a Holanda, alguns meses depois que Matthias terminou o doutorado e foi contratado como professor na Universidade de Groningue, cidade que faz fronteira com a Alemanha. Depois dos primeiros momentos de novidade, comecei a sofrer de tédio. E de constrangimento, por não

PERIGOSAS ACHERON

ganhar meu próprio dinheiro, afinal, eu já tinha 25 anos.

Logo comecei a estudar holandês e voltei a escrever algumas matérias turísticas para jornais brasileiros, mas, mesmo assim, ainda sobravam muitas horas no meu dia. Eu me sentia muito dependente de Matthias e, para combater essa sensação, fui fazer o que dava para eu fazer sozinha: ler. Comecei a frequentar a biblioteca do pequeno bairro onde morávamos e depois de ter lido quase tudo que me interessava, descobri a estante de livros para adolescentes e resolvi ver o que andava acontecendo na área.

Eu me surpreendi com a qualidade dos livros que descobri. E com o sucesso que faziam na Europa. Depois que li três ou quatro trilógicas adolescentes, pensei no livro que havia escrito há tanto tempo e entreguei para Bibi avaliar na sua editora. Realmente, em comparação com o material

PERIGOSAS ACHERON

que eu via ali, ele deixava muito a desejar. Mas eu ainda acreditava que poderia alcançar minha realização pessoal – e ganhar dinheiro – escrevendo. Então tomei uma decisão: quando eu tivesse a ideia de que precisava, voltaria a escrever.

Um dia estava voltando de bicicleta para casa depois do curso de Holandês, e tive que frear bruscamente para um cachorro, que parecia ter surgido do nada na minha frente. Ele se assustou e eu saltei da bicicleta para ver se tinha se machucado, mas ele fugiu. Eu fiquei com o coração saindo pela boca pelo susto, mas com a sensação estranha de que conhecia o cachorro de algum lugar. Depois de alguns segundos, comecei a rir alto, como uma louca: o cachorro, de alguma forma, lembrava minha prima Anastácia, filha da tia Le, quando era adolescente.

Fui para casa pensando nisso e quando estacionei a bicicleta no jardim, já tinha a ideia que

PERIGOSAS ACHERON

faltava para o meu projeto: as aventuras de um lobisomem feminino adolescente. Rabisquei tudo o que veio em minha mente durante a tarde inteira. À noite, contei para Matthias minha ideia e ele riu:

“Vá em frente, Duda. **O** história parece ser tão **absurdo** que pode dar certo.”

Terminei de escrever o primeiro projeto dois meses depois que tive a ideia. Matthias se divertiu muito com a leitura e resolveu me encorajar para ir adiante. O livro chamava-se “Menina Loba”. Matthias reativou velhos contatos e me apresentou a alguns velhos conhecidos da área editorial, que me deram dicas preciosas para burilar o trabalho e, depois, de quem deveria procurar e como fazer. Investimos na tradução para o holandês e depois procuramos os caminhos indicados pelos conhecidos de Matthias. E então entreguei o manuscrito para uma editora.

Durante alguns dias depois disso, quase não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormi. Lembrei-me da história do livro que havia entregue a Bibi e me arrependi de, novamente, acreditar que poderia dar certo. Tive muito medo da decepção e da dor que sentiria caso a editora dissesse que meu trabalho era uma droga.

“Se seu trabalho for uma droga, vai ser um sucesso. Mandamos ele para Amsterdam. Lá é quase **tuda** liberado”, Matthias tentava me descontrair, mas foi difícil manter o equilíbrio naqueles dias. Só relaxei uns 20 dias depois, quando achei que ninguém responderia mesmo. Tinha que mudar de planos, procurar outra atividade para preencher meu tempo, pelo menos enquanto ainda não podia ganhar meu próprio dinheiro. Por isso, comecei a trabalhar voluntariamente em um abrigo para animais em Groningue, três vezes por semana. Somente isso conseguiu me acalmar e me colocar de novo nos eixos.

PERIGOSAS ACHERON

Três meses depois que havia enviado o manuscrito de “Menina lobo”, recebi um telefonema em casa e demorei a entender do que se tratava. Até que fiquei sabendo: a editora tinha gostado muito do meu manuscrito e sugeria um encontro para nos conhecêssemos. Alguns dias depois, firmava um contrato com aquela editora: meu primeiro livro seria publicado em breve! Voltei para casa com um cheque nas mãos e me achando milionária! Meu primeiro pagamento, que na realidade era um adiantamento, era o suficiente para pagar uma passagem de ida e volta ao Brasil!

O que aconteceu depois foi um grande presente. Intenso, como quase tudo em minha vida. O “Menina lobo” foi um sucesso e ficou entre os 10 primeiros lugares em leitura infanto juvenil naquele ano. Eu mal podia acreditar! E só foi aumentando: o livro abriu algumas portas, vez ou outra uma revista voltada para o público infanto juvenil me

PERIGOSAS ACHERON

chamava para uma entrevista, ou uma emissora de rádio local. Numa dessas entrevistas no rádio, uma ouvinte de 12 anos disse que gostaria muito de ver o livro ser transformado numa série de televisão, e muitos outros ouvintes ligaram fazendo o mesmo apelo. Eu agradei o carinho, disse que até adoraria escrever roteiros para uma série, mas que era somente um sonho.

Uma semana depois, eu fui convidada pela editora a escrever mais três livros, continuação do “Menina Loba”. E um canal de televisão holandês me apresentou um projeto para uma série de TV. Fui contratada como roteirista, apesar de não ter tido nenhuma experiência anteriormente na área. Vi, em menos de um ano, minha vida mudar completamente: tinha um contrato como escritora, tinha um emprego como roteirista. Ganhava meu dinheiro, ocupava meu tempo, não dependia mais de Matthias para nada. Eu era uma mulher

PERIGOSAS ACHERON

realizada!

Tivemos de nos mudar da Holanda para Áustria. Meu trabalho era feito de casa, não importava onde estivesse. Matthias recebeu uma grande proposta na Universidade de Viena, não havia como recusá-la. Minha rotina de trabalho, mesmo que fazendo home office, continuou uma loucura: dividia meu tempo trabalhando nos outros livros da série, rabiscando novos projetos – uma trilogia a respeito das aventuras de uma vampira adolescente, e trabalhando diariamente nos roteiros para a série de TV holandesa. Se antes eu morria de tédio, agora não tinha mais tempo para nada. Só fazia questão do trabalho voluntário no abrigo de animais, que ficava a 40 km de minha casa, em Viena. Não me importava. Uma vez por semana eu estava lá, e recarregava minhas baterias assim.

Quatro anos depois que nos casamos, essa era a minha nova vida. E eu acelerava cada vez mais:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vivia visitando editoras na Áustria, que se interessaram pela tradução do “Menina Loba” para o alemão. Tudo crescia e ganhava proporções que eu não imaginara. E eu tinha tudo para estar muito feliz!

Mas não estava.

Vivia num ritmo tão louco, que vivia à beira de um ataque de nervos. Matthias estava envolvido em um grande projeto de pesquisa na Universidade e por fim, nenhum de nós tinha tempo para nada e fomos engolidos pouco a pouco pelas nossas rotinas. E quando percebemos, estávamos vivendo quase como colegas de quarto. E nada mais além disso.

Matthias ainda tentava trazer de volta nossa rotina como casal, propondo que fizéssemos mais coisas juntos. Mas eu estava sempre muito cansada, muito nervosa, ou muito ocupada para qualquer coisa que não fosse o meu trabalho e o meu sono.

PERIGOSAS ACHERON

Um dia, quando cheguei em casa depois de um Meeting com representantes da editora, Matthias estava me esperando com duas malas prontas na sala e um semblante sério. Minha espinha gelou. Primeiro tentei manter a calma e entender a situação, mas como nenhum de nós dois dizia nada, o pânico foi tomando conta de mim:

“Matthias, o que está acontecendo? O que você pretende com essas malas?”, eu tendia a desenvolver um tom histérico cada vez mais frequentemente, isso não era bom.

Matthias veio ao meu encontro, e segurou meu rosto docemente com as duas mãos:

“Não podemos continuar assim, Duda. Precisamos dar um jeito na nossa situação.”

“Matthias, cuidado. Não se precipite em nada”, minha voz tremulava, eu era puro arrependimento por todas as vezes que fui dormir mais cedo, que passei noites escrevendo, que fui

PERIGOSAS ACHERON

sozinha a jantares da editora ou neguei os convites de Matthias para jantar. Eu amava meu marido, não queria que as coisas acabassem assim. “Pense muito antes de deixar esse apartamento”, eu segurei suas mãos também, que envolviam meu rosto.

“Eu pensei muito bem. Você vai comigo”.

Foi assim que deixamos o apartamento naquela manhã em direção a Ilhas Maurício, largando tudo para trás por 15 dias. Só avisei na editora que sumiria, e não levaria o celular. Ele fez o mesmo com a Universidade. Passamos duas semanas de ilha em ilha, mergulhando, namorando nas areias das praias, vendo o pôr do sol em Ile aux Cocos, conversando com pescadores. Redescobrimos um ao outro, recarregando as baterias de nosso relacionamento.

Foi maravilhoso. Estar de novo a sós com Matthias e comigo mesma significou muito para mim. Consegui voltar a respirar, a sentir prazer em

PERIGOSAS ACHERON

não fazer nada. Mas o silêncio do celular, a calma do telefone, a ausência do computador me fizeram perceber uma presença muito forte ao meu redor: por algum motivo, sem todo o ruído à minha volta, eu podia finalmente escutar aquela voz interior que sussurrava que não estava tudo bem comigo.

Não sabia explicar por que, mas fui começando a sentir uma leve melancolia, primeiramente quase imperceptível, mas que pouco a pouco foi se tornando mais palpável e ganhando volume. Na última noite em Maurício, ficamos sentados na areia da praia até muito tarde. Tínhamos conversado muito, mas, depois, ficamos calados, somente apreciando o mar, juntos. Eu tentava intimamente entender o que estava acontecendo comigo: Tinha conseguido o que queria, ganhava meu dinheiro, era feliz fazendo o que eu fazia, estava casada com um homem maravilhoso, morava num país deslumbrante. Mas

PERIGOSAS ACHERON

faltava alguma coisa e eu não sabia o que era.

Sem me dar conta de que Matthias não estava escutando as minhas reflexões, eu continuei com ele o diálogo que mantinha comigo mesma:

“Matthias, porque eu não consigo ser feliz com o que eu tenho?”. Estava envolvida em seus braços e não via seu rosto, mas senti, pelo seu suspiro, que não era aquilo que ele esperava escutar de mim, na nossa última noite romântica em Maurício – que ele havia preparado com carinho e em segredo para nós dois.

Depois de algum tempo, ele respondeu devagar, num tom mais baixo do que costumava falar. Talvez na esperança de que eu não escutasse o que ele tinha a dizer.

“Talvez porque você ainda não tenha encontrado o que procura”.

Afaguei sua mão, que envolvia meu braço, mas não olhei em seu rosto. Onde foi mesmo que já

PERIGOSAS ACHERON

tinha escutado aquilo? Então me lembrei do cartão que Léo escreveu pelo meu casamento. Que tinha a figura de um casal abraçado numa praia parecida com aquela.

“Desejo que você olhe dentro dos olhos do outro e veja a própria felicidade. Que vocês possam caminhar todos os caminhos juntos. E que você encontre o que está procurando.”.

Se, pelo menos, eu soubesse o que estava procurando....

28-

Quando retornamos de viagem, eu e Matthias voltamos a nos entender bem melhor e a passar muito mais tempo juntos, mas a melancolia não passou. Liguei aquele mal-estar ao estresse, por

PERIGOSAS ACHERON

isso comecei a trabalhar menos, dizer mais “nãos”. Mas senti que estava possivelmente entrando numa pequena crise. O que eu estava procurando? Por que não conseguia dizer que era feliz? Eu tinha dinheiro, tinha amor, tinha prestígio e realização pessoal. O que estava faltando então? Eu não sabia. Viviamos um dia após o outro, certa de que essa sensação de vazio passaria com o tempo.

E logo veio mais uma mudança: Depois de Viena, nós nos mudamos para uma cidade perto de Porto, em Portugal, e cheguei a conclusão de que nossa vida seria sempre assim, de cidade em cidade, pois Matthias era um pouco nômade – estava sempre de olho num novo objetivo, numa outra oportunidade em alguma outra universidade em algum outro lugar. No começo, não tinha problemas com isso, mas já era a quarta cidade em que morávamos – aliás o quarto país, desde que estávamos juntos, e comecei a perceber que sentia

PERIGOSAS ACHERON

falta de criar raízes em algum lugar.

O pouco contato que tinha com as pessoas por meio do trabalho voluntário que fazia no abrigo de animais não me satisfazia mais. Além do mais, comecei a perceber que trabalhar no abrigo e não ter nenhum bicho em casa também não correspondia com o que a maioria dos colegas dos abrigos faziam. Somente em Porto, talvez pela ligação emocional entre portugueses e brasileiros, fui confrontada a respeito disso.

Ana Maria, a diretora do abrigo, foi quem abriu meus olhos a respeito disso. Aliás, ela praticamente escancarou meus olhos à força, com alicate, chave de fenda e serrote, no dia em que fui ao abrigo pela primeira vez, oferecer meu serviço voluntário. Ela me fez centenas de perguntas e depois de observar minhas respostas com um semblante fechado, de não sorrir de volta nem uma vez, apesar de eu me desfazer em docilidade e

PERIGOSAS ACHERON

sorrisos durante a entrevista, ela olhou seriamente para mim e sentenciou, mal-humorada:

“Sinto muito, mas não podemos aceitá-la como voluntária aqui. Você seria um peso morto, não uma ajuda de verdade.”. Quando se certificou de que eu não falaria nada – talvez porque concentrava toda a minha força em não deixar meu queixo cair – continuou: “Não somos babá de mulheres mimadas que querem economizar o dinheiro ou o tempo de terapia, passando algumas horinhas por semana colocando ração para um cachorro que nunca será seu”.

Não aguardava aquele golpe. Engoli seco e comecei a gaguejar os meus “mas...mas...mas...”, mas ela continuou, como se tivesse uma serra elétrica na língua:

“Não sei se nas outras cidades eles aceitam qualquer um que queria ajudar, mas aqui é diferente. Você tem que acreditar no que está

PERIGOSAS ACHERON

fazendo, senão nada faz sentido.”

Eu devia estar pálida e meu queixo já devia estar no chão, pois por um momento ela pareceu me olhar com um pouco de humanidade, antes de me perguntar:

“Me diga, Eduarda: o que você está procurando aqui?”

Mais uma vez essa pergunta. Sou eu, ou nos últimos tempos isso se tornou uma obsessão coletiva? Desculpei-me, me levantei e fui embora sem responder, mais perturbada do que nunca. Por que eu vivia sendo confrontada com essa pergunta? E por que ela me fazia tão mal? Agora, nem me interessava mais o fato de ter levado um “caixote” da diretora do abrigo de animais. O problema é que minha insatisfação estava clara agora, tatuada na minha testa e iluminada com luzes neon.

Eu estava insatisfeita. Não um tipo de insatisfação que se combate tomando leite

condensado direto da lata. Ou bebendo uma garrafa de vinho. Eu estava infeliz. E sabia que a resposta poderia estar ao alcance das minhas mãos, mas eu sinceramente não sabia qual era ela.

No caminho de casa, parei na praia. Tinha feito questão de que nosso apartamento fosse num bairro à beira mar, e passava muito tempo passeando no calçadão ou sentada num banco, olhando o horizonte. Dessa vez, sentei diretamente na areia e deixei que a água gelada do oceano Atlântico beijasse meus pés. Do outro lado daquele oceano estava a minha família, meus amigos de infância. Meus primos e as tias Le-Li-Lo-Lu. Estava enterrado o corpo da minha amiga Marcela, que nunca saberia no que me tornei: uma mulher casada, morando na Europa. Uma escritora de sucesso.

O choro veio de uma vez, forte, numa convulsão. Como se eu vomitasse minha

PERIGOSAS ACHERON

infelicidade num jato, inesperado e repugnante. Tão forte como uma Tsunami, me fez perder o ar. Tive que deitar na areia, para que pudesse conter os movimentos violentos dos meus soluços. Eu estava fisicamente em colapso. Espiritualmente no fim. Senti uma gigantesca saudade da minha mãe. De meu irmão, que se transformou em adulto sem que eu tivesse visto. De meu pai, cujos cabelos grisalhos denunciavam que a velhice chegava devagar.

Saudade, saudade e saudade. Eu me transformei em saudade e estava quase sufocando. Precisava caminhar ao lado de Beatriz e ouvir sua voz tranquila. Precisava escutar Bibi rindo alto de alguma bobagem que Léo tenha dito. Precisava escutar Adriano falar das bandas de Brasília como se isso fosse a coisa mais importante do mundo. Precisava de Léo. Queria vê-lo sorrindo, brincando com os vira-latas da rua como se fossem os poodles

mais belos do mundo. Queria sentir seu olhar no meu, prestando atenção a todas as palavras que eu dissesse.

Eu já perdia o ar com meus soluços., até que veio a redenção: ouvi a voz de Matthias gritando o meu nome, senti suas mãos me sacudindo, e seus braços me envolvendo. Sua intuição fez com que ele me procurasse lá, quando não atendi a nenhum de seus telefonemas.

Depois que me acalmei e consegui falar um pouco do que estava sentindo. Matthias me beijou suavemente os lábios, depois os olhos, que estavam extremamente inchados de tanto chorar, e apoiou o queixo na minha testa, suja de areia de praia:

“Minha doce Duda! Você precisa rever seus amigos”.

Comprei minha passagem para a semana seguinte e fui sozinha para a casa dos meus pais, pela primeira vez desde que me casei. Eles primeiro desconfiaram que as coisas entre Matthias e eu não andavam bem. Mas depois não perguntaram muito. Estavam felizes de ter a filha finalmente só para eles por um tempinho. Falei para eles que andava muito estressada e precisava muito de paz.

Nos primeiros dias, dormi muito e comi muito – tudo do que sentia tanta falta no exterior: Feijão Tropeiro, coxinha, couve refogada, torta de Bacalhau, pão de queijo, tudo junto e misturado e muitas vezes ao dia. E quase não saí de casa, curtindo a companhia de meus pais e de meu irmão Luciano, que em breve se casaria e não moraria mais lá.

Claro que queria ver meus amigos, mas não me sentia realmente confortável em procurá-los. Sentia saudade deles, mas, mais que isso, sentia

PERIGOSAS ACHERON

saudade de um tempo que havia passado. Nossas vidas mudaram, e não sabia se teria algum espaço na vida deles para mim. Ainda não tinha certeza se queria realmente encontrar Bibi, Adriano e Léo. Não os via há muito tempo – Léo eu não via já há seis anos, desde quando tivemos nosso curto romance quando eu morava em Porto Alegre. Eu pensava nele vez por outra, mas minha consciência afastava logo sua imagem de minha mente. Ele voltou a habitar a caixinha emocional das belas lembranças do passado e dos sonhos impossíveis, onde habitara durante toda a minha infância e adolescência.

A primeira que reencontrei foi Beatriz: ela, que continuava morando no Rio Grande do Sul, veio passar alguns dias com sua família e marcamos logo um encontro num restaurante à beira de uma praia sossegada.

Parecia que o tempo não havia passado entre

PERIGOSAS ACHERON

nós. Apesar de conversarmos regularmente via internet, foi maravilhoso reencontrá-la e abraçá-la. Conversamos sobre tudo e todos. Ela estava feliz, namorava já há algum tempo com uma médica do mesmo hospital em que trabalhava e pensavam seriamente em viver juntas. Só não tinha tido coragem ainda de se revelar para sua família, mas era só uma questão de tempo, dizia.

Ela continuava em contato com Adriano e Léo, e me colocou a par das novidades deles. Beatriz me contou que Adriano e Bibi andavam as voltas com a chegada de Vanessa, entre fraldas e mamadeiras, com o orçamento apertado, mas felizes. E me contou sobre Léo. Que tinha aberto uma clínica veterinária na capital, que seu abrigo para animais havia se estabelecido, era respeitado e recebia auxílio de moradores de três bairros.

Fiquei sinceramente feliz, por todos eles. Mas uma pergunta eu não tinha feito, e tinha medo de

PERIGOSAS ACHERON

fazer. Fiquei remexendo no meu prato por tempo demais, bebendo meu suco até o fim, olhando demais para fora. Bia me conhecia, e só para me provocar, não disse mais nada, esperando que eu fizesse a pergunta que estava evitando. Depois de algum tempo em silêncio, olhamos uma para a outra e começamos a rir. As duas sabiam exatamente o que estava acontecendo.

“Pode perguntar”, ela disse, para colocar um fim à minha angústia.

“Eu nem precisava perguntar, você podia fingir que é uma boa pessoa e me falar de maneira natural sobre a vida amorosa de Léo”, eu sorri, cinicamente.

“Como se isso não tivesse importância nenhuma para você!”, ela devolveu.

“Mas isso não tem mesmo a menor importância, é só curiosidade. Aliás, é só *small talk*. Nem me interesse de verdade pela vida dele”.

“Okay. Então vou te contar sem fazer rodeios”. Ela respirou fundo antes de continuar. “Eu não queria te falar, mas Léo se casou ano passado. A esposa dele está esperando bebê, e é uma menina”.

Uma pontada no peito. Foi isso que senti.

“Casou? E você sabia de tudo e nem me contou nada?”, eu não conseguia acreditar. “Casou com quem? É alguém que a gente conhece? Que eu conheço?”

Bia começou a rir, tanto que engasgou. E eu não estava achando graça nenhuma. Fez com a mão para que o garçom viesse, pediu mais um suco, para ajudar a desengasgar. E eu olhava para ela com cara de poucos amigos.

“Por que você está rindo? Qual foi a piada?” Meu humor havia ido embora com o último gole do meu suco.

Beatriz enxugava as lágrimas que rolaram

PERIGOSAS ACHERON

junto com sua risada.

“Mas isso não tem mesmo a menor importância, é só curiosidade. Aliás, nem me interessa muito pela vida dele”, ela disse, imitando o jeito que eu havia falado.

Joguei um guardanapo nela e comecei a rir também.

“Okay, foi ridículo de minha parte. Eu tenho interesse sim, mas é um interesse histórico. Pelo que vivemos juntos”.

Bia ria mais ainda. Não conseguia mais falar. Eu comecei a dar empurrões no seu ombro, cutucando-a para continuar:

“Anda, pára de rir e me conta da sirigaita que casou com ele”.

Ela enxugou mais uma vez as lágrimas de riso.

“Ninguém. Não tem ninguém. Léo não se casou, ele salta de namorada em namorada, aliás de
PERIGOSAS ACHERON

caso em caso, há anos. Nunca nada sério. Ele anda saindo até com mulheres casadas. Parece que não quer se prender a ninguém”.

Continuei rindo, mas não consegui dizer nada. Não sabia por que, mas a notícia tinha me agradado. E me abalado também. Léo tinha virado um “sacana”? Um “pegador” de mulheres casadas?

“Não vai falar nada, Duda?”, ela me provocou.

“Falar o que? “, eu dei de ombros. “Eu quero que ele seja feliz, como quero que você seja feliz, que Adriano e Bibi também sejam, só isso”, eu disfarcei, tomando um gole imaginário do meu suco, que já havia acabado.

“Entendo. Mas se ele for feliz sozinho, melhor ainda, não é? Enquanto ele for de todo mundo, não é de ninguém”, ela provocou. Beatriz tinha mudado, até demais. Estava falante, aberta, sorridente. E debochada. Não sei se gostava mais

da Bia introvertida de antigamente.

“Você está engraçadinha demais. Essa sua namorada deve ser comediante, você está cheia de piadinhas”. Nós duas rimos e resolvemos deixar o assunto Léo para trás. Nos despedimos algum tempo depois, e combinamos de nos encontrar mais uma vez, quem sabe com o resto do pessoal? Ela disse que telefonaria para Léo e Adriano, e depois me falaria.

Ao sair dali, senti uma vontade enorme de caminhar na Praia. Era um dia de semana, quatro horas da tarde. O calçadão estava quase vazio. Passei na frente da Casa do Navio – que já havia sido demolida e cedido lugar para um outro prédio – e meu coração se encheu de doces lembranças do verão em que Léo e eu namoramos. Lembranças de beijos cheios de nervosismo, mas cheios de carinho. Atravessei a rua e sentei na borda do calçadão, olhando o mar, perdida em memórias que

PERIGOSAS ACHERON

ficaram mais de 15 anos guardadas no coração.

“Será que estou vendo uma miragem?”, foi a frase que me despertou. Na minha frente, parado com as mãos na cintura, estava Léo. Acompanhado de dois opostos: o cachorro mais feio do mundo e o sorriso mais lindo do universo.

30-

Nos abraçamos longamente, mas com a devida distância de duas pessoas que são “apenas bons amigos”. Ríamos o tempo todo, em parte encabulados, mas felizes por termos nos encontrado por acaso. Ele disse que estava muito estressado e resolveu passear com seu mais novo “filho” no calçadão. O cachorro mais feio do mundo chamava-se “Princesa”, era uma Chihuahua de pelos marrom-claros arrepiados, corpo desengonçado, um olho maior que o outro e vários dentes tortos ou faltando.

“Ela é meu xodó. Não quis deixar no abrigo por que tinha certeza de que a adoção seria difícil.”, ele sentou-se ao meu lado e colocou Princesa no colo, que mais parecia um gato do que um cachorro, pelo jeito que se esticava para ganhar seu carinho. “Quando eu estou com a cabeça muito quente, venho passear um pouquinho com ela. Meu consultório não é longe daqui, por isso venho a pé mesmo, são 15 minutos. E o que você está fazendo aqui?”

“Meu escritório também não fica muito longe daqui, só uns 12 mil quilômetros de distância”, brinquei. Ele riu, apertou Princesa ainda mais contra o peito:

“Fiquei sabendo dos seus livros. Fiquei muito orgulhoso de você. E gostei demais, achei fantástica a história da Menina loba. Os livros me prenderam, do começo ao fim”.

Seu comentário me deixou um pouco

confusa.

“Obrigada, Léo. Mas... você leu? Foi lançado em Portugal há muito pouco tempo, não sabia que eles estavam vendendo....”

Ele me interrompeu, quase encabulado:

“Eu comprei em holandês e mandei traduzir. Os quatro”, disse, acariciando Princesa, que agora grunhia – ou será que miava? – reclamando por mais carinho.

“Nossa, Léo, eu nem sei o que dizer. Fico lisonjeada. Nem meus pais leram ainda”, ri, nervosa. “Você podia emprestar a tradução para eles”, sugeri, em tom de brincadeira.

“Claro. Com prazer”.

Ficamos os dois olhando para Princesa, enquanto procurávamos, ambos, as palavras certas. O que ele acabara de me dizer, não era uma coisa corriqueira. Ele havia mandado traduzir quatro livros de 500 páginas cada um, somente para ver o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu andava escrevendo. Ele ainda se importava comigo, e agora nós dois sabíamos disso, mas não sabíamos como lidar com isso.

Certas coisas na vida se desenvolvem sem sabermos como, e não sei até hoje como isso aconteceu, mas começamos a passear pelo calçadão e logo ele quis me mostrar o apartamento dele e eu concordei. Subimos, ele me serviu uns biscoitinhos, um copo de vinho, depois outro, e continuamos a conversar sobre muitas coisas, entre uma e outra taça. Lá pelas tantas ele voltou ao assunto dos livros, já um pouco munido eticamente de coragem.

“Duda, a respeito de eu ter mandado traduzir seus livros... Eu sei que é meio esquisito. Eu não deveria ter te falado isso, me desculpe. É que fiquei realmente curioso para saber o que você tinha escrito. Principalmente depois que... Enfim, não importa”.

PERIGOSAS ACHERON

“Depois de que, Léo?”, eu insisti. Aquele frio na espinha, aquela sensação de incômodo, no fundo da barriga... A última vez que havia sentido isso fora há tanto tempo... Quase não me lembrava que meu corpo produzia essas sensações, que somente a presença de Léo me causavam.

“É que Bibi me contou que você havia escrito um livro naquela vez que veio, quando estava morando em Porto Alegre quando a gente.... Eu achei que... Ah, deixa pra lá, Duda.”, ele disse, constrangido. Ele de repente não era mais o homem de quase 30 anos na minha frente, mas sim, o garoto de 11, que um dia havia me dado um bilhete me pedindo em casamento.

Ele retomou o controle das emoções, ajeitando-se no sofá, engrossando o tom de voz, como se consciente da ligação mental que fiz com o garotinho de outrora:

“Eu só quis saber o que Eduarda Xavier

PERIGOSAS ACHERON

escrevia, e porque estava fazendo tanto sucesso. É legal saber que uma amiga de infância virou uma celebridade”.

Ri sem graça, falei uma ou outra besteira. E tentei fazer com que o estrago que a expressão “amiga de infância” causara em mim não ficasse tão óbvio. O que eu queria que ele dissesse? *Meu primeiro amor? Minha ex-namorada? A mulher pela qual eu ainda estou interessado, 15 anos depois do nosso primeiro beijo?*

“Como ele é?”.

Demorei alguns segundos para saber de quem ele estava falando, tão absorta que estava em meus devaneios. Mas logo soube. Ele queria saber de Matthias, meu marido, que ele nunca conhecera. Como podia ser que duas pessoas, que tinham uma importância tão grande em minha vida, nunca tivessem se visto?

“Matthias é um bom homem”, só consegui

aos poucos olhar de novo para o rosto de Léo, enquanto falava devagar e sinceramente. “Um homem calmo, inteligente, dedicado, amoroso”.

Ele também ficou alguns segundos calado. Quando disse alguma coisa novamente, seu tom de voz mudara. Mais suave, quase dolorido.

“Que bom. Fico feliz por você. Você merece ser feliz”.

“Todo mundo merece ser feliz, Léo”, foi o que eu consegui dizer, depois de alguns segundos calada. Os intervalos em nossa conversa eram constrangedores. Milimetricamente calculados para não deixar o coração falar. Não pude deixar de lembrar do que Bia havia me contado, sobre seu envolvimento com mulheres casadas.

“E você, está namorando? Conheceu alguém especial?” – eu fingia quase desinteresse, e puxei Princesa, que continuava perto de Léo o tempo todo, para o meu lado. Era efeito do vinho ou ela

estava ficando até bonitinha? Ela grunhiu (ou miou) e voltou tremendo para perto de Léo.

“Digamos que existe, sim, alguém especial. Mas ela não está disponível”.

Senti raiva dele. Não suportava a ideia de que ele se envolvia com mulheres casadas. Isso me causava um pouco de nojo. Mas agora ele havia se interessado por uma delas. Isso parecia ainda pior.

“Se você acha que vale a pena, que seu sentimento é verdadeiro e o dela também, deveria investir”.

“Aí é que está o problema”, ele abandonou o sofá e sentou-se no chão. “Se o sentimento dela fosse verdadeiro, ela não estaria casada com outra pessoa, não é mesmo?”.

“Às vezes, as pessoas se acomodam dentro de uma relação, não tem mais certeza do que estão sentindo.”, disparei, como uma amiga disposta a dizer o que o outro quer ouvir.

Ele sorriu, um pouco cínico: “E como elas podem ter certeza de que não tem certeza? Como podem ter certeza que o amor de uma vida inteira realmente deu lugar a outro, se desfez no ar?”

Não sei se foi o jeito com que ele olhou para mim. Ou o tom da sua voz. Não estava mais certa sobre quem estávamos falando. Quando vi, estava sentada ao seu lado no chão. Eu amaldiçoei a mim mesma por ter ido até o apartamento dele, por ter aceitado o vinho... por estar me sentindo tão bem ao seu lado. Léo aproximou-se de mim, o rosto bem próximo ao meu:

“Você continua linda”.

Droga, eu comecei a amolecer. Maldito vinho, levando o superego para um passeio longe dali. Levando os freios, os nãos, os escudos. Senti minhas defesas indo embora, uma por uma:

“Léo....”, eu ainda tentei. Eu consegui dizer uma palavra somente, como protesto, um alarme de
PERIGOSAS ACHERON

emergência.

“Duda, pode parecer loucura o que vou dizer”.

Só que ele não disse nada. Ou eu não escutei mais nada. Na minha frente, somente os olhos azuis que me conquistaram desde os 11 anos de idade. Os lábios que me hipnotizaram por tantos anos, bem ao alcance dos meus. Se por um momento, só por um momento, eu pudesse novamente sentir o gosto daquela boca... Se eu pudesse sentir o cheiro de sua pele bem perto de mim, se pudesse afundar meu rosto em seu pescoço....

Léo me beijou. Muito devagar. Beijou cada milímetro de minha boca, um beijo longo e cheio de declarações, de histórias não contadas, de palavras que nunca foram ditas. Um beijo cheio de amor e cheio de culpa. Um beijo de reencontro e de adeus.

Quando nossos lábios se separaram, nos

PERIGOSAS ACHERON

abraçamos e eu fiquei muito tempo recostada em seu peito, um milhão de pensamentos em mente e, ao mesmo tempo, a mente vazia. Éramos só Léo e eu, abraçados, no meio da sala. No meio do mundo.

Quanto tempo ficamos assim? Não sei dizer.

“Senti tanto a sua falta, Duda”.

Fechei os olhos. Aquilo estava errado. Eu amava Matthias. Eu não podia estar ali com Léo. Mas eu amava Léo também. Sempre amara. Era ali que eu queria estar, dentro daquele abraço. É esse o lugar que eu mais sentia falta na vida. Ali era o meu lar. Tinha medo de me mexer, de respirar e perder o controle do que já havia saído de controle.. Eu precisava ir embora, antes que algo mais sério acontecesse. Eu precisava sair dali. Mas não queria. E eu sabia que Léo me conhecia o suficiente para saber que eu não daria mais nenhum passo. Não passaria daquele beijo.

“Se um dia você quiser, Duda....”

“Eu sei Léo.”

Tive finalmente forças para me levantar. Segurei sua mão mais uma vez, acariciei seu rosto. E saí dali. Fui chorando no caminho de casa, de saudade, de dor, de tristeza, de alegria. De medo. Por que Léo me desestruturava tanto? Por que eu tinha todos os motivos do mundo para achar que ele queria só mais uma mulher casada na sua cama, mas meu coração via amor em seus olhos?

No dia seguinte, reencontrei Beatriz, Bibi e Adriano – e Vanessa, um bebezinho vermelho, careca, muito chorão, que enchia seu pai de orgulho e sua mãe de olheiras, e deixava os dois mais lindos e felizes que nunca. Mas não vi mais Léo. Quando voltei para Portugal, cinco dias depois, levei comigo mais uma lembrança, de um amor que nunca poderia se concretizar. Para nós, tudo havia acontecido na hora errada. Inclusive nosso próximo reencontro a sós, em Paris, dez anos depois, quando

PERIGOSAS ACHERON

o meu casamento com Matthias teve seu ponto final.

31

Voltei para Porto com uma certeza: Eu precisava consertar as coisas que estavam erradas. E começaria com o abrigo para animais. Na primeira oportunidade fui ao abrigo e pedi para falar com a Ana Maria, que depois apelidei de “Smurf Ranzinza”.

“A senhora Eduarda voltou a nos conceder a honra de sua visita”, ela resmungou, novamente com cara de quem tinha uma pedra pontuda dentro do sapato, ou como se o arame do sutiã estivesse furando a sua pele.

“Sim, senhora Ana Maria. Eu vim responder sua pergunta.”

“Não me recordo de ter perguntado nada”.

“A senhora me perguntou o que eu estava

procurando aqui, antes de me enxotar como uma mosca, apesar de eu oferecer meu trabalho voluntário para essa espelunca, que já passou da hora de conhecer a função de uma vassoura”. Eu estava com raiva e decidida. Eu sabia que ela era um osso duro de roer, mas ela ainda não me conhecia.

Atingi nela algum nervo de prazer com minha resposta, pois ela mudou o ângulo da boca. Aquilo era um sorriso?

“Pois continue”.

“O que eu estou procurando aqui. Essa foi sua pergunta, Estou procurando amigos. Minha vida está uma droga sem amigos. E se as pessoas à minha volta tem um músculo de pedra do lado esquerdo do peito, como a senhora, vim buscar a amizade dos cachorros. Porque, eles pelo menos, tem coração.”

Ela me encarou por alguns segundos, ainda

PERIGOSAS ACHERON

séria, com aquela expressão de poucos amigos que lhe era tão peculiar. Depois se levantou, foi até uma saleta ao lado da sua e voltou com uma vassoura:

“A senhora pode começar a nos mostrar a função da vassoura. Quando tiver acabado, venha tomar um café comigo. Aí eu lhe mostro a função da educação”.

Foi assim que começou minha amizade com o Smurf Razinza. E com outras pessoas maravilhosas que trabalhavam nesse abrigo, que passaram a fazer parte de meu dia a dia. Também foi o lugar que conheci Charles (homenagem a meu primo), vira-lata companheiro de todas as horas, que até hoje nos acompanha em nossa caminhada. Foi lá que eu decidi criar raízes, ter uma rotina, fincar os pés.

Isso me fez bem, pois logo comecei a me sentir melhor, e voltei a escrever. Depois de mais um livro fantasia para adolescentes, arrisquei um

PERIGOSAS ACHERON

passo diferente: comecei a escrever crônicas sobre a vida, o tempo, o amor, a amizade. Minha editora não ficou muito feliz, mas publicou assim mesmo. O livro “Lágrimas de crocodilo” era destinado ao público feminino, com mais de 30 anos. E foi um fracasso de vendas. Mas encheu meu coração de alegria, e não desisti e continuei escrevendo para ambos os públicos.

O tempo passou e trouxe com ele uma grande novidade: no mês do meu aniversário de 32 anos, descobri que estava grávida. Eu já não evitava a gravidez há mais de três anos, e achava que nunca engravidaria, portanto, quando vi o resultado positivo de meu teste de gravidez, meu mundo virou de ponta a cabeça.

Tive uma gravidez tranquila, mas muito emocional: comecei, por exemplo, a sentir saudades exageradas da minha família. Luciano

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

veio com sua noiva nos visitar durante o quinto mês da minha gravidez, e fizemos um pequeno tour pela Europa. Meus pais vieram no final da gravidez e ficaram até o nascimento de Marcela. Parecia que, no momento em que o médico cortou o cordão umbilical de minha filha, ele o religou à minha mãe. Passei a sentir uma necessidade física de estar com ela: queria que ela estivesse cada vez mais perto, cada vez mais presente.

Desde o primeiro momento em que vi Marcela, percebi que me transformava em outra pessoa. Eu era mãe! Se, antes, me sentia uma menina – apesar de meus 30 anos, sempre me achei um pouco adolescente, ainda mais quando comecei a escrever para o público teen – com a gravidez, me transformei decididamente em uma mulher. Mas toda mudança traz crises: Eu, que era tão segura para tantas coisas na vida, comecei a ter medos idiotas, como viajar de avião e pavor de lugares

PERIGOSAS ACHERON

cheios. E fui munida de uma coragem que não conhecia, quando se tratava de proteger minha filha: Descobri uma leoa dentro de mim, disposta a qualquer coisa para manter sua segurança e bem-estar.

Quando Marcela completou seis meses, fizemos nossa primeira viagem ao Brasil com ela. Minhas tias Le-Li-Lo-Lu se desdobraram em amor e atenção – somente Charles não se sentiu muito homenageado com o nome que havíamos dado ao nosso vira-lata, que também fez sua primeira viagem ao Brasil, junto com o bebê. Duas ausências doeram especialmente em meu coração: de Vó Célia, que havia partido há quatro anos, e de minha querida amiga Marcela. Eu teria dado tudo para apresentar-lhes minha filha, para que vissem que ela era o ser mais lindo do mundo, e eu, a mãe mais feliz do universo.

Numa tarde, fomos visitar Adriano e Bibi, e

PERIGOSAS ACHERON

nunca me esquecerei do olhar saudoso de Fabiana ao segurar Marcela no colo. Talvez ela também tenha pensado em como seria a vida de Marcela, se nossa amiga ainda estivesse entre nós: será que ela já teria filhos? Será que teria sido uma mãe à moda antiga, ou mais moderninha? Será que nossa amizade teria resistido a todos aqueles anos?

Adriano também ficou muito feliz com nossa visita, e Vanessa e Matthias se entenderam muito bem, apesar de Vanessa corrigir seus erros de português (*“Mamãe, ele disse o casa em vez de a casa”*) e querer fazer Marcela de boneca algumas vezes. Tudo transcorria em muita harmonia e paz. Até o momento em que chegou mais uma visita.

Adriano abriu a porta para Léo – que aparecia sempre sem avisar, já que era padrinho de Vanessa e “de casa”, já em tom de festa, mas um pouco encabulado pelos reencontros não planejados daquele dia.

“Olha só, Léo, você não vai acreditar em quem está aqui hoje: temos visita ilustre aqui em casa. Venha ver a Duda, o Matthias e a Marcela!”

Cinco anos depois do nosso último beijo, eu abracei Léo com carinho e amizade – confesso que os hormônios maternos e anti-libidinosos liberados com a amamentação cumpriram direitinho com seu papel – e o apresentei a Matthias. Ele foi muito cordial e educado, mas foi quando busquei Marcela e lhe mostrei – ela havia tirado um cochilo no quarto de Vanessa – que meu coração balançou: seus olhos se encheram de lágrimas enquanto segurava minha filha no colo.

“Duda, ela é linda. É um anjo”, sua voz estava até um pouco embargada de emoção. Marcela acordara e olhava diretamente dentro de seus olhos, sem chorar. “Acho que ela está querendo me perguntar alguma coisa”, ele brincou, dando um jeito de esconder as lágrimas.

Eu ri, e não consegui esconder as minhas. O destino havia escrito a história de seu jeito, e Marcela era o ponto final da nossa. Um final decididamente feliz, um tratado de paz. Léo fez parte de minha vida, como eu fizera da dele, e nada no mundo podia apagar o que sentimos um pelo outro. Ele estava sinceramente feliz e tocado com a minha maternidade.

Conversamos um pouco mais e rimos muito, lembrando histórias do tempo de faculdade, de quando Léo e Adriano dividiam o apartamento. Até que a agitação de Vanessa nos indicou que era hora de partir: ela se desdobrava entre fazer Léo de cavalinho, subir nos ombros de Matthias, tentar pegar Marcela no colo e enlouquecer seus pais. Era muita coisa ao mesmo tempo para uma garotinha de cinco anos, por isso, nos despedimos e prometemos outras visitas — que só aconteceram agora, dez anos depois daquela visita, e sob

PERIGOSAS ACHERON

circunstâncias nada agradáveis.

Quando chegamos à casa dos meus pais, onde ficamos hospedados, e finalmente Marcela dormiu e pudemos ficar um pouco a sós no meu antigo quarto de solteira, percebi a mudança do comportamento de Matthias. Ele voltara calado por todo o percurso de volta, e tinha evitado falar comigo desde então.

Eu sabia que alguma coisa o estava incomodando.

“Diga”. Não precisei dizer nada além disso, nossa comunicação funcionava às vezes até bem demais.

Ele ficou me olhando por um tempo, como se procurando em meu rosto alguma coisa que eu não sabia.

“Você nunca me falou do Léo”.

“Claro que falei”, eu desconversei. Eu sabia bem onde ele queria chegar.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Falou que ele era um amigo de vocês. Hoje eu vi mais que isso”, ele disse devagar.

“Que absurdo, Matthias”, eu protestei, me fazendo de desentendida. “Você está imaginando coisas. Você não o conhecia, esse é o jeito dele com todo mundo!”

Matthias manteve-se sereno:

“Não tem nada demais. Só vi **um** história de amor mal **resolvido**”.

Eu reagi ofendida:

“Ah, não, Matthias, não vai começar a ver coisas onde não existem, por favor! De onde tirou isso, agora?”

“Do olhar de vocês, das lágrimas disfarçadas”, ele disse, sério. Depois levantou e fingiu arrumar alguma coisa na mala, enquanto eu balançava a cabeça, desaprovando seu comentário, com o maior bico de insatisfação que eu conseguia fazer.

PERIGOSAS ACHERON

“Bobagem esconder que vocês tiveram **uma** caso, Duda. Passado é passado. Mas é cientificamente interessante de se ver, as reações **da** coitado do Léo.”

Arrepiei-me quando ele acrescentou a frase que eu ouvira há tantos anos, da minha amiga Marcela, também falando de Léo:

“Ninguém manda no coração, Duda”.

32

Matthias era um pai maravilhoso e muito cuidadoso, uma grande ajuda principalmente no primeiro ano de vida de Marcela. Ele fez questão de falar somente alemão com ela, desde o início. Foi tudo planejado: eu falava português, ele alemão, a avó holandês, assim minha filha cresceu falando fluentemente três idiomas. Além de ter

PERIGOSAS ACHERON

aprendido italiano no último ano antes de voltarmos a morar no Brasil.

Marcela tinha herdado o melhor de nós dois: inteligente e interessada como seu pai, um pouco sonhadora como a mãe. Faladeira, desde antes de completar dois anos de idade ficava muitos minutos no telefone com as avós – a brasileira e a holandesa – e contava com detalhes como fora o seu dia, das suas bonecas, de Charles – nosso vira-lata – e de seus pais. Tinha interesse por tudo o que as pessoas estavam fazendo à sua volta e, desde muito pequenininha, era muito educada e atenciosa com todos. Mas também um ossinho duro de roer, questionadora e extremamente carente, além de muito agarrada comigo.

Moramos em Portugal até Marcela completar quatro anos de idade, depois nos mudamos novamente para a Alemanha. Eu fiquei muito nervosa com a mudança, porque tinha medo de

PERIGOSAS ACHERON

Marcela não se adaptar ao jeito alemão de ser. As crianças portuguesas eram um pouco como as brasileiras, e tinha meus receios com relação à falta de espontaneidade e carisma das crianças alemãs. Tive muitas e muitas brigas com Matthias até ceder. Só depois dele ter insistido muito, nós nos mudamos para Oldemburgo, perto da fronteira com a Holanda e da cidade onde sua mãe morava.

Colocamos Marcela num Kindergarten assim que chegamos, e agradei aos céus por Matthias ter falado alemão com ela desde cedo, pois o problema inicial, do idioma, já estava vencido. Fiquei surpresa com a velocidade com que ela se integrou – já uma semana depois que começou o Jardim de infância tinha sido convidada por duas amiguinhas para brincar em sua casa. Meu coração de mãe respirou aliviado por ver que minha menina estava bem e sobreviveria à terra dos alemães.

Só com Matthias que as coisas começaram a

PERIGOSAS ACHERON

ficar um pouco estranhas. Desde que Marcela havia completado três anos e começado a frequentar o Jardim de Infância, ainda em Portugal, eu comecei a sentir sua insegurança com relação à nossa diferença de idade – e de maneira geral a respeito da sua própria idade. Ele tinha 53 anos, os cabelos loiros começam a embranquecer e sua insegurança aumentava dia após dia.

Piorou quando mudamos para a Alemanha – um dia, quando ele foi buscar Marcela no Kindergarten e uma nova funcionária foi recebê-lo, ela anunciou sua chegada como “avô de Marcela”. Depois que percebeu a gafe, ela se desculpou muitas vezes, mas aquele comentário havia atingido seu ponto fraco, e, a partir daquele momento, assisti a insegurança tomar conta de um homem e transformar sua história.

Matthias andava ranzinza, nem parecia o homem bem-humorado que sempre fora. Apesar de

PERIGOSAS ACHERON

ser um pai zeloso e passar bastante tempo com a filha, ele evitava lugares onde outros pais estivessem – como playgrounds e parques, e levava Marcela para Museus e galerias de arte, e passava muito tempo no Jardim com ela. O trabalho da socialização era meu – era comigo que ela ia aos parques e zoológicos, era eu quem a levava para a casa de outros amiguinhos, pois Matthias só existia da porta para dentro.

Eu lutei contra isso, com todas as forças: tentava confrontá-lo com sua postura de vida até ali, com o psicólogo exemplar que sempre fora. Mas Matthias havia sido vencido pela própria insegurança. Também entre nós dois as coisas começaram a piorar: obviamente, não demorou muito para ele se convencer de que estava envelhecendo e de que, na cama, não seria mais o mesmo do começo. Nossa intimidade sofreu um grande baque, e, apesar de eu encarar o assunto de

PERIGOSAS ACHERON

forma racional e tranquila, Matthias começou a colocar em cheque o futuro de nosso relacionamento.

Tive a sorte de ter Beatriz perto de mim por seis meses durante a fase mais difícil de Matthias. Ela viera participar de uma pesquisa na Universidade de Bremen e ficou hospedada em nossa casa. Foi como se estivéssemos revivendo a nossa república em Porto Alegre: muitas festas do pijama, passeios e tardes maravilhosas regadas a vinho e bom papo. Quase tinha me esquecido como era bom ter um amigo de uma vida inteira ao nosso lado.

Com Beatriz, pude dividir um pouco a minha preocupação a respeito de Matthias e aquela fase complicada que atravessava. Parece que, somente ao falar no assunto, ele já perdia muitas toneladas do peso que estava carregando ultimamente.

“Não tente convencê-lo de nada, Duda. Tente

PERIGOSAS ACHERON

agir com naturalidade. Se para você e Marcela a idade dele não representar nada demais, isso será natural para ele também”, ela aconselhava.

“Mas como? Como parecer natural se ele só pensa, fala e age focado nisso?”

“Eu sei que é difícil. Já tentou procurar pessoas com o mesmo problema?”

Não tinha pensado nisso – nosso círculo de amizade em Oldemburgo tinha praticamente só pessoas acima de 50 anos. Éramos o único casal com filhos com menos de 20 anos de idade. Por isso, resolvi abrir mais os olhos com relação aos pais das crianças que estavam na mesma escolinha da Marcela.

Foi assim que conheci Ana Luíza e Lutz, ela brasileira do Ceará e ele alemão, casados há cinco anos e pais de Clara, uma garotinha de cabelos tão cacheados que as pessoas pediam para tocá-los na rua, fascinados. Ana Luíza era da minha idade, e

Lutz tinha 60 anos - tinha sido pai aos 55. Os dois eram novos em Oldemburgo e usei as muitas coisas em comum entre nós para tentar uma aproximação.

E deu certo. Ainda no último fim de semana de Bia em nossa casa, fizemos um grande jantar brasileiro em nossa casa. Na verdade, a ideia é que ele fosse pequeno: nós, Bia e o casal com Clara. Mas como brasileiro se multiplica, os dois perguntaram se podiam trazer mais um casal, que trouxe mais alguém, que trouxe mais alguém. Todos devidamente munidos de comida brasileira. No fim, 25 pessoas se espremiavam na minha sala, rindo e se divertindo muito.

Matthias sempre se sentiu muito bem entre brasileiros e resolvemos, a partir daquele momento, que todos os meses faríamos alguma coisa com esses novos amigos. Isso ajudou Matthias, que voltou a se sentir mais à vontade entre pessoas da sua idade ou não, e me tirou um grande peso dos

PERIGOSAS ACHERON

ombros.

Só não sabia que essa aproximação com brasileiros proporcionaria a próxima crise no meu casamento. Numa das festas brasileiras, alguém trouxe uma prima recém-chegada, Céia, uma cearense muito bonita, de rosto perfeito e corpo escultural. Céia era jovem, 23 anos, e logo se entendeu bem com Matthias, que era um apaixonado declarado pelo Nordeste brasileiro.

Os dois conversaram e riram muito durante a festa. Fiquei feliz por Matthias e não liguei quando a moça começou a encher o copo de caipirinha dele a cada cinco minutos. Também não liguei quando ela quis mostrar a ele como se dança um forró de verdade. Só quando Ana Luíza veio falar comigo, vermelha de raiva, é que percebi que algo estava errado

“Duda, essa sirigaita está dando em cima do seu marido na sua frente! Você vai deixar?”

“Que isso, Ana. Ela só está sendo simpática. Aqui na Alemanha, todo mundo dança com todo mundo”, argumentei.

“Pode ser, mas no Ceará não é assim. Lá, moça que se embesta com marido da outra é quenga”.

Ri, mas resolvi olhar a cena com mais cuidado. E vi que, realmente, Céia – Valdicéia para quem não lhe conhecia direito – estava praticamente esfregando os peitos na cara de Matthias, quando ele se sentou para descansar do forró.

Aproximei-me dos dois com calma, mas vi que metade das pessoas na festa – as mulheres brasileiras, pois o resto das pessoas nem tinha percebido o que estava acontecendo – prendia a respiração. Já previam uma luta com puxões de cabelo e unhas no rosto. Mas isso nunca foi meu estilo. Primeiro olhei para Matthias, e tive certeza

de que ele não tinha percebido as intenções da moça. Matthias, como muitos europeus, não conhecia de verdade todos os lados do temperamento brasileiro, não sabia separar simpatia e calor humano de sem-vergonhice e segundas intenções.

Falei diretamente com ela:

“Gostando da festa, Céia?”

“Sim”, ela respondeu sincera. “Muita gente interessante por aqui. Acho que a Alemanha vai me fazer muito bem”, disse, olhando para Matthias, sentado embaixo de seu decote. Até aquele momento, ela ainda não sabia que eu e Matthias éramos um casal.

Eu sorri. Sei ser gentil mesmo com sangue quente:

“Sim, a Alemanha é um país maravilhoso. Os brasileiros são muito queridos por aqui. Mas preciso te falar uma coisa. Vou te ensinar um

PERIGOSAS ACHERON

truque: Estenda o seu braço para frente.”

Sem entender muito bem, ela sorriu e estendeu o braço.

“Assim?”

“Isso.”, eu concordei, apontando para ela a distância entre a mão e o cotovelo. “A primeira coisa que você precisa aprender aqui é que essa é a distância que você tem que manter das pessoas por aqui. Qualquer coisa fora dessas medidas só é permitida se você tem um relacionamento com o outro”, sorri.

“Mas como eu vou fisgar um peixe se estiver longe da vara?”, ela gargalhou, divertida, querendo a aprovação de Matthias, que nesse momento, percebendo enfim o que estava acontecendo, tentava criar um buraco na parede com a força do pensamento, para afastar os peitos de Céia de seu rosto.

Eu ri também, ainda que falsamente:

“O problema é que certas varas já têm dono. Esse homem aí embaixo do seu decote, por exemplo, é meu marido”.

Céia ficou muito vermelha e sem graça, deu dois passos para trás e sumiu em algum canto da festa. Quando o sangue de Matthias voltou a circular em seu rosto, ele me pediu para ir embora. Eu já estava querendo mesmo uma desculpa para ir, e aceitei. Só fui ao banheiro antes, e lá, por azar, encontrei Céia, já refeita da nossa conversa.

Não a tratei mal, apenas sorri e entrei na cabine do vaso sanitário, enquanto ela retocava a maquiagem. Ao sair, ela ainda estava lá, me esperando. Cumprimentei a moça novamente com a cabeça, e quando ela viu que eu não a atacaria, resolveu falar comigo:

“Eu não sabia que ele estava com alguém. Desculpe-me.”, ela parecia sincera e eu fui

PERIGOSAS ACHERON

educada.

“Não se preocupe. Pode acontecer com qualquer uma.”

“Mas é sério”, ela insistiu. “Vocês não parecem um casal. Você nem olha para ele como sua esposa. E não estou falando da diferença de idade, é sério. Eu não conheço vocês, mas você não gosta dele como esposa”, ela quase cuspiu a última frase e saiu do banheiro, correndo.

Matthias e eu não falamos mais no assunto até o dia seguinte, quando ele me abraçou, me deu um beijo nos cabelos e disparou, com uma voz gélida, me deixando a sós em seguida:

“Foi a primeira vez que você teve ciúmes de mim. Me fez bem”.

O ruim de você ser casada com um psicólogo, ir em muitos seminários, ler muitos livros sobre o assunto, e principalmente, conhecer muito bem seu esposo, é saber que ele te conhece e

sabe tudo sobre você. Não era ciúmes. Nunca fora. Foi mais um sentimento de demarcação de território. Não me incomodei ao ver aquela moça dançando com Matthias, só resolvi falar com ela porque Ana Luíza chamou minha atenção e vi todo mundo comentando. Fiquei pensando no que ela me disse no banheiro e pela primeira vez tive medo de que o verão do meu relacionamento estivesse chegando ao fim. Pois quando o outono chega, as folhas amarelam e caem.

33

Obviamente que os fantasmas do passado sempre retornam nos momentos de crise. E eu, que mantinha Léo dentro da caixinha mental das recordações do passado, voltei a pensar nele. Vez por outra me lembrava dos seis dias de romance que tivemos, no beijo que trocamos há cinco anos em seu apartamento... Comecei a sonhar com ele

PERIGOSAS ACHERON

muitas vezes e me assustei sentindo saudades de nós dois como um casal.

E como pensamento é forma, obviamente não demorou muito para Léo se manifestar, como um espírito que respondesse a uma evocação. Numa tarde fria de inverno, em que estava sozinha e carente, recebo uma solicitação de amizade via Facebook. Léo queria ser meu amigo virtual. Estranhei ainda não estarmos conectados pela plataforma – eu não ligava muito para as minhas redes sociais. Mas quando vi seu nome ali, claro que aceitei.

Um minuto depois a janelinha de bate-papo começou a piscar. Léo me chamava. Meu coração disparou e eu me censurei por esse arroubo – era ridículo, afinal, não nos víamos, nem nos falávamos há cinco anos, e eu não tinha nada mais a ver com aquela menina que suspirava de amores pelo “chaveirinho da Bia”. Mas logo me lembrei da PERIGOSAS ACHERON

recaída, do beijo em seu apartamento e dos sonhos que andava tendo com ele.

Droga. Porque raios tinha que ter aceitado essa solicitação?

“Oi Duda. Meu Deus, a gente só se fala a cada cinco anos? Quis entrar em contato com você antes de chegar aos 40, por isso essa última tentativa de fazer com que você me veja com cabelos. Na próxima vez, posso já estar careca.”.

Bom humor ele ainda tinha. Como eu fazia para ignorar isso? Não tinha jeito.

“Oi Léo! Boa ideia. Daqui a cinco anos vai ser difícil sorrir enquanto as meias Kendall estrangulam a minha panturrilha”.

Nosso bate papo virtual se desenrolou por mais duas horas, quando falamos sobre o abrigo de animais sob seu comando, que andava muito bem, sobre meu engajamento na área, sobre nossos cães, trabalho, família... e sobre o coração. Léo estava

namorando há dois anos uma francesa que conheceu no Rio de Janeiro durante uma viagem. Namoro à distância, já que Marie era uma professora de Paris. Ela já havia ido ao Brasil três vezes para visitá-lo, e ele já havia passado um mês com ela em Paris ano passado.

“Que ótimo, Léo! E vocês tem planos para o futuro?”, perguntei, morrendo de medo da resposta e me achando idiota por isso. Óbvio que Léo não ficaria solteiro a vida toda. Ele estava naquela fase da vida em que as pessoas precisam fazer algo para ter uma família, filhos, um porto seguro. E isso eu já não tinha a oferecer há muito tempo.

“Não sei. Vou a Paris em setembro. Momento de decisões. Quem sabe podemos nos encontrar? Gostaria de ver vocês”.

Vocês. Mathias, Marcela e eu. E Marie. Ao imaginar a cena, nós cinco sentados a uma mesa, almoçando, despertou em mim sentimentos

PERIGOSAS ACHERON

contraditórios. Mas respondi que adorara a ideia e que poderíamos falar mais sobre o assunto em breve.

O tempo foi passando e eu não disse nada a Matthias. Algumas coisas colaboraram com o meu silêncio: Matthias parecia cada vez mais incomodado comigo, brigávamos à toa, ele começou a me fazer muitas perguntas sobre meu passado, a sair sem mim e sem dizer aonde ia, voltar cheirando à álcool e cigarro – sendo que ele não costumava nem beber nem fumar. Eu ficava cada vez mais tempo no celular teclando com Léo – coisas bobas, como o que achamos desse ou daquele filme... Mas quase todos os dias eu estava lá, ligada em Léo.

Quatro meses se passaram e chegou o mês de agosto. Não tirava da cabeça o fato de que em um mês Léo estaria na Europa. E para que tudo piorasse, minha editora me apresentou uma

PERIGOSAS ACHERON

proposta de um evento em Paris. Em Paris! Não em setembro, mas em outubro. Achei que esse era um recado do destino, e escrevi para Léo que não poderíamos nos encontrar, pois em setembro viajaria de férias com Matthias e Marcela para a Espanha e somente no começo de outubro iria a Paris.

Resolvi que já passara da hora de cortar o contato com Léo. De novo. Era um jogo muito perigoso. Nos últimos anos – aliás nas últimas décadas, todas as vezes em que me aproximara de Léo havia surgido em clima entre nós. E meu casamento não andava bem, eu precisava fazer alguma coisa para que as coisas melhorassem, e não o contrário. Assim, comecei a deixar de responder suas mensagens, ou respondê-las de maneira curta, para que Léo, como muitas vezes havia acontecido no passado, desistisse de mim.

Acompanhei pelo Facebook sua chegada à

PERIGOSAS ACHERON

Paris. Vi fotos de beijos e passeios de mãos dadas com Marie, que tinha uma beleza irritante, uma simpatia enervante. Todos os dias acompanhava seu mural na rede social, querendo saber o que tinham feito, se haviam postado outra foto romântica. Léo não postava as fotos, mas Marie parecia viciada em *selfies* e marcava Léo em todas as fotos. Criei uma relação de dependência dos dois, tão forte que cheguei ao ponto de checar o Facebook várias vezes ao dia – isso durante nossas férias na Espanha, enquanto Marcela reclamava que queria atenção e Matthias me olhava com cara fechada.

Percebi meu exagero quando um dia, minha filha começou a chorar do nada, enquanto estávamos tomando sol à beira da piscina: “Mamãe, por favor olhe para mim!”, Marcela virava meu rosto enquanto eu fingia prestar atenção nela, mas estava de olho no celular. Okay, eu tinha chegado

ao fundo do poço. Enfiei o celular na bolsa e daquele dia em diante, não olhei mais para o Facebook até o fim das férias.

Voltamos para casa, no último dia de setembro. As coisas começaram a melhorar em casa desde que havia parado de dar atenção ao Facebook – e a Léo. Matthias estava mais dócil e Marcela mais calma. Fiquei aliviada por pensar que Léo já deveria ter deixado Paris e eu poderia me sentir “livre” outra vez.

Só quis checar meu messenger uma última vez. Tinha até desinstalado o programa no meu celular, para não cair em tentação. Vi, então, algo que me derrubou: 35 mensagens de Léo estavam me esperando. 35! Tranquei-me no banheiro para lê-las e fui assaltada de novo pelos fantasmas do passado. Pelas mensagens, pude reconhecer em Léo vários sentimentos ao mesmo tempo: saudade, depois medo, depois desespero. Ele entrou em crise

PERIGOSAS ACHERON

com Marie, eles terminaram o relacionamento. Mas ele não havia deixado a cidade. Estava em um hotel e ficaria lá até o dia do evento da minha editora. Queria ter uma conversa definitiva comigo.

“Não podemos continuar vivendo dessa maneira, Duda. Eu preciso ouvir de você que não existe a menor chance de ficarmos juntos, nem em 50 anos. Eu preciso dizer para você o que senti e sinto durante todos esses anos”. Suas palavras me tiraram do eixo. Eram absurdas, eram imorais. Eram maravilhosas. Não havia possibilidade de não reagir a elas.

Escrevi de volta. Meu bom-senso tomou meus dedos e digitou:

“Léo, por favor não insista em uma história que ficou no passado. Volte para o Brasil, eu tenho uma família aqui”, foi o que achei mais sensato. Sua reação veio em segundos:

“Eu sei, Duda. Mas sou escravo de tudo isso

há muitos anos. Preciso me libertar de você. Me dê essa última chance de te ver. Me dê essa última chance de encerrar esse ciclo.”

Loucura. Insensatez.

O evento da editora seria em três dias, eu ficaria dois dias na cidade. Não sabia o que fazer. Comecei a roer unha, puxar cabelo, andar de um lado para outro em casa. Eu também precisava resolver essa história com Léo, de uma vez por todas. Mas o que faríamos? Assinar um tratado de distanciamento? Nos atirar uma última vez nos braços um do outro?

Resolvi que teria essa conversa definitiva com Léo. Colocaria, de uma vez por todas, um fim àquela história. Pediria que se acertasse com Marie, que vivesse sua vida. Diria que era feliz com minha família, e em nome do passado que tivemos, pediria com respeito que se afastasse.

Parti na data marcada sem dizer nada a

Matthias sobre meu encontro com o Léo. Decidi que, quando voltasse, contaria sobre meu passado com ele e a importância que esse relacionamento tinha tido na minha vida, mas que minha escolha tinha sido Matthias e Marcela, a família e o lar que construí com amor e dedicação todos esses anos. Ele era psicólogo. Ele entendia da importância de encerrar ciclos e colocar fim às coisas.

Aterrissei em Paris no Aeroporto Charles de Gaulle às 9h30. Nos meus compromissos para aquele dia estavam almoço com a editora às 12 h, entrevista a uma rádio local às 17 h, apresentação do meu novo livro às 19 h. E jantar com Léo às 21 h.

32-

Léo estava me aguardando já à mesa do restaurante do hotel quando desci. Meu primeiro

PERIGOSAS ACHERON

pensamento foi que os anos não haviam se passado para ele. Os olhos eram daquele mesmo menino que fora meu primeiro namorado, o sorriso do rapaz encantador da juventude, transformado agora num homem atraente e simpático.

Nos abraçamos longamente, e nada no mundo conseguia arrancar de mim a sensação de que estava fazendo algo errado. “Concentre-se, Duda. Você veio aqui colocar um ponto final nessa história com Léo”, dizia para mim mesma mentalmente, enquanto falávamos de assuntos banais e neutros, como se tivéssemos nos encontrado casualmente na lanchonete na frente da escola, em vez de termos marcado um encontro decisivo em Paris.

“Duda, primeiramente me desculpe por ter feito pressão”, foi ele quem fora direto ao assunto, depois que já estávamos na sobremesa. “Eu sei que não é justo fazer isso com você”.

“Léo, eu tenho 35 anos, você não me obrigou a encontrá-lo. Somos civilizados, adultos, podemos falar sobre qualquer assunto”, retruquei, fortalecida pela intenção de que esse último jantar de nossas vidas selasse um tratado de paz interior para nós dois. Hoje era dia de dizer o que não fora dito. Era dia de dizer adeus de uma vez por todas.

“Preciso de mais vinho”, Léo confessou, chamando o garçom. “Gostaria somente que você me escutasse, Duda. Não precisa falar nada se não quiser”. Eu tremia. Era uma daquelas situações na vida em que você quase pode tocar o seu medo, a sua insegurança.

Quando o garçom encheu novamente nossas taças e pousou a garrafa sobre a mesa, ele continuou:

“Eu precisava te ver. Precisava falar e encerrar esse capítulo de minha vida.” Seus olhos não encaravam os meus, era o vinho que recebia

toda a sua atenção. “Eu achei que fosse dar certo com a Marie”, ele parecia triste ao dizer isso e me senti culpada. Não sei pelo quê, não fui eu que fiz qualquer coisa para que seu relacionamento com Marie desse errado.

“Sinto muito, Léo. Pelas fotos, vocês pareciam um belo casal”, tentei ser simpática, não deixar transparecer que nutria um certo ódio por aquela desconhecida.

Léo bebeu a segunda taça de vinho rápido demais e encheu a próxima, como se ela fosse o recipiente para a coragem de que precisava.

“Eu quis gostar dela e acabei gostando. Mas não consigo me livrar das comparações, não consegui fazer com que ela se transformasse em você.”

Ai meu Deus. Ele estava entrando em um campo proibido, meus sinais de alertas disparavam. Mas estávamos ali para isso, não era mesmo?

“Não consegui me ligar de verdade a mais ninguém depois de nossa história, Duda”. Ele finalmente olhava para mim e foi minha vez de encarar o vinho, para fugir de seu olhar:

“Quando nos beijamos em Vitória naquela última vez, em meu apartamento....”

“Léo”, eu não queria que ele continuasse aquela história, não queria me lembrar. Para mim, ali havia sido a nossa despedida. Fora ali que eu encerrara o assunto, e ele continuou com ele por dez anos!

“Espere!”, ele me interrompeu. “Quando a gente se beijou, Duda. Eu senti que você também me amava, isso me perseguiu nos últimos dez anos da minha vida!”. Ele fez uma pequena pausa. “Eu tive esperança depois daquilo! Mas nada aconteceu, você teve uma filha... Então eu resolvi seguir minha vida, mas eu não consigo.”

Droga, eu não conseguia reagir. Arrependi-

PERIGOSAS ACHERON

me de estar ali. Para o inferno com o fato de sermos adultos. Eu queria fugir dali, não queria mais aquela conversa. Comecei a suar e olhar para os lados, pensando numa maneira de me levantar. Mas Léo continuou:

“Quando vi você com sua filha no colo, meu Deus eu me senti traído pelo destino! Marcela era para ser minha filha! Você era para ser minha esposa e não do Matthias! Eu não tive coragem de lutar por você! Eu fui um fraco!”

Léo chorava! Não de maneira ostensiva, mas discretamente. Lágrimas de um homem cansado e decidido a dizer o que não dissera por tanto tempo. E eu não tinha forças para dizer nada. Antes que falasse ou fizesse qualquer besteira, peguei sua mão. “Léo”, eu ia começar a dizer qualquer coisa, mas ele recusou a minha mão, enxugou as lágrimas e me interrompeu.

“Eu sei que é ridículo o que estou fazendo,
PERIGOSAS ACHERON

mas não conseguirei paz na minha vida se não tiver essa conversa com você, Duda. Preciso ouvir você me dizer que ama o Matthias. Preciso ouvir você me dizer que nunca teremos uma chance. Preciso dessas respostas: eu ainda tenho alguma chance na sua vida, daqui há 10, 20 anos? Você ainda sente qualquer coisa por mim? Descarte-me de uma vez de sua vida, Duda”.

“Léo, por favor”.

Por favor o que? Não havia nada para falar. Não tinha nenhuma resposta para as perguntas que Léo me fazia. Mas não poderia deixá-lo sem elas. Eu estava ali para descartá-lo. Estava ali para dizer adeus. Mas as palavras não vinham. Ficamos olhando um para o outro um tempo, até que sinalizei para o garçom e pedi que encerrasse a conta. Chamei Léo para dar uma volta comigo. Precisava que o vento já gelado de outubro me trouxesse de volta à realidade, não me deixasse cair

em nenhuma armadilha preparada pelo passado, pelo meu inconsciente, pelo meu desejo.

Caminhamos calados até a Champs Elysée, avistando o Arco do Triunfo ao fundo, imponente como um troféu. Como é que havia me metido naquela situação? Em minha mente, milhões de pensamentos bombardeavam minha razão, e meu coração me pedia aos gritos para fazer alguma coisa, para falar alguma coisa. Eu não conseguia fazer nada, só caminhar calada ao lado de Léo. Ele me estendeu a mão, eu a peguei. Caminhamos de mãos dadas até próximo ao arco, desviando de turistas felizes, vendo se aproximarem as luzes daquela atração turística que eu tanto admirava.

Uma coisa não mudara em mim durante todos aqueles anos: a capacidade de dizer qualquer coisa quando eu não sabia o que falar.

“Napoleão mandou construir o Arco do Triunfo, mas ele só foi inaugurado depois da sua

PERIGOSAS ACHERON

morte”, falei olhando para cima. Léo parou na minha frente, decidido. Achei que fosse falar algo sobre Napoleão, sobre o arco. Mas ele segurou meu rosto e me beijou.

Não serei hipócrita e dizer que não era isso que eu queria, lá no fundo. Eu havia marcado com ele para colocar um fim a situação, mas também queria uma última vez. Uma última “última vez”. O beijo de Léo me transportava para um lugar onde eu era eu mesma, onde me encontrava entre não saber o que estava fazendo e ter certeza do que queria.

Quando seus lábios se afastaram dos meus, morri de vergonha. Eu queria, mas não queria. Não queria trair. Não tinha esse direito. Léo também me olhou envergonhado:

“Duda, desculpa”.

Começamos a caminhar de volta ao hotel, e um anjo e um demônio me perturbavam no

PERIGOSAS ACHERON

caminho: eu deveria dizer a Léo já que deveríamos nos afastar, deveria pegar um táxi e sumir. Ou deveria puxá-lo para minha suíte e ter uma última noite com ele, antes de nos despedirmos para sempre. Eu voltaria, de uma forma ou de outra, para o meu marido e minha família. A pergunta era: minha consciência conseguiria viver com o peso de uma traição?

Queria que o caminho até o hotel durasse horas, mas logo estávamos já quase na frente dele. Quando chegássemos na porta, teria que me decidir e não saberia o que dizer. O que fazer. Segurei de novo a mão de Léo, e paramos na calçada, alguns metros antes do hotel. Eu precisava dizer alguma coisa já, antes de chegarmos. Lá talvez não conseguisse dominar minhas atitudes. A carne, ou o espírito, poderiam fraquejar.

“Eu amo o Matthias”.

Léo segurou o meu rosto para olhar o mais

fundo possível dentro dos meus olhos.

“Repita, por favor”, ele implorava, e eu não sabia mais se ele era masoquista ou provocador. Respondi sincera:

“Eu amo o Matthias, Léo. Temos uma família. Temos nossas crises, mas eu o amo.”

Léo soltou meu rosto. Olhou para o chão, sem coragem para me encarar.

“Eu preciso que você me diga também que não sente nada por mim”.

Aquilo era demais para mim. Não conseguiria, porque não era verdade. Óbvio que eu sentia algo pelo Léo. Não sabia o que era: amizade, nostalgia, atração... Algo que também me impedia de continuar a minha existência sem pensar nele, algo que faiscava quando nos aproximávamos. Um desejo de estar dentro do seu abraço, de sentir o gosto do seu beijo. E de tê-lo para sempre ao meu lado.

“Não sinto nada por você, Léo.”, disse, rendida. Sem muita credibilidade, sem vontade. Olhando para o chão.

Ele voltou a me segurar, quase com raiva da minha passividade.

“Duda, eu nunca falei tão sério na minha vida. Se você me disser que não sente nada por mim, e eu vou embora hoje de uma vez por todas da sua vida. Eu me mudo para a Rússia, viro eremita no Afeganistão”.

Segurei seus ombros também. Queria olhar dentro dos seus olhos e repetir a maior mentira do mundo. Mas não foi isso que fiz. Eu o puxei para perto de mim e roubei um beijo de despedida. O último beijo antes que nos separássemos para sempre.

Só que esse beijo foi interrompido de forma brutal. Fui derrubada por um empurrão, e só do chão percebi o que estava acontecendo. Alguma

PERIGOSAS ACHERON

coisa havia acertado Léo e me derrubado, e continuava a agredi-lo no chão. Essa coisa gritava palavrões, atingia Léo repetidas vezes com socos no rosto e me xingava também. A coisa era o Matthias.

34-

Fiz uma lista dos pontos turísticos no mundo que nunca sonhei em ter conhecido na vida. No topo da lista encontra-se o Commissariat de Police du 8ème arrondissement de Paris, o distrito policial onde Matthias, Léo e eu terminamos a noite. Não me despedi de Léo, nem da maneira certa nem da errada. E não voltamos a nos falar desde então, nem a nos escrever, nem a ter notícias um do outro até hoje. Ele deixou Paris com um dente a menos, os olhos inchados e o nariz quase quebrado. Matthias deixava Paris com uma mão fraturada e vários

PERIGOSAS ACHERON

ferimentos no rosto. Eu deixava Paris com o mesmo ferimento que os três tivemos na briga: o orgulho e o coração partidos.

Não houve explicação que sossegasse o coração de Matthias. Ali acabou o nosso casamento, mesmo que tivéssemos ficado juntos mais alguns meses sob o mesmo teto, em nome de nossa filha. Eu lutei com todas as forças para salvar o nosso relacionamento, mas a decepção de Matthias era grande demais. Ele não sabia o que fazer com aquele sentimento. E com o tempo, eu também comecei a me perder ainda mais dentro de mim.

“Eu não me **importar** com traição, Duda. Eu só quero saber do amor. Ele não existe mais.”.

Não adiantava eu dizer que o amava. Ele dizia que eu amava o pai da Marcela, o amigo Matthias, mas o homem eu havia deixado de amar há algum tempo. Comecei a achar que ele tinha

PERIGOSAS ACHERON

razão, mas continuei tentando a manter de alguma forma o nosso relacionamento, mesmo quando ele se mudou para a casa ao lado. Eu não queria me separar. Mesmo quando continuamos morando lado a lado mais três anos, apesar de estarmos separados. Mesmo quando ele se mudou para a Itália ano passado e fui atrás dele, já divorciada, para morarmos na casa ao lado, novamente.

Depois de já estarmos há um ano vivendo como amigos e vizinhos em Roma, tivemos uma conversa adulta, em que Matthias me pediu que, enfim, depois de quatro anos separados, fôssemos viver nossas vidas longe um do outro.

“Ou eu ou você. Um de nós terá que sair daqui, Duda”, ele me disse, com voz embargada, numa noite em que choramos muito, certos de que realmente nos amávamos como amigos, que sofreríamos com a separação principalmente por causa de nossa filha, mas que não poderíamos

insistir em viver numa bolha cor-de-rosa a vida toda. Justamente por amor a ela, pois Marcela estava cada vez mais confusa com a nossa situação.

Foi assim que voltei ao Brasil, há seis meses, para retomar minha vida perto dos meus pais. Com Marcela e sem a menor ideia de que meu passado seria remexido dessa forma, como um furacão.

35

Na sexta de manhã, levei Marcela para a escola e toquei a campainha da casa de Bibi. Sabia que Adriano estava no trabalho e Vanessa na escola, e queria ter uma conversa frente a frente com Bibi, antes que ela encontrasse Léo no fim de semana. Léo era um outro assunto, que eu precisava encarar também, num outro momento. Agora eu tinha uma outra prioridade: eu estava

com muita raiva de Bibi, e resolvi enfrentá-la sozinha. Sem a intervenção de Adriano, sem Vanessa, antes que a minha compaixão pelo seu estado de saúde me impedisse. Eu queria que ela sentisse a minha raiva.

Ela abriu a porta e por um momento me assustei com o que vi. Ela estava muito pior do que da última vez que nos vimos, há alguns dias: parecia ter perdido peso, as olheiras estavam enormes, estava pálida. Tentei ignorar tudo isso, não queria sentir pena nenhuma.

Entrei sem ser convidada, sentei-me no sofá da sala e ela me acompanhou calada, tendo certeza que o momento da verdade havia chegado.

“Duda...”, ela tentou começar alguma coisa, e eu a interrompi:

“Você tem alguma noção do que fez em minha vida? Você já parou para pensar onde os seus joguinhos chegaram?” A cada palavra o tom

de voz aumentava, e a raiva também:

“Sabia que acabou com o meu casamento? Você sabia que negou a minha filha o direito de crescer ao lado do pai que ama?”

Ela abaixou os olhos, sem coragem de me encarar.

“O que você é, Bibi? Um monstro? Você pode me dizer por que me persegue a vida inteira? Afastando-me de Léo, de Adriano, de Marcela? Por que fingiu ser minha amiga todos esses anos e se empenhou em destruir cada momento feliz da minha vida?”

Eu não tinha conseguido conter a raiva e gritava, não me importava se os vizinhos ouvissem, não me importava se Bibi estivesse com câncer, não me importava mais nada. Ela não era minha amiga, nunca fora. Eu não precisava ter nenhuma consideração com ela. Tudo o que ela havia feito comigo martelava na minha cabeça, e eu poderia

perdoá-la por tudo o que tinha feito comigo. Mas minha boa vontade passava quando pensava que ela tinha sido responsável, direta ou indiretamente, para que minha filha Marcela tenha sofrido por causa da separação de seus pais... quando me lembrava de todas as vezes em que a consolei porque estava com saudades do pai, todas as vezes em que chorou porque não podia ir rapidinho dar um beijo em Matthias, que estava a 12 mil km de distância de nós.

“Eu tenho pena de Adriano, por acreditar em você. Por ter que viver ao lado de alguém tão desprezível”, eu simplesmente sentia nojo dela naquele momento.

Bibi chorava. Ainda não me encarava, olhava para o chão e alisava os joelhos nervosamente, cada vez mais forte, cada vez mais rápido. Eu decidi que precisava me controlar. Fiz uma pausa para respirar, levantei-me e fui até a

janela, onde fiquei alguns segundos. Depois voltei, mais calma:

“Eu nunca fiz nada de ruim para você, Bibi. Eu gostava de você, torci para sua felicidade. Não consigo entender por que você me odeia tanto!”

Pela primeira vez ela me encarou:

“Eu nunca te odiei.”, ela disse, calma. Eu explodi:

“Você nunca me odiou? O que foi isso, então, que fez em minha vida? Não seja cínica, Bibi, não precisa representar! Adriano não está aqui!”. Minha raiva voltava a ficar incontrolável.

“Duda, eu sei que não tem explicação, mas se você me escutar...”

“Você vai me dizer o que? Que se meteu na minha vida por diversão? Por bondade? Oh! Devo mandar construir uma estátua em homenagem à santa Fabiana?”

Mal conseguia me controlar, mas uma força

maior que eu me freou a vinte centímetros de distância, impedindo que minha raiva se transformasse em violência. Continuei gritando:

“Por tédio resolveu escrever para o meu marido e encher sua cabeça com desconfianças, com mentiras para acabar com meu casamento?”

Bibi me encarou, em seu rosto finalmente o ódio que ela sentia por mim, sem a máscara da amizade. Ela gritou, provocativa:

“Não eram mentiras. Você realmente foi se encontrar com Léo em Paris. Você era casada e foi se encontrar com Léo em Paris! Ele me contou das conversas de vocês, você estava dando trela para ele! ”

“Mas você não tinha nada a ver com isso!”, gritei o mais alto que eu pude. “Não era a sua vida, não tinha nada a ver com você! Você não tinha o direito”.

Bibi levantou-se de uma vez, seu rosto estava

transfigurado de raiva.

“Você me atormentou a vida inteira, Duda! Você não tinha direito de se meter na minha vida, todos esses anos”, ela gritou, fora de controle.

Hein? Por essa eu não esperava. Gritei de volta:

“Está louca, Bibi? Está confundindo as coisas? Foi você que se meteu na minha vida! Foi você que, desde os 13 anos de idade, me perseguiu e fez de tudo para me prejudicar!”

Ela começou a andar de um lado para outro, puxando os cabelos. De repente, parou num canto da sala e começou a bater violentamente com a cabeça na parede. No começo, achei que estivesse fazendo drama. Até que começou a gritar, grunhir, quase como um uivo. Ela estava tendo uma espécie de surto.

Corri até ela, segurei seus braços sem entender direito o que estava acontecendo. Ela

começou a se debater, gritar coisas desconexas. Até desmaiar em meus braços.

Mais tarde, depois que o carro do SAMU chegou e a levou para o hospital, que Adriano chegou às pressas após meu telefonema, depois do atendimento e da conversa com os médicos, Adriano veio finalmente sentar ao meu lado na sala de espera do hospital. Ele parecia muito mal. Mais que isso, estava derrotado.

Eu estava sentindo um misto de vergonha, arrependimento, raiva e surpresa. Não tinha noção do que estava acontecendo ali, mas pela reação dos médicos e do próprio Adriano, não havia sido a primeira vez.

“Vamos tomar um café, Duda? Preciso te contar umas coisas.”

Saímos dali e fomos para a cafeteria do hospital, onde Adriano me contou as “coisas” de que não sabia. “Coisas” que não podiam justificar as ações de Bibi durante todos aqueles anos, mas que, pelo menos, indicavam uma direção dos motivos que haviam levado Fabiana a me perseguir, a se intrometer e querer mudar a minha vida.

“Uma vez, durante a gravidez, cheguei em casa e Bibi estava chorando, depois de quebrar tudo o que tinha a sua volta. Fiquei desesperado e ela me disse que ficou louca, por que você havia telefonado e dito que queria que ela perdesse o bebê.”

“O que?”, na minha indignação, aumentei o tom de voz. Adriano pediu para que eu me acalmasse, e continuou:

“Ela estava muito alterada, e entre muitas coisas, disse que Marcela havia pedido a ela que

separasse você de Matthias, de nós, de todo mundo. Nesse dia, percebi que havia algo muito errado com ela”.

Adriano bebeu mais um gole do seu café. Ele não me encarava, só olhava para a xícara na sua frente. Seu tom de voz era cansado, rendido.

“Depois de muita luta consegui levá-la ao médico. Resumindo tudo, ela está em tratamento há alguns anos. Achei no começo que fosse uma coisa passageira, estresse por causa da gravidez. Mas, infelizmente, foi detectado um transtorno psiquiátrico— entre outras coisas, ela tem um certo grau de esquizofrenia, que se manifestou mais forte em certos momentos da vida. Infelizmente, o grande alvo de suas crises sempre foi você, Duda.”.

Ele finalmente olhou para mim:

“Lógico que não foi sempre só você. Ela agiu em alguns momentos na família dela também, e

comigo também, eventualmente. Mas o psiquiatra nos explicou que os remédios e o tratamento poderiam manter as alucinações e as vozes sobre controle.”

Bibi tinha transtornos psiquiátricos, entre outros distúrbios era esquizofrênica. Isso eu não esperava. Não sabia como reagir direito a essa informação. Já havia lido sobre o assunto, mas nunca soube casos em que o doente tivesse fixação por uma pessoa só, ainda mais por tantos anos.

“Com o câncer, a quimioterapia e tantos remédios, as alterações de humor são constantes. Ela começou a ter consciência do que havia feito todos esses anos com você e começou a ter medo de morrer. Começou a sonhar com Marcela acusando-a de ter acabado com a sua vida. Está difícil manter o equilíbrio, para todos nós.”, suspirou.

“Você devia ter me contado, Adriano”,

segurei a mão do meu amigo com carinho e compaixão. Imaginava as batalhas que havia travado por todos esses anos. E intimamente agradecia aos céus por ter passado os últimos anos longe de Bibi e sua fixação por minha vida.

“Não achei que fosse necessário, Duda. A maior parte das coisas que ela fez com você eu desconhecia, ela me falou disso somente há poucos meses. E juro, a maior parte do tempo ela ficou sob controle.”.

Ficamos alguns minutos em silêncio. Adriano esfregou os olhos, cansado. Fomos dar uma volta, ele queria fumar. No lado de fora da cafeteria, ele tragou o cigarro e depois soltou a fumaça fazendo anéis no ar, como fazia quando tinha 20 anos. Não pude deixar de pensar novamente no tempo em que estivemos juntos, no rapaz apaixonado e sonhador de nossa juventude. Tive pena dele e de Vanessa, pela pessoa doente e imprevisível que tinham em

PERIGOSAS ACHERON

casa.

“Duda, eu queria pedir perdão em nome dela, por tudo que ela te fez”, ele pegou minha mão e eu abracei esse amigo, que agora respeitava mais do que nunca. Ainda dentro de seu abraço, eu tentei fazer com que ele não se sentisse tão mal:

“Dri, não tem que me pedir desculpas. Não foi culpa sua”, fui sincera.

Ele saiu do abraço para olhar dentro dos meus olhos:

“Eu amo a Bibi, Duda. Ela é a mulher da minha vida. Rimos e choramos juntos durante a vida inteira. Ela e Vanessa são a minha família”

Eu entendia sua dor. Queria encontrar palavras que traduzissem o que eu estava sentindo. Era raiva de Bibi, mas, ao mesmo tempo, sentia pena. Dela, dele, do seu destino.

“Lutei ao lado dela com esses fantasmas que lhe tiram a paz, Duda. Estava ao lado dela todas as

vezes em que teve crises. Quis entrar na sua mente, afastar esses monstros, calar essas vozes!”, a voz de Adriano estava embargada, seus olhos lacrimejavam.

“E agora, a batalha contra o câncer. Não quero perdê-la, Duda!”. Agora o choro rolava livre, Adriano, meu Adriano de outrora, carregava o mundo nas costas. Abracei-o novamente. Queria confortá-lo, queria dizer que perdoava Bibi. Mas não consegui, porque não era verdade.

Disse a ele o que consegui: que pensasse positivo, que tudo acabaria bem. Que ele era forte, que eles conseguiriam vencer mais essa luta.

Ele saiu novamente do abraço, pegou o celular e digitou alguma coisa. O meu celular vibrou nesse momento.

“Acabei de te mandar o telefone do Léo. Vocês precisam conversar, precisam se acertar, Dudinha.”

Olhei para a mensagem que acabara de receber. O número do telefone de Léo. Tive então certeza: Era hora de acertar os caminhos da minha vida. Era hora de consertar os erros do passado e encontrar o meu destino.

37

Só liguei para Léo alguns dias depois, depois que Bibi já havia voltado para casa e depois que os dois conversaram a sós sobre tudo o que aconteceu. Léo e eu falamos por quase duas horas ao telefone, colocando a limpo quase 35 anos de encontros e desencontros devido às intervenções de Bibi, mas também devido às nossas próprias decisões.

Seria muito fácil dizer que tudo que aconteceu conosco foi culpa de Bibi. Como Matthias mesmo disse, nós mesmos permitimos que ela interferisse em nossas vidas. Na verdade,

PERIGOSAS ACHERON

sempre temos uma opção de aceitar ou recusar as coisas como elas se apresentam em nossa vida. Temos a opção de lutar, de provar ao mundo que podemos escrever a história de forma diferente.

De qualquer forma, estávamos livres de diversas amarras do passado, e resolvemos nos encontrar. Não saberia dizer se ainda teríamos aquela química de antigamente, se ainda haveria interesse mútuo. Mas decidimos marcar um encontro para conversar, em nome dos velhos tempos e para terminar a conversa que iniciamos em Paris, há cinco anos.

Léo já estava sentado à mesa quando cheguei. Não consegui ir logo ao seu encontro. Encostei na parede na entrada do restaurante e fiquei olhando fascinada para aquele homem, brincando nervoso com as flores que havia trazido. Ele mexia comigo, eu não tinha dúvida. Meu coração estava aos saltos, minhas pernas bambas,

a pele arrepiada. Meu corpo fazia festa diante da visão de Léo, minha alma borbulhava de felicidade. Quando ele me viu, levantou-se e veio ao meu encontro, parando à minha frente. Pelo seu olhar, pude perceber que ele também estava emocionado. Um mundo de sentimentos, um mundo de explicações e perguntas nos olhos de nós dois calava nas palavras que não trocamos naqueles primeiros instantes de nosso encontro.

Léo pegou minha mão e nos sentamos. Ficamos ali, de mãos dadas, olhando um para o outro. Finalmente, nada nos separava. Só restava saber se ainda nos queríamos. Só restava saber se o tempo não havia levado para longe o sentimento, se havíamos perdido o momento certo, se não era tarde demais.

Não tínhamos essa resposta, mas se olhos conseguem sorrir, os nossos provavam aos quatro ventos que estávamos felizes em estarmos um com
PERIGOSAS ACHERON

o outro. E que queríamos mais.

Ele se lembrou das flores que havia trazido e soltou minha mão para pegá-las e entregar-me. Agradei com um sorriso, coloquei-as de novo no mesmo lugar onde estavam. Abri minha bolsa e tirei de lá um pedaço de papel amarelado, que entreguei para ele.

Léo olhou curioso, mas depois de alguns segundos abriu um grande sorriso. Pegou o papel com as mãos e leu em voz alta:

“Duda, eu já te amo desde a terceira série e te amarei para sempre. Quer casar comigo? Léo”.

Sorrimos, os dois. Léo colocou o bilhete – entregue e depois roubado há três décadas – sobre a mesa, afagou meus cabelos e eu me inclinei para ele, sem deixar de sorrir. Não precisava dizer nada, não queria atrapalhar esse momento por nada na vida. Toquei seus lábios com meus dedos, que ele beijou, para em seguida me puxar para si.

E nos beijamos. Devagar, suavemente, depois começamos, os dois, a sorrir dentro do beijo. Foi o beijo mais feliz da minha vida, com amor e carinho guardados durante 30 anos.

Assim que nossos lábios se afastaram, eu expirei aliviada. Como se tivesse corrido uma maratona. Eu ri, em seguida, da minha própria reação.

Léo também riu.

“Trouxe a bombinha de asma?”

Dei um tapinha nele e me ajeitei na cadeira.

“Para essa pergunta a resposta é não. Para a outra questão, a resposta é sim”.

“Não entendi.”, disse Léo, depois olhou para o bilhete e fez uma cara de espanto.

Eu dei uma gargalhada.

“Não estava falando dessa questão”. Foi a vez de Léo soltar uma gargalhada, e depois, como eu havia feito anteriormente, também expirar

aliviado pela boca.

“Fiquei preocupado, preciso mandar fazer um implante capilar antes de entrar na igreja com você. Me dê seis meses”. Que bobo. Léo continuava lindo, mesmo que – ou talvez exatamente por isso – uns fios de cabelo mais teimosos insistissem em pratear seu rosto.

Rimos os dois, e nos beijamos de novo.

“Você está me pedindo em casamento no nosso primeiro encontro?”, brinquei, depois do beijo.

“Não. Mas ainda pretendo pedir. Só que não só a você. Tenho que ter uma conversa com uma garotinha chamada Marcela, mas tudo bem devagar.”

Não sabia o que seria de nós, se realmente acabaríamos nos casando... O que aconteceria nos próximos dias, nos próximos meses. Mas uma coisa era certa: aquele era o primeiro de muitos

encontros.

“Então me diz, Duda, para qual pergunta a resposta é sim?”

“Na verdade, nem foi uma pergunta”, eu expliquei, acariciando sua mão. Nenhum de nós dois tinha vergonha de se expor, de mostrar o carinho e o desejo que controlamos por tantos anos.

“Uma vez, quando nos beijamos no seu apartamento, há quinze anos...”

“Ih, não me lembro mais”, Léo brincou.

“Princesa se lembra”, impliquei, e Léo deu outra gargalhada.

“Okay, Princesa não se recuperou do ciúme até hoje. Por isso, não tive mais nenhuma namorada direito”.

Rimos, e eu continuei:

“Naquele dia, você me disse que, se um dia eu quisesse algo mais....”.

“Eu sei”. Ele acariciou meus cabelos, não deixando de sorrir. “E você quer?”.

“Eu quero”.

...

Princesa entrou tremendo e desconfiada no apartamento, mas Charles correu em sua direção e abanava o rabinho com tanta euforia, que ela até parou de tremer e correu com ele para a varanda. Marcela correu atrás dos dois, para depois voltar para a sala e correr para o colo de Léo, que havia acabado de depositar a mala mais pesada ao lado do sofá.

“Você só trouxe Princesa? Achei que fosse trazer os outros também!”, ela tentava arrumar os cabelos bagunçados de Léo, e ele se derretia com seu carinho, fechando os olhos. No fundo, Léo era pior que Princesa, parecia um gato quando recebia um carinho de Marcela.

“Os outros estão no abrigo, eles moram lá. E

não caberiam aqui, sua mãe me colocaria para fora no outro dia”, ele riu.

“Com certeza”, eu gritei da porta, ainda empurrando uma das malas de Léo com os pés para poder fechá-la.

“Mas eu posso ir lá com você todos os dias se minha mãe deixar, não é?”. Ela olhou para mim e cochichou, como se eu não pudesse escutá-la. “Minha mãe é brava só no começo, mas se você fizer ela rir, ela não fica com raiva muito tempo”.

Léo riu e cochichou também:

“Obrigado pela dica. Se ela brigar comigo, eu posso ir dormir no seu quarto?”

“Está bem, mas se você roncar como o meu pai, vai dormir com Charles e Princesa na varanda”.

Soltei uma gargalhada e Léo fingiu estar bravo com ela, fechando a cara e depois envesgando os olhos numa careta. Marcela

começou a gargalhar gostosamente e fui abraçar os dois. Beijei Marcela na testa, Léo rapidamente nos lábios e fui até a varanda, deixando minha filha ajudar Léo a levar as malas para meu quarto – a partir de agora, nosso quarto. Depois de namorarmos por cinco meses, decidimos morar juntos na minha casa por um tempo, e fazer essa experiência como família. Se daria certo, só o tempo poderia dizer. Mas Marcela havia aceitado Léo com uma naturalidade que me espantou. E os dois se entendiam muito bem, como se conhecessem um ao outro por uma vida inteira.

Todo o resto havia ficado para trás – todas as confusões do passado, as intrigas de Bibi, nossos desencontros. Bibi estava melhor, a quimioterapia havia tido sucesso e por enquanto o fantasma do câncer havia se afastado. Nós também resolvemos manter uma distância saudável dela, o que Adriano aceitou com tranquilidade e ela

também. Eu não a odiava. Mas ainda precisava de algum tempo até que conseguisse perdoá-la. Eu sei que conseguiria.

Nada do que passou importa mais, afinal, eu e Léo nos amávamos - há muito tempo, e talvez ainda por muito tempo. Por meio das idas e vindas de nossas vidas, eu descobri que, muitas vezes, o amor é como capim resistente, que aparenta ter morrido e estar dizimado, mas, na verdade, está aguardando na espreita, até que na primeira oportunidade, um sopro de vida faça-o rebrotar. Aprendi que ele nunca morre completamente, mas que a sua seiva está percorrendo as raízes, transformando sua essência e sua existência em mato que cresce solto, ou fiozinho verde que aparece teimoso entre as pedras da rua. Não importa quanto tempo ele leve para renascer, crescer e preencher nossas vidas.

Hoje eu sei: agora eu finalmente havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrado o que estava procurando.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Este livro surgiu das memórias coletivas de adolescência – minhas, de minha irmã, das minhas amigas e primas. Somos todas Duda, Bia, Bibi, Marcela. Quero agradecer às amigas que tiveram paciência em relembrar comigo nossa adolescência – e especialmente à minha irmã Islene, por ter feito a revisão do livro. Muito amor envolvido!